

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

ROSÂNGELA DA SILVA MOREIRA

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO MÉDIO
NA PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE PROFESSORES**

Porto Alegre

2007

ROSÂNGELA DA SILVA MOREIRA

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO MÉDIO
NA PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Hillebrand

Porto Alegre

2007

Rosângela da Silva Moreira

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO MÉDIO
NA PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Aprovada em 23 de março de 2007, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vicente Hillebrand – PUCRS – Orientador

Prof. Dr. João Bernardes da Rocha Filho - PUCRS

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva - Unilasalle

*Dedico este trabalho a
meu marido por ser alguém que
me inspira a seguir adiante com
coragem e confiança e à minha
mãe, por seu amor e dedicação
sempre presentes.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores desta universidade por estimularem o meu fascínio pelo exercício de se perder e se encontrar, buscando sentido para desenvolver meu pensamento pela reflexão, sem me debruçar apenas no saber que já possuo, mas com a ousadia de pensar diferente da forma que sempre pensei, desde os tempos da graduação. Minhas (re)descobertas vão se construindo porque minha inspiração e motivação carregam a marca desses docentes, com o tratamento qualificado que imprimem a tudo que fazem, a tudo que pesquisam, a tudo que representam na educação.

Agradeço, com um carinho imenso e uma admiração profunda, ao meu orientador, Dr. Vicente Hillebrand, professor que me acompanha desde a graduação. Suas interrogações me propiciaram ficar inquieta e desconfortada, levando-me a um enriquecimento intelectual valioso, que se estende ao cotidiano de meu trabalho como professora, influenciando minhas práticas educativas e a maneira de enxergar a educação. Sua leitura paciente e minuciosa proporcionou reflexões e discussões que estreitaram mais ainda nossos laços de amizade e respeito pelo que fazemos e pelo que somos.

Agradeço aos meus colegas de curso por poder compartilhar com eles minhas angústias, dúvidas e alegrias; pelo incentivo a seguir adiante e acreditar nas possibilidades de crescimento que a vida oferece, visto que, nesse caso, contém um pouco da história de cada um, da vontade em acreditar que um mundo melhor sempre é possível quando se vivenciam valores que envolvem a solidariedade e o respeito.

Agradeço aos funcionários do curso que contribuíram para que esta pesquisa seguisse adiante: sua dedicação, seu interesse e seu incentivo tornaram meu estudo mais feliz e prazeroso à medida que o curso avançava.

Agradeço profundamente aos entrevistados por tornarem minha investigação algo tão sedutor e atraente a partir de seus depoimentos que trouxeram uma riqueza inestimável a meu estudo, proporcionando novos olhares a fim de compreender as relações interpessoais, motivando-me a seguir adiante, impulsionando-me ao conhecimento por meio da pesquisa.

Hoje, percebo que segui caminhos que me levaram à confecção de uma “tapeçaria de vida” com laços muito fortes; muitos pequenos laços entraram no meio do caminho, que foram frutos de um sonho, de uma necessidade em conhecer outras realidades. Muitos sonhos se realizaram e outros não, mas a vida tem essa característica que nos faz voltar ao ponto onde

está a nossa essência. Disso não se pode fugir... Por esse motivo, agradeço aos meus alunos adolescentes, aos meus colegas professores, aos meus amigos e àqueles anjos que passam por nosso caminho, por me fazerem sentir viva ao tornarem o dia-a-dia único, trazendo no inesperado, motivos para aprender a apreender, para questionar, para buscar autonomia e intervir socialmente com retidão ética, lutando pelas injustiças que esfarrapam o mundo.

RESUMO

Em sala de aula, complexo espaço de convivência entre docentes e discentes, há um cenário repleto de fatos concernentes à educação, acontecimentos, às vezes inusitados, estudos constantes, pesquisas instigantes, conflitos inevitáveis, teorias e prioridades onde se inserem os professores e os alunos. Assim, ambos encerram diferentes leituras do mundo para que possam compartilhar, embora cada um tenha suas necessidades relativas de acordo com seu percurso de vida, as suas características pessoais e sociais. Nesse meio propício para uma investigação, encontra-se este trabalho - a dissertação - que objetiva compreender como se estabelecem as relações interpessoais entre professores e alunos numa escola cujos discentes, em grande maioria, trazem episódios de reprovação. O estudo é orientado por uma abordagem essencialmente qualitativa, objetivando valorizar os aspectos subjetivos da vivência dos pesquisados e a forma como os sujeitos interagem no desenvolvimento da aprendizagem. A análise das entrevistas no que tange à percepção dos entrevistados mostra que o tipo de relação que se estabelece entre professores, alunos e a aprendizagem são aspectos indissociáveis; revela também que o professor ensina a partir de suas concepções e crenças, não havendo um modelo de professor a ser seguido, mas, por outro lado, aponta que o essencial é aceitar a forma com que cada um vê o mundo na sua individualidade. O desenvolvimento da autonomia - uma peça chave para a aprendizagem - começa com o professor, solicitando das escolas um tratamento que faça com que os docentes participem ativamente sem encapsulá-los em modelos pré-determinados. Verificou-se que um trabalho docente comprometido, contextualizado e participativo requer dos professores preparo didático, uma educação continuada em ambientes propícios para o diálogo e com condições de infra-estrutura. No relato de alguns entrevistados, foram apontados conflitos, indicando a necessidade do respeito aos limites que essas convivências exigem e que qualificam os sujeitos para que possam mostrar-se mais, tomar decisões e assumir seus destinos individualmente e socialmente. Algumas evidências nos entrevistados apontam que ações docentes empenhadas em reforçar a auto-estima dos alunos em contextos que possam confrontá-los com os problemas reais, também contribuem com a sua aprendizagem colaborando para que necessidades não atingidas sejam superadas e abram espaço para novas perspectivas de futuro. No ambiente escolar, o ato de aprender envolve o universo do conhecimento, as vivências e experiências de seus integrantes, proporcionando a diferentes

gerações conviverem comprometidos com o saber, o fazer e o ser, elementos relevantes no desenvolvimento da autonomia e na construção de cidadãos autênticos.

Palavras-chave: Relações interpessoais; aprendizagem; episódios de reprovação.

ABSTRACT

In the classroom, a complex space of relationship between teachers and students has a full scene of different facts in what concern to the education, events sometimes unusual times, constant studies, instigates research, inevitable conflicts, theories and priorities where the teachers and the pupils stay. Thus, both of them finish up different readings of the world they can share, however each one have relative necessities according to passage of their lives, their personal and social characteristics. In this propitious way for an investigation, there is my work – this dissertation – that objectives to understand how it establishes the interpersonal relations between teachers and pupils in a school whose learning, in great majority, bring episodes of reprovig. The study that is guided by an essentially qualitative boarding, objectifying to value the subjective aspects of the experience from researchers and the way how the citizens interact in the development of learning. The analysis of the interviews refers to the perception of interviewed the kind of relationship that establishes between teachers, pupils and the learning are indissoluble aspects; but discloses also that the teacher teaches from its conceptions and beliefs, not having a teacher model to be followed, but, on the other hand, it points that the essential one is to accept the form each one sees the world in its individuality. The development of the autonomy - special key for the learning - starts with the teacher, requesting of the schools a treatment that makes the professors participate actively without encapsulating them in daily pay-definitive models. It was verified that an engaged with the context structure and participation teaching work requires from the teachers didactic preparation, a continued education in propitious environments, a good infrastructure conditions for the dialogue. In the speech of some interviewed, it had been pointed conflicts, indicating the necessity of the respect to the limits that these relationships demand and they characterize the citizens so that they can reveal more, take decisions and assume their destinations individually and socially. Some evidences in the interviewed ones point that teaching actions in strengthening auto-esteem of the pupils in contexts that can confront them with the real problems, also contribute with the learning, their collaborating so that reached necessities are not surpassed and open space for new perspectives of future. In the environment of school, the act of learning involves the universe of the knowledge, the experiences and experiences of their integrant ones, providing the different generations to

coexist themselves with the knowledge, the act of making and being, elements in the development of the autonomy and the construction of authentic citizens.

Key-Word: Interpersonal relations; learning; reproving episodes.

RESUMEN

En las clases, complejo espacio de vivencia entre docentes y discentes, hay un escenario lleno de hechos concernientes a la educación, ocurrencias, a veces inusitadas, estudios constantes, instigantes investigaciones, conflictos inevitables, teorías y prioridades donde se incluyen los profesores y alumnos. Así, todos encierran distintas lecturas del mundo lo cual comparten, aunque cada uno tenga sus necesidades relativas de acuerdo con su trayecto propio de vida y sus características personales y sociales. En ese medio favorable a una investigación si halla este trabajo - la disertación - que tiene el objetivo de comprender como si establecen las relaciones interpersonales entre profesores y alumnos en una escuela cuyos discentes, la gran mayoría, traen episodios de reprobación. El estudio es guiado por un abordaje esencialmente cualitativo, tiendo por objetivo valorar los aspectos subjetivos de la vivencia de los investigados y la forma como los sujetos hacen interacción en el desarrollo del aprendizaje. La análisis de las entrevistas en lo que tañe a la percepción de los investigados nos muestra que el tipo de relación establecida entre profesores, alumnos y el aprendizaje son aspectos indisolubles; revela asimismo que el profesor enseña a contar de sus percepciones y creencias, no ocurriendo un modelo de profesor a ser ejemplo, pero, por otra parte, señala que lo esencial es aceptar la forma como cada uno ve al mundo en su individualidad. El desarrollo de la autonomía – llave-maestra al aprendizaje - empieza con el profesor que solicita de las escuelas un tratamiento que haga con que los docentes participen activamente sin encasillarse en modelos predeterminados. Ha sido averiguado que un trabajo docente comprometido, contextualizado y compartido requiere de los profesores una preparación didáctica, educación continua en medios propicios para el diálogo y condiciones de infraestructura. En el relato de algunos investigados, hubo apuntes de conflictos en que se aseñaló la necesidad de respecto a los límites que las convivencias exigen, los cuales cualifican los sujetos para que puedan mostrarse más, tomar decisiones y responsabilizar a sus destinos individual y socialmente. Algunas evidencias apuntan que las actitudes docentes que presentan ahínco en fortalecer la autoestima de los alumnos en contextos que los confrontan con problemas reales contribuyen con su aprendizaje, colaborando para que las necesidades no alcanzadas sean superadas para nuevas perspectivas futuras. En el ambiente escolar, el acto de adquirir conocimientos envuelve todo un universo de saberes, vivencias y experiencias de sus integrantes, ofreciendo

a distintas generaciones una convivencia comprometida con el saber, hacer y ser, elementos relevantes en el desarrollo de la autonomía y construcción de ciudadanos auténticos.

Palabras-clave: Relaciones interpersonales; aprendizaje; episodios de reprobación.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	18
3 O PROBLEMA	22
4 OBJETIVOS	23
4.1 Objetivo Geral	23
4.2 Objetivos Específicos	23
5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	24
5.1 Relações interpessoais em sala de aula: a compreensão intelectual e intersubjetiva	25
5.2 Relações interpessoais em sala de aula: o professor	27
5.3 Relações interpessoais em sala de aula: implicações no ensino e na aprendizagem	29
5.4 Relações interpessoais em sala de aula: o aluno adolescente	32
6 METODOLOGIA	36
6.1 O Foco da Investigação	37
6.2 As Questões Norteadoras	37
6.3 Sujeitos da Investigação	37
6.4 Instrumento de Coleta de Informações	38
6.5 Metodologia de Análise das Informações	38
7 A ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS	40
7.1 A percepção dos professores sobre a escola em que atuam	42
7.2 A percepção dos professores sobre as relações interpessoais na escola	47
7.3 A percepção dos professores sobre si e sobre sua atuação na escola	52
7.4 A percepção dos professores sobre os alunos e como estes atuam na escola	60
7.5 A percepção dos professores sobre os problemas que emergem nas relações interpessoais na escola	66
7.6 A percepção dos professores sobre as regras de convivências e a forma como	

estas afetam as relações na escola.....	74
7.7 A percepção dos professores sobre suas dificuldades para promover a aprendizagem na escola.....	80
7.8 A percepção dos professores sobre como é desenvolvido o exercício da docência na escola.....	85
7.9 A percepção dos professores sobre as relações de sala de aula que proporcionam avanços na aprendizagem.....	92
8 CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICE.....	107

1 INTRODUÇÃO

No mundo globalizado percebem-se mudanças significativas que aconteceram e outras que ainda estão acontecendo, possibilitando aos homens novos conhecimentos, novas formas de aprender e de se inter-relacionar. A interação humana revela-se complexa e está permanentemente ocorrendo sob a forma de comportamentos verbais e não-verbais, como sentimentos e pensamentos, gerando reações mentais e/ou físicas muitas vezes. As diferentes opiniões, sentimentos e percepções são provenientes de uma base interna nos sujeitos que envolvem seus conhecimentos prévios, seus valores, estilos de comportamentos e o contexto em que vivenciam socialmente. Trazendo essa perspectiva para o contexto escolar, percebe-se que um grupo de pessoas cooperativas, que integram esforços e conhecimentos, pode alcançar plena sinergia ou tornar-se tenso, quando a comunicação para o desenvolvimento do respeito à crítica e à cooperação não é alcançada.

O presente trabalho tem como objetivo compreender como se processam as relações entre professores e alunos, dentre muitos outros fatores que se inserem no contexto escolar e que apresentam relevância na aprendizagem, e como tais aspectos podem promover o resgate de alunos com episódios de reprovação. Este estudo permitiu aprofundar minha percepção e abrir espaços para novas discussões que facilitam vasculhar nesta “caixa de significados” que é a sala de aula, abrindo possibilidades para entendimentos de problemáticas que acompanham nossas vivências escolares e oportunizar, por meio da reflexão e da análise das informações, compreensões mais profundas e claras sobre as convivências entre docentes e discentes.

Percebo que nos ambientes compartilhados como a sala de aula, à medida que as interações vão acontecendo, as reações que emergem podem ser diferentes das que o professor estava esperando. A habilidade de o professor interagir com os alunos parece-me crucial na aprendizagem e na promoção de comportamentos adequados para se desenvolverem efetivamente e com mais autonomia. Se por um lado, sentimentos positivos podem causar repercussões favoráveis, por outro, os sentimentos negativos podem diminuir a interação entre ambos e causar uma queda ou interrupção de uma atividade, constituindo-se assim um meio instigante para uma investigação.

O propósito foi não somente analisar resultados, mas me impregnar com as falas dos sujeitos para verificar se os entendimentos alcançados modificam a forma com que me movo em sala de aula, no conhecimento e na escola. Percebo que, cada vez mais, os professores estão procurando qualificar as suas práticas educativas por intermédio de uma educação continuada. Dessa forma, esta dissertação também ambiciona contribuir para que os professores reflitam sobre sua atuação em sala de aula e a atuação dos alunos nas relações - professor versus aluno -, considerando os problemas que emergem desses contatos e a razão que proporciona avanços para que a aprendizagem aconteça.

Pretendo que a leitura seja prazerosa e reveladora sem ser conclusiva, pois afetaria sua própria gênese. Deve, portanto, se constituir em um instrumento de reflexão e que contribua na tentativa de tornar as relações entre professores e alunos mais sensíveis, respeitadas e significativas. Nesse sentido, é provável que uma aprendizagem construída em um clima em que um bom relacionamento provoque no sujeito condições para se apropriar e se mover ativamente no conteúdo, proporcione outros olhares que possibilitem modificar atitudes e comportamentos. Então, paro e me questiono: O que é na verdade um bom relacionamento entre professores e alunos?

No meu trabalho como professora, nesses longos anos de docência, percebo professores mais condescendentes com seus alunos, pais, muitas vezes, confusos no que se refere à autoridade, alunos com auto-estima equivocada e a sociedade solicitando mais e mais missões do professor e da própria escola. Dessa forma, insisto em tentar entender o que provoca um docente seguir adiante nesse contexto.

Percebo que as dificuldades escolares que os alunos encontram poderão conduzir a episódios de reprovações ou evasões escolares, sendo possível que estas não sejam somente

reflexo do insucesso escolar, mas acabem fazendo-os redimensionar a relevância desses acontecimentos em suas vidas, buscando, assim, novas alternativas para terminar os estudos.

Ao longo da dissertação, a idéia de Novaski (1988, p. 12) vai sendo perseguida, fazendo-me abrir espaços para mesclar diferentes vozes sem sufocar a minha própria voz.

Como são infindáveis as perspectivas desde as quais um assunto pode ser abordado, vemos aí então que a aprendizagem não termina nunca, o que torna perigosa, diria mesmo ridícula, a postura de quem se acha o dono do saber. Nesse particular vejo como é importante a arte de que deve estar de posse todo aquele que quer ensinar-aprender, arte de manter-se firme em suas convicções sem ser dogmático, e respeitoso das convicções alheias sem ser subserviente.

Entendo que a competência^{1.1} de um professor vai se solidificando na sabedoria de quem se movimenta pelo conhecimento sem a obrigação de saber sobre tudo, mas com o poder da pergunta e da abertura para novas formas de compreensão. Atitudes de bom senso e qualificação técnica possibilitam aos docentes sentirem-se à vontade para trafegar pelo conhecimento, com a responsabilidade de quem se prepara constantemente e pretende humanizar o ato de aprender. Com isso, procurei conduzir-me na investigação de forma autêntica e reveladora, buscando encontrar, junto com os meus entrevistados e com o aporte teórico com que fui me deparando, respostas e entendimentos sobre o trabalho docente que alicerçam o mecanismo de funcionamento nas interações humanas e promovem um cenário mais acolhedor e instigante para o desenvolvimento dos sujeitos.

^{1.1} Num sentido genérico, a competência está associada à capacidade do sujeito em utilizar vários elementos para abordar e resolver uma situação. Cabe ressaltar que no contexto escolar, a competência pode ser entendida segundo Moretto (2006) por meio da proposta de Philippe Perrenoud: “Competência é a capacidade do sujeito mobilizar recursos (cognitivos) visando abordar uma situação complexa.” Três aspectos são definidos como importantes:

- entender a competência como a capacidade do sujeito de “ser capaz de”;
- entender o verbo “mobilizar” no sentido de movimentar com a força interior dos sujeitos;
- entender que a palavra “recursos” exige além do conhecimento intelectual, recursos do domínio emocional dos sujeitos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos.”

Eduardo Galeano

As questões que deram origem à elaboração desta dissertação estão fortemente ligadas à minha trajetória docente e ao meu desenvolvimento pessoal e profissional. A coragem de aventurar-me por caminhos que levam ao conhecimento e a busca por uma compreensão mais ampla a respeito de problemas que envolvem a docência, são frutos da impossibilidade de ser indiferente aos problemas relacionados com o cotidiano escolar. Procuro compreender, não apenas como a realidade escolar se apresenta, mas como se representa e se manifesta, seja de forma subjetiva, seja objetivamente, tendo como sujeitos, alunos e professores.

Minha motivação pela docência instiga-me a buscar um sentido mais amplo para a Educação. À medida que vou delineando os objetivos de meu estudo, percebo que eles não se esgotam e que sempre são possíveis novos olhares para uma mesma realidade que nunca se acaba.

Vivemos num momento histórico de transformações radicais e surpreendentes da realidade social, que desafiam nossas compreensões teóricas como educadores comprometidos com a formação integral dos alunos. Segundo Grillo (2004, p. 78):

A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer, e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação.

Partindo da idéia do compromisso com o saber, o fazer e o ser, entendo que, para haver a aprendizagem profícua, um dos requisitos básicos é a busca da compreensão acerca das relações entre professores e alunos. Quando o que se propõe aprender relaciona o universo do conhecimento às vivências e experiências dos alunos e professores, é provável que eles se envolvam e estabeleçam conexões com o que vão aprendendo no cotidiano.

Iniciei em 1988 minhas atividades como professora de Matemática e Ciências no Ensino Fundamental e, ao concluir o curso de Licenciatura em Ciências com habilitação para a docência em Física, segui nessa disciplina no Ensino Médio. Muito cedo, percebi que as relações interpessoais são um dos componentes que revelam uma sala de aula. Senti, portanto, que era necessário aguçar a percepção e buscar leituras e estudos que permitissem entendimentos sobre esse tema, visando tornar a aprendizagem dos alunos e as minhas aulas mais atraentes e significativas.

Ao refletir sobre os comentários dos professores a respeito de suas relações no cotidiano escolar, quando cruzávamos pelo corredor da escola, num intervalo ou em uma reunião, fui entendendo que estudar como os professores percebem as relações em sala de aula também é uma forma de tentar superar as intransigências, os egoísmos, a acomodação e tornar-se um docente com um olhar mais inteiro sobre a educação.

Os anos foram passando e eu aprendendo que um professor só é vítima da acomodação quando não possui a atitude de ler a realidade criticamente. Logo, só poderia exigir competência dos meus alunos, se eu me tornasse mais competente. Esta tem sido uma tarefa bastante difícil, pois não há pedestal para um professor que objetive aprender a aprender e ter, no conhecimento, um motivo para criar repercussões na vida das pessoas, ver seus olhos brilharem ao exercitarem a autonomia em se assumirem como sujeitos da ação pedagógica, capazes de intervir na realidade com competência e discernimento claros.

Em 1998, aceitei participar da equipe diretiva de uma escola particular voltada para o Ensino Médio Regular e a Suplência, hoje Educação de Jovens e Adultos - EJA. Ao tentar enxergar o todo da escola, percebi que era preciso disponibilizar conhecimentos adequados às pessoas, às suas necessidades e às capacidades de cada um. No trabalho, no curso em EJA, presenciei históricos de reprovação e evasão escolares que desestimulavam os alunos, dificultando o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem. De forma semelhante, no Ensino Médio - regular e diurno - a situação se repetia, pois a escola permitia o ingresso de alunos com reprovações oriundos de diferentes escolas. Nesse contexto, deparei-me com situações em que era preciso transformar o que já estava sistematizado de forma dogmática e absoluta.

Percebi, desde o início, que os alunos necessitavam de um acompanhamento constante e que envolvesse a participação da família, dos professores e da própria escola como instituição de ensino. Hoje, continua-se a ter uma escola que possibilita dependência, pois a equipe diretiva e pedagógica acredita que a reprovação em uma ou mais disciplinas não deve caracterizar o insucesso de todo um ano letivo. Essa constatação foi e continua sendo para aquela escola uma tarefa complexa, pois é preciso ter um olhar questionador e ficar atento à essência de como as coisas acontecem, evitando, assim, confusões criadas ao se adotar modelos mal analisados e mal assimilados, resultados de modismos que apenas levam a mudanças breves e superficiais.

Atualmente, ainda trabalho nessa escola com as habilitações no Ensino Médio diurnos destinadas a adolescentes e na EJA. Decidi que era o momento de parar e olhar para o meu fazer, por isso, resolvi concentrar minhas atividades somente em sala de aula. Acredito que chegou o momento de dar à sociedade um retorno pelas muitas oportunidades que ela me ofereceu em desenvolver um trabalho pedagógico cuja intenção é o crescimento e a autonomia do ser humano.

Em meu ofício de professora nessa escola, onde há muitos anos realizo um trabalho com dedicação e interesse, desenvolvi esta investigação que pretende ampliar meus entendimentos com referência às relações interpessoais que se estabelecem entre professores e alunos. Neste momento, busco tornar o meu fazer pedagógico mais significativo, problematizando algo que me acompanha desde o início das minhas atividades docentes.

Da mesma forma, compreendo que os problemas existem e continuarão a existir porque os sujeitos estão se construindo ao longo da existência, nas suas diferentes fases, nos mais diversos contextos.

Não há nenhuma inteligência na idéia de acabar com os problemas, porque seria o modo de torná-los ainda mais problemáticos. Isso representaria uma visão positivista, tipicamente reducionista de conhecimento que pretende dar conta de tudo, porque reduziu o todo ao seu próprio tamanho. (DEMO, 2000, p. 48).

Tais palavras conduzem ao questionamento e à argumentação, abrindo espaço para a aprendizagem de algo novo, removendo as posturas da reprodução social, da repetição, da recompensa, da punição. Se houver a problematização, é possível pensar na busca de uma compreensão por meio da pesquisa. Encontro em Freire (2005, p. 29) fundamento e o estímulo que faltava para realizar este estudo:

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Ao tentar estabelecer um diálogo com a realidade em que os sujeitos estão inseridos, abre-se o livro que constitui suas vidas, possibilitando oportunidades para o desenvolvimento de pesquisa. Como princípio educativo, pesquisa é um dos pilares da educação emancipatória, que se viabiliza por meio de um contínuo e crítico questionamento de quem a assume.

Sobre professores, alunos e a aprendizagem, Freire (2005, p. 23) considera:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Nesse contexto, é possível encontrar respostas a problemas que possibilitam continuar uma caminhada e que de forma alguma é individual ou solitária. Desenvolver elevadas teorias sobre as relações interpessoais na educação não é o objetivo final deste trabalho, mas buscar entendimentos para os problemas que se apresentam é um princípio motor para seguir nesse caminho.

3 O PROBLEMA

Quando vários sujeitos habitam um espaço, cada um faz a sua leitura específica do mundo que o rodeia, verificando-se necessidades relativas pertinentes ao percurso de vida de cada um, bem como características pessoais e sociais. Esses sujeitos únicos buscam elementos com relações também únicas para se inteirar com aquilo que aprenderam e que fazem sentido para si mesmos.

Partindo da idéia de que um professor prepara sua aula objetivando conectar-se consigo mesmo, com os saberes e recursos disponíveis, mas também com os saberes dos outros, boas relações interpessoais mostram-se imprescindíveis nesse processo interativo, que se confronta, se compara e se reflete para poder avançar.

No trabalho, busquei depoimentos por meio de entrevistas, a fim de compreender como as relações interpessoais se estabelecem numa sala de aula e de que forma os sujeitos interagem no desenvolvimento da aprendizagem. A proposta da pesquisa é buscar respostas para a seguinte problemática: **Como se estabelecem as relações interpessoais entre professores e alunos numa escola cujos discentes, em grande maioria, trazem episódios de reprovação?**

4 OBJETIVOS

Apresentado o problema, defini os objetivos que pretendo alcançar nesta investigação.

4.1 Objetivo Geral

Compreender como se estabelecem as relações interpessoais entre professores e alunos numa escola cujos discentes, em grande maioria, trazem episódios de reprovação.

4.2 Objetivos Específicos

1- Verificar qual a concepção dos professores sobre as relações interpessoais no trabalho docente;

2- Verificar como os professores percebem a sua atuação e a atuação dos seus alunos nas relações em sala de aula;

3- Identificar, na visão dos professores, quais os problemas que entram as relações com seus alunos;

4- Analisar, na visão dos professores, suas relações em sala de aula que proporcionam avanços na aprendizagem e promovem alunos com episódios de reprovação.

5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Refletindo sobre aspectos que envolvem as relações em sala de aula, é importante destacar que há autores que contribuem de forma relevante para que se estabeleçam entendimentos mais amplos sobre a realidade pedagógica. Ao compartilhar saberes, abrem-se espaços para uma realidade multifacetada, porém intrigante e sedutora, revelando que toda aprendizagem é constante e inacabada.

Para Freire (2005, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento”, mas criar condições para sua construção, tornando o docente um ser inquieto na sua tarefa de ensinar. Envolver os alunos nessa atividade requer uma trama invisível, cuja trama nunca se repete na medida em que os alunos e professores não se adaptam, apenas se inserem, num permanente processo social. O autor aborda a idéia do “inacabamento” do ser humano, visto que é possível sempre ir além, pois somos seres “aprendentes” e aprendemos quando compartilhamos socialmente nossos saberes, independente do papel que representamos num grupo.

Assumo em minhas intenções educativas a postura de fazer com que professores e alunos vivenciem relações interpessoais, procurando promover o desenvolvimento dos sujeitos como forma de engajarem-se às exigências de igualdade e o respeito às diferenças, transformando-as em êxito, bem como assumindo posturas de oposição aos rótulos e aos insucessos como uma incapacidade de aprender.

A seguir, apresento as questões que abordam as relações interpessoais em sala de aula nos seguintes enfoques: a compreensão intelectual e intersubjetiva, os professores, implicações no ensino e na aprendizagem e o aluno adolescente. A abordagem desses temas se justifica pela necessidade em definir o campo epistemológico para esta investigação,

buscando, no conhecimento já construído, compreender como as relações interpessoais se estabelecem entre professores e alunos com os episódios de reprovação.

5.1 Relações interpessoais em sala de aula: a compreensão intelectual e intersubjetiva.

As relações humanas, também conhecidas como relações interpessoais, são acontecimentos que se verificam na família, na escola, no trabalho, na sociedade. Um dos aspectos mais importantes é a compreensão que temos dos outros, quando nos desafiamos a sentir o que os outros sentem e pensam. Sobre essas considerações Minicucci (2000, p. 41) ressalta:

Por intermédio da percepção sensorial formamos impressões sobre as pessoas e por meio de nossas experiências com elas. O comportamento (atitudes, conduta) das pessoas é que nos leva a percebê-las e julgá-las. Se nossas percepções e nossos julgamentos acerca dos outros são corretos, estabelece-se uma comunicação autêntica e torna-se possível uma relação interpessoal conjunta. Se a percepção e os julgamentos são errôneos, talvez surjam dificuldades que tendam a provocar relações interpessoais precárias.

Desenvolver estudos de como se estabelecem essas relações pressupõem entendimentos que permitem alargar a compreensão que temos sobre os sujeitos. Para Morin (2004) há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. O autor aborda que compreender significa intelectualmente aprender em conjunto. A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação, por outro lado a compreensão intersubjetiva comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. Sobre as relações interpessoais, compreendê-las é desenvolver uma comunicação, condição necessária, mas não suficiente se carecer em dar ouvidos às inúmeras vozes que compõem o sujeito, buscando conhecê-lo intersubjetivamente.

A sala de aula pode ser vista como um espaço impregnado de fatos, acontecimentos, estudos, pesquisas, conflitos, teorias e prioridades que provocam professores e alunos, colocando-os num inevitável desacomodamento. Coll e Martín (2004) consideram que não é incomum num grupo, encontrar pessoas brilhantes com traços de imaturidade emocional ou pessoas altamente capazes de resolver problemas pessoais sem o menor interesse pelo mundo que as cerca. Também é possível encontrar pessoas com dificuldades para se relacionar no âmbito interpessoal ou em situações de participação social e cidadã. Limitações como essas dificultam a vida dos que as rodeiam, reduzindo a capacidade de

colaborar com o desenvolvimento do grupo social do qual fazem parte. Por outro lado, os autores abordam que, por mais presentes que estejam nas intenções educativas da escola e dos professores, promover e apoiar aspectos emocionais dos alunos nunca poderá suprir a incidência decisiva que diz respeito à relação com os pais, sendo que outras figuras familiares também são importantes no que tange ao desenvolvimento e ao equilíbrio emocional daqueles indivíduos.

A educação em geral, e a educação escolar como parte dela, tem o objetivo fundamental de promover e facilitar os processos de desenvolvimento e socialização das pessoas, e, para conseguir isso, deve agir sobre o conjunto de capacidades^{5.1} envolvidas nesse processo. (COLL e MARTÍN, 2004, p. 25).

Conceber esse espaço de convivência não somente como um local de transmissão de informação, mas de construção de conhecimento e estabelecimento de relações, significa humanizar o ato de aprender. Portanto, podemos considerar que seja possível haver uma familiaridade entre os saberes curriculares que são fundamentais aos alunos e a sua experiência social que vivenciam como indivíduos, buscando compreender “[...] sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.”(MORIN, 2004, p. 55).

Portanto, entendo a postura de Freire (2005) quando diz que não é possível reduzir a prática docente ao puro ensino de conteúdos, sendo este um momento da atividade pedagógica. A decência, o testemunho ético, a preparação científica, a humildade e o respeito devem superar os conteúdos. Atitudes essas que, sendo percebidas pelos alunos, são importantes, pois revelam o esforço na procura da coerência quando o professor intenciona ensinar e aprender.

^{5.1} O modelo curricular adotado em 1987 por Coll (2004) propõe uma tipologia de capacidades organizadas em cinco áreas do desenvolvimento:

- cognitivas ou intelectuais, que se referem aos processos que os seres humanos desenvolvem para gerar conhecimento;
- motoras, que abrangem toda a área corporal, incluindo o desenvolvimento do corpo como ferramenta de comunicação e de relação com o ambiente;
- emocionais ou de equilíbrio pessoal, que se referem ao desenvolvimento emocional e afetivo dos alunos;
- de relação interpessoal, que se refere aos processos de interação com os outros;
- inserção e atuação social, que se referem à capacidade de agir com iniciativa no grupo social a que pertencem, de integrar-se no mundo do trabalho e de assumir co-responsabilidades com os problemas do grupo a que pertencem, bem como pelos da humanidade.

5.2 Relações interpessoais em sala de aula: o professor

É difícil imaginar alguém que passou pela vida sem um professor. Levando em consideração não apenas os aspectos formais de sala de aula, é provável que alguns professores deixem marcas não apenas no “quadro negro” da sala de aula, mas no “livro” que vai constituindo a vida do aluno. Nesta perspectiva, um professor pode revelar na sua maneira de ser, pensar e agir, com relutância ou facilidade, suas concepções de vida e intenções educativas.

Quando o professor objetiva conhecer-se, encontra um caminho de idas e voltas, incursionando pela sua pessoa, aguçando a percepção^{5.2} e reconstruindo significados. É provável que, na intimidade de suas convicções, objetive um equilíbrio entre suas características pessoais e profissionais para mostrar sua pessoa, da mesma forma que o exercício de compreender o mundo o auxilia a compreender sua prática profissional - algo que necessita ser testemunhado e/ou vivido. As palavras de Freire (2005, p. 97) revelam a importância da atenção do professor sobre seus alunos no sentido de tornar a aprendizagem mais democrática e verdadeira.

A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo, mas também de como o aluno entende como atuo. Evidentemente, não posso levar meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente "lido", interpretado, "escrito" e "reescrito". Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no "trato" deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola.

Os entendimentos que vamos construindo sobre nós, a sociedade e a educação determinam nossa postura pedagógica e nossa relação com os alunos. Voltando à questão das relações interpessoais entre professores e alunos, parece-me fundamental salientar que o professor não passa despercebido pelos seus alunos. Com um olhar progressista, entendo que a maneira com que eles nos percebem só faz aumentar nosso desempenho e nossa forma de intervenção mais democrática, dentro e fora das escolas.

^{5.2} “A percepção supõe as sensações acompanhadas dos significados que lhes atribuímos como resultado da nossa experiência anterior. Na percepção, nós relacionamos os dados sensoriais com nossas experiências anteriores, o que lhes confere significado (mecanismo de interpretação de informações).” (BRAGHIROLI, 2000, p. 74).

Kullok (2002) aborda que a relação entre o professor e o aluno requer papéis claros e definidos. Para o autor, as ações do professor deixam de ser verticais quando primam por um espaço mais prazeroso, com a preocupação no ato de aprender para que se transmita de forma participativa e conjunta por meio da adaptação, aplicação e até mesmo na criação de novas técnicas com vistas ao conteúdo a ser trabalhado.

Atualmente, o professor está imerso num mundo de transformações tecnológicas alucinantes e altamente globalizado. Há inúmeras formas de comunicação, tais como telefones e computadores, que permitem às pessoas irem se conectando e transmitindo informações numa rapidez inimaginável. É provável que, se a informação for compreendida, carregue em seu conteúdo algumas ferramentas para alcançar entendimentos, levando o sujeito a refletir sobre suas concepções e o que estas estão fazendo com ele. Com essa avalanche de informações, entendo que a prática docente nos coloca a necessidade de nos prepararmos ao máximo para estimular a pergunta e assumir a ignorância daquilo que não sabemos ou com o que não conseguimos lidar.

Neste contexto em que nós, docentes, estamos mergulhados, requer fortemente uma educação continuada e aliada à necessidade de manter vários vínculos de trabalho, muitas vezes em instituições com filosofias muito diferentes entre si, e cada vez mais exigentes. Dessa forma, constato a impossibilidade de exercer a atividade do magistério apenas quando estamos em sala de aula, por sermos educadores em tempo integral e nos mais diversos contextos.

Afora os modismos e a tentativa de adaptação a essa realidade, muitos professores não conseguem se encontrar em tal contexto, apresentando dificuldades que se podem refletir nas relações interpessoais e resultar em uma aprendizagem não satisfatória. É possível que em meio a essa explosão de novas tecnologias, um professor revele-se ansioso, camuflado e, muitas vezes, sem coragem para dizer o que realmente pensa ou não sabe o que realmente pensa a respeito desse momento. Assim, ele acostuma-se a viver com diferentes máscaras que atribue a si e aos outros. É presumível que, desejando ou não, cada máscara carregue um disfarce funcional para as diferentes situações que a vida oferece.

Partindo do pressuposto de que o ensino e a aprendizagem requerem a autonomia dos alunos, é preciso que anteriormente ela aflore no professor, levando-o a reconstruir o conhecimento para que possa intervir eticamente. Quando o professor adquire esse entendimento, a idéia da autonomia que busca desenvolver no aluno resulta em um processo de amadurecimento, sem uma data pré-estabelecida para ocorrer. Tal atitude pode estar centrada em experiências estimulantes e que levem à crítica, ao respeito e ao contínuo

desenvolvimento da responsabilidade. Professores que não controlam seus destinos, dificilmente poderão incrementar o desenvolvimento da autonomia em quem ensinam. Nesse sentido são importantes as palavras de Coll (2003, p. 133):

[...] é preciso que os alunos e as alunas percebam que os conhecimentos e as capacidades a serem adquiridos permitem aumentar a autonomia e a capacidade de controle da própria conduta, bem como experimentem que sua competência em relação a tais conhecimentos e capacidades aumenta.

Atender aos objetivos dos conteúdos de ensino, ter um bom relacionamento, informar, formar, construir conhecimento é uma tarefa muito difícil para os professores, pois por mais significativo que seja o método de ensino, de nada adiantará se a pessoa que o executa não estiver acima dele. Portanto, professores e alunos podem ser vistos como um experimento de vida em mudança contínua, na tentativa de novas soluções, novas imersões.

5.3 Relações interpessoais em sala de aula: implicações no ensino e na aprendizagem.

Becker (2001)^{5.3} considera que alunos e professores, numa perspectiva freiriana, podem avançar no tempo se o professor além de ensinar, passa a aprender; o aluno, além de aprender passa a ensinar, fazendo com que relações cristalizadas passem a ser fluídas.

^{5.3} Becker (2001) apresenta três modelos pedagógicos sustentados um a um, por uma determinada epistemologia:

- Pedagogia diretiva e seu pressuposto epistemológico

S←O (Sujeito/Objeto) O sujeito é determinado pelo mundo do objeto ou pelos meios físico e social. Na sala de aula quem o representa é o professor. Temos aqui uma pedagogia que configura a reprodução da ideologia, do autoritarismo, da coação, da heteronomia, da subserviência, do silêncio, da morte da crítica, da criatividade, da curiosidade. A disciplina é exercida com rigor, fazendo o aluno aprender a silenciar mesmo discordando. As perguntas são respondidas com velhas respostas, pois o futuro está simplesmente na reprodução do passado.

A←P (Aluno/Professor) O professor representante do meio social determina o aluno que é considerado tabula rasa a cada novo conteúdo. É um modelo baseado na repetição, no fixismo, na reprodução.

- Pedagogia não-diretiva e seu pressuposto epistemológico

S→O (Sujeito/Objeto) O professor é auxiliar do aluno, um facilitador. O aluno trás para sala de aula um saber que necessita apenas trazer à consciência. O professor deverá intervir minimamente, pois o aluno aprende por si mesmo. Esta epistemologia acredita que o ser humano nasce com o conhecimento programado na sua herança genética.

A→P (Aluno/Professor) O aluno, pelas suas condições prévias, determina a ação ou a não-ação do professor. O professor é despojado de sua função.

- Pedagogia relacional e seu pressuposto epistemológico

S↔O (Sujeito/Objeto) Esse modelo apresenta uma epistemologia relacional. Além de ensinar, o professor precisa aprender o que o aluno já construiu até o momento.

A↔P (Aluno/Professor) Nesse modelo, a tendência é superar a disciplina policialesca e a figura autoritária do professor, ultrapassando o dogmatismo do conteúdo. Trata-se de construir uma disciplina intelectual e de regras de convivência que proporcionam um ambiente fecundo de aprendizagem. Trata-se também de recriar conhecimentos que a humanidade já criou e, sobretudo, criar conhecimentos novos para velhas perguntas e→

O professor construirá, a cada dia, a sua docência, dinamizando seu processo de aprender. Os alunos construirão, a cada dia, a sua “discência”, ensinando, aos colegas e ao professor, novas coisas, noções, objetos culturais. Mas o que avança mesmo nesse processo é a condição prévia de todo o aprender ou de todo o conhecimento, isto é, a capacidade construída de, por um lado, apropriar-se criticamente da realidade física ou social e, por outro, de construir sempre mais novos conhecimentos. (BECKER, 2001, p. 27).

No processo de ensino e de aprendizagem, pretende-se que o aluno seja sujeito e construtor do processo. Para que a aprendizagem se desenvolva, pressupõe-se que seja preciso estabelecer uma relação entre alunos e professores, um universo que contém diferentes contextos de vida, que convergem para o espaço da sala de aula. É consenso que um bom relacionamento traz consigo a idéia de diálogo, de participação, de críticas, de respeito, enfim, um clima que permite rever concepções e levar a outras para que possam ocorrer mudanças significativas.

Silva (2002, p. 66) considera que “[...] não são os conteúdos que vão estabelecer uma ligação entre professor e aluno. É o tipo de relação que se estabelece entre eles, que dá condição para o desenvolvimento da aprendizagem, independente de quais sejam os conteúdos.” Desse modo, abordar relações em uma sala de aula leva à impossibilidade de separar professores-alunos-ensino-aprendizagem, sendo impossível refletir sobre um sem relacionar os demais. Portanto, o ensino e a aprendizagem qualificam os sujeitos, mas que somente existem porque eles estão envolvidos e tem algo a buscar.

A necessidade do homem de se desenvolver é tema de Vasconcellos (1993, p. 12) na citação a seguir:

O homem é o único animal cultural; por suas características próprias ele desenvolve modos de resolver problemas, concepções de mundo, artes, que vão sendo assimiladas pelas novas gerações, seja para facilitar a sobrevivência, para encontrar o sentido das coisas ou mesmo por uma necessidade menos imediata, como é o caso do desenvolvimento artístico. Há necessidade, portanto, de se apropriar da herança cultural. O acesso à cultura pode se dar de várias formas, sendo a escola uma forma privilegiada.

De uma forma ou de outra, professores e alunos produzem conhecimentos para se manterem atualizados, perpetuando sua cultura e sua espécie. O ser humano constrói suas teorias interagindo com a realidade, a partir de suas crenças e conhecimentos. É bem possível que a maneira com que o professor trafega pela sala de aula faça emergir no aluno a

motivação para desvendar seus enigmas e problematizar aquilo que ele considerava verdadeiro ou absoluto.

Partindo da idéia de que o que vemos e percebemos é uma manifestação da realidade, é preciso estar atento ao que cega nossos sentidos, pois nossos ídolos podem ser, em essência, nossos conhecimentos prévios sobre fatos e acontecimentos que investigamos. Segundo Grillo (2004, p. 79):

Todo aluno traz para a sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida.

Nesse cenário, relações conflituosas podem emergir em virtude das vivências de cada um, o que não desmerece o ato de ensinar e aprender. Para Esteban (2002), na prática dos professores, há necessidade de superar o conflito entre caos e ordem e assumir a sala de aula como um espaço onde predominantemente há caos e ordem. É possível atribuir diversos sentidos tanto para um quanto para outro, sem que nenhum deles assuma isoladamente o valor positivo ou negativo.

Fazendo uma reflexão sobre o ato de aprender, Demo (2000) considera que aprender não é manejar certezas, mas trabalhar com inteligência as incertezas, sendo uma função tão vital que se confunde com a vida. Para o autor, a idéia de que o aluno aprende o conteúdo com mão própria, de maneira individual e coletiva é clara e transparente. Na sua concepção, o aluno necessita ter a chance de errar, de debater, de testar, de discordar, de argumentar e buscar soluções próprias para o que foi problematizado.

Também é possível considerar que a forma pela qual ensinamos pode não ser a melhor ou a mais adequada a um determinado grupo de alunos, gerando um aprender cujos alicerces não estão solidificados na autonomia dos sujeitos. O aprender requer uma estrada de mão dupla, cujos condutores são professores e alunos; e a estrada, o contexto em que se inserem suas relações de vida. Dessa forma, aceitar uma realidade sem questioná-la demonstra uma visão muito superficial do mundo, que não leva ao fundamento das coisas, a razão da existência.

Com isso, os episódios de reprovação e até mesmo a evasão que assombram o cotidiano escolar, podem estar ligados a um fracasso não somente do aluno, mas da família, do grupo social a que pertencem e das instituições escolares, por não terem sido capazes de lidar com os segmentos da educação a que se destinam. O desempenho que esperamos dos

alunos pode ainda conter “ruídos” entre o que o professor objetiva e aquilo que o aluno entende que ele objetiva. Complementando essa idéia, Oliveira (1997, p. 46) admite que:

A problemática do erro e do fracasso na escola relaciona-se, evidentemente, ao desempenho intelectual dos alunos e ao confronto entre desempenho esperado, ou desejável, e aquele demonstrado por diversos indivíduos e grupos.

No espaço da sala de aula, temos alunos que, quando obtêm uma qualificação não satisfatória, querem saber do professor o motivo pelo qual não a atingiram. Percebe-se nessas a atenção centrada nas ações necessárias para alcançar o objetivo que buscavam e, então, superar o desafio do encontro com seus limites. No entanto, há outros que vêem que seus erros são fatos que confirmam suas dificuldades que se referem à tarefa ou à sua incompetência para realizá-la. Isso os leva a perceber o erro como um fracasso. A esse respeito, Carvalho (1997, p. 12) afirma:

Quando associamos erro e fracasso, como se fossem causa e consequência, por vezes nem sequer percebemos que, enquanto um termo – o erro – é um dado, algo objetivamente detectável, por vezes até indiscutível, o outro – o fracasso – é fruto de uma interpretação desse dado, uma forma de o encararmos e não a consequência necessária do erro.

É interessante pensar que, se o aprendiz conseguir perceber suas forças e fraquezas, e desassociar a idéia de erro frente ao fracasso, ele poderá mover-se com maior desenvoltura na vida pessoal e profissional, fazendo opções mais conscientes e seguras. Da mesma forma é possível considerar que um adolescente que está acostumado apenas a acertar poderá encontrar dificuldades em encarar os erros e os fracassos ao longo da sua vida. Nesse caminho que envolve a busca da identidade, há uma preocupação em manter a unidade de sua própria personalidade e continuar sendo ela mesma através do tempo. Para Ferreira (1995, p. 140), “[...] a identidade jamais é algo estabelecido, permanente e estático. Está constantemente em evolução até a morte”.

5.4 Relações interpessoais em sala de aula: o aluno adolescente.

“O termo ‘adolescência’ deriva do verbo latino ‘adolescere’, que significa crescer e corresponde ao período de crescimento acelerado entre a infância e a maturidade.”

(FERREIRA, 1984, p. 21). Essa é uma etapa em que as mudanças físicas e anatômicas estão aliadas a mudanças na conduta social e no próprio “Eu” do adolescente. Um período que revela traços de mudanças biológicas, desenvolvimento sexual e cognitivo, características emocionais, morais, sociais e religiosas na vida do adolescente, resulta em objeto de pesquisa para vários estudiosos.

Salles (1998) argumenta que a infância e adolescência têm características específicas de acordo com o nível econômico e social a que o jovem pertence, o que acaba determinando diferentes formas de ser adolescente, ou seja, seu comportamento, aspirações e responsabilidades estão relacionados com a classe social à qual fazem parte. Para a autora, o adolescente se caracteriza pelo seu papel social indefinido, o que resulta num *status* intermediário e provisório, que o leva a ser tratado ora como adulto, ora como criança. Salienta, ainda, que o conceito de adolescente e adolescência está ligado à sociedade industrial, portanto pode se prolongar cada vez mais, principalmente na classe média, dada a crescente extensão da vida acadêmica.

As modificações corporais que ocorrem na adolescência, inserem esses sujeitos no mundo adulto, passando de uma situação de dependência para uma situação de independência. No momento em que o adolescente retoma seu passado com a finalidade de planejar sua vida e preparar-se para o futuro, ele precisa ser capaz de deixar a situação de dependência e os papéis da infância, definindo então sua identidade. Sobre as atitudes comportamentais dos adolescentes, Ferreira (1995, p. 142) considera:

Ao iniciar a adolescência, os jovens apresentam comportamentos, muitas vezes, contraditórios. Os entusiasmos repentinos são seguidos de desinteresse. As manifestações de autonomia são intercaladas por atitudes de dependência. O sentimento do grupo é alternado por profundo sentimento de solidão. Do ativismo, passam à passividade.

É provável que, na tentativa de elaborar as perdas que ocorrem da infância para a adolescência, o adolescente apresente flutuações de humor, percebidas muitas vezes na sala de aula e aliadas com certa desorientação temporal, pois as urgências são enormes e as postergações, muitas vezes, podem ocorrer de modo irracional.

“Os jovens sentem a necessidade de associar os papéis e as suas habilidades com modelos ocupacionais do momento. Têm necessidade de assemelhar-se às pessoas que admiram e procuram imitá-las em seus papéis.” (FERREIRA, 1995, p. 33). No sentido de adquirir uma possível identidade no espaço escolar, percebe-se que as diferenças se entrelaçam e que turmas vão se formando.

A organização das turmas tem, portanto, o objetivo de autoproteção, a necessidade de se defender dos perigos da autodifusão. Forma-se o sentimento de identidade do ego, como salvaguarda do indivíduo, contra a anarquia dos seus impulsos biológicos e contra a severidade de sua própria consciência. Adquirindo a identidade do grupo, o jovem se defende contra a difusão de papéis e consegue, assim, sentindo-se igual aos amigos, pela roupa, pelos gestos, pela linguagem, nesta identificação, vencer as dificuldades do momento. (FERREIRA, 1995, p. 35).

Também é possível, quando vemos o adolescente introspectivo, que ele esteja buscando refúgio no seu mundo interior e/ou já esteja se preparando para alguma forma de ação. A resistência apresentada por muitos adolescentes, ao sair dessa fase, pode estar ligada ao esforço de que necessita para se desligar emocionalmente dos laços familiares, a fim de preservar o seu sentimento de identidade. As reflexões de Ferreira (1995, p. 107) salientam as lutas internas que acompanham os adolescentes:

O grande problema do adolescente de encontrar-se a si próprio e seus objetivos é resultado das lutas internas de sua nova vida impulsiva e da maneira como está fixada nele a organização de sua personalidade. Tudo depende da realização ou do fracasso destas lutas internas.

Desse modo, vai se estabelecendo uma hierarquia de valores que o acompanham durante toda sua existência e são elementos que constituem o projeto de vida deles. Se houver afetividade no espaço da sala de aula, há boas possibilidades de que o respeito mútuo se estabeleça, um valor necessário para o desenvolvimento das relações pessoais em qualquer meio em que estejam os sujeitos, fazendo, assim, fluir com mais facilidade a aprendizagem.

Para Salles (1998), na adolescência há um aumento da capacidade de generalizar, de lidar com abstrações, com o conceito de tempo e futuro, de testar hipóteses, de identificar-se fora do seu meio, de tomar decisões. Também se verifica o aumento da capacidade de raciocínio, na área do desenvolvimento cognitivo, que possibilita o jovem pensar abstratamente. Quando o adolescente se sente impotente diante da realidade, poderá ser impelido a uma onipotência de idéias, verificada pelo aumento da intelectualização, como uma forma de superar sua incapacidade de ação.

Mudanças verificadas no desenvolvimento cognitivo, no autoconhecimento, permitem um olhar diferenciado do adolescente, da escola de hoje e da escola da infância. Investigando sobre a adolescência, Zagury (2002) argumenta que o adolescente estuda porque acredita que é importante para sua vida, mesmo verbalizando que a escola está ultrapassada ou fora da realidade. Seus resultados de pesquisa mostram que a escola é valorizada por contribuir para a aquisição do conhecimento, para a realização pessoal e também como

ascensão social. Também considera que, apesar de todos os problemas que vêm afligindo a educação no país, os adolescentes ainda vêm com muito bons olhos a atuação de seus professores.

De acordo com os argumentos apresentados até aqui, acredito que, mesmo com todas as limitações que apresentam as instituições escolares, elas ainda são um lugar em que gerações e mais gerações convivem com o exercício do respeito e a orientação, em que o saber é valorizado e, mesmo com seus erros, problemas e dificuldades, o ser humano se socializa, aprende a conviver em grupo, desenvolvendo valores para viver em sociedade, buscando assim, ao intervir no mundo, construir a sua cidadania.

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa segue uma abordagem essencialmente qualitativa, buscando valorizar os aspectos subjetivos a partir da vivência das pessoas entrevistadas. Nesse sentido, busquei construir novas compreensões sob a perspectiva dos sujeitos, valorizando e ampliando os diferentes entendimentos que estão em mim e nos investigados.

As informações obtidas nas entrevistas foram submetidas a uma análise textual qualitativa (MORAES, 2005), com a pretensão de compreender a percepção que observei na manifestação dos envolvidos, por meio de uma intensa impregnação das suas falas, cercada de valores, ideologias e contextos. Desse modo, cabe ressaltar que a linguagem surge como um elemento essencial, visto que está presente em todo o processo como ingrediente que constitui suas narrativas e a compreensão construídas.

Para Morin (2004, p. 102), “Compreender é também aprender e reaprender incessantemente.” Os fenômenos não se esgotam e podem ser retomados sempre com maior profundidade nas idas e vindas do sujeito, pois sempre é possível ampliar as descrições, interpretações e compreensões da realidade.

Portanto, conclui-se que uma investigação parte da teoria e é concluída com mais teoria, na medida em que a pesquisa ambiciona ampliar os entendimentos teóricos dos fenômenos que surgem ao longo da aprendizagem.

6.1 O Foco da Investigação

A presente investigação envolve, como já mencionei, as relações interpessoais entre professores e alunos com a finalidade precípua de obter alguma resposta à pergunta: **Como se estabelecem as relações interpessoais entre professores e alunos numa escola cujos discentes, em grande maioria, trazem episódios de reprovação?**

6.2 As Questões Norteadoras

Nesta investigação busquei respostas à questão-foco com base nas questões norteadoras a seguir:

- 1- Qual a concepção dos professores sobre as relações interpessoais no trabalho docente?
- 2- Como os professores percebem a sua atuação e a atuação de seus alunos nas relações de sala de aula?
- 3- Na visão dos professores, quais os problemas que entravam as relações com seus alunos?
- 4- Na visão dos professores, suas relações de sala de aula proporcionam avanços na aprendizagem e promovem alunos com episódios de reprovação?

6.3 Sujeitos da Investigação

Os sujeitos da investigação foram professores que pertencem a uma escola de Ensino Médio diurno em Porto Alegre.

A escola possui matrícula por disciplina e semestral, com um sistema de dependências para as disciplinas em que o aluno foi reprovado. As recuperações dessas disciplinas são realizadas no turno inverso ou em encaixes de aproveitamento. Grande parte dos alunos matriculados possui episódios de reprovação em outras instituições.

Do grupo investigado, foi escolhido um representante docente de cada disciplina, num total de 14 professores. Nas disciplinas em que houve mais de um professor, selecionei aquele que contava com mais tempo na escola.

Os investigados revelam que:

- possuem idade média de 37 anos;
- 08 docentes são do sexo masculino;
- 06 docentes são do sexo feminino;
- 05 docentes apresentam curso concluído de especialização;
- 02 docentes apresentam curso concluído de mestrado;
- 02 docentes apresentam curso em andamento de mestrado;
- 01 docente apresenta curso interrompido de mestrado;
- 01 docente apresenta curso em andamento de doutorado;
- 01 docente apresenta curso interrompido de doutorado.

6.4 Instrumentos de Coleta de Informações

Os instrumentos usados na coleta de informações foram entrevistas individuais com professores. Os depoimentos verbais foram gravados, com o consentimento dos investigados, objetivando respaldar a pesquisa.

6.5 Metodologia de Análise das Informações

A partir das entrevistas foi realizada uma análise textual qualitativa das informações obtidas. As informações foram apresentadas de forma descritiva e interpretativa. Os avanços na análise das informações foram sendo reunidos a partir das questões de pesquisa, abrindo possibilidades para que fosse aprofundado o nível de interpretação, fazendo emergir as “categorias” provenientes das falas dos entrevistados. Essa foi uma etapa da análise em que organizei, ordenei e estruturei os resultados da pesquisa, o que me exigiu leituras concernentes à proposta com fins de obter respostas referentes ao objeto de estudo.

O momento interpretativo levou-me, primeiramente, a uma compreensão mais clara e aprofundada da própria teoria em questão, na tentativa de avançar ou reconstruir novas visões teóricas. Nesse sentido, adentrar mais profundamente na pesquisa passou a ser um investimento, uma ordem constante ao longo deste trabalho e necessária em todos os momentos subsequentes.

Com isso, busquei organizar os resultados em torno do argumento central, que foi esclarecido e aperfeiçoado no decorrer do desenvolvimento do trabalho, até o capítulo final. A análise das informações obtidas seguiu as etapas aconselhadas por Moraes (2003). O processo iniciou com a transcrição das entrevistas e a unitarização dos depoimentos dos entrevistados, dando destaque às unidades significativas. Posteriormente essas unidades foram agrupadas fazendo surgir as categorias. A partir das categorias assumidas foi construído um meta-texto descritivo e interpretativo, objetivando expressar minha compreensão a respeito do problema investigado.

A interpretação envolveu momentos que estabeleciam relações explícitas com a teoria, bem como sua reconstrução em determinados pontos, baseada no referencial teórico que assumi. Aos poucos, fui entendendo que os argumentos teorizados estavam intimamente ligados com o grau de impregnação que mantinha com o objeto de estudo.

O resultado da análise nas descrições, interpretações e teorizações foi decorrência do esforço em me assumir como autora, expressando minhas intuições e compreensões. A validade da análise dos resultados foi construída ao longo do processo, objetivando o rigor nos momentos de unitarização e categorização para a construção dos textos que representam o objeto de estudo. Nas considerações finais, procurei sintetizar os argumentos principais relacionados e integrados que foram aparecendo ao longo do trabalho na forma de texto dissertativo, envolvendo as categorias e os elementos teóricos importantes.

7 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A questão-foco desta investigação está dirigida para a compreensão de como se estabelecem as relações interpessoais entre professores e alunos numa escola, cujos discentes, em grande maioria, trazem episódios de reprovação.

Apresento a análise das entrevistas com base nas questões norteadoras e na minha percepção como professora, buscando encontrar nas idéias que emergem do discurso dos professores, compreensões sobre seus depoimentos revelados e sobre aqueles que estão por detrás de suas manifestações.

A partir da análise dos depoimentos nas entrevistas, emergiram categorias, como está exposto no quadro a seguir. As categorias foram construídas com suporte nas informações, em resposta às questões norteadoras e estão relacionadas com o problema desta pesquisa.

Problema	
Como se estabelecem as relações interpessoais entre professores e alunos numa escola cujos discentes, em grande maioria, trazem episódios de reprovação?	
Questões Norteadoras	Categorias Emergentes
<ul style="list-style-type: none"> • Qual a concepção dos professores sobre as relações interpessoais no trabalho docente? • Como os professores percebem a sua atuação e a atuação de seus alunos nas relações de sala de aula? • Na visão dos professores, quais os problemas que entram as relações com seus alunos? • Na visão dos professores, suas relações de sala de aula proporcionam avanços na aprendizagem e promovem alunos com episódios de reprovação? 	7.1 A percepção dos professores sobre a escola em que atuam.
	7.2 A percepção dos professores sobre as relações interpessoais na escola.
	7.3 A percepção dos professores sobre si e sobre sua atuação na escola.
	7.4 A percepção dos professores sobre os alunos e como estes atuam na escola.
	7.5 A percepção dos professores sobre os problemas que emergem nas relações interpessoais na escola.
	7.6 A percepção dos professores sobre as regras de convivências e a forma como estas afetam as relações na escola.
	7.7 A percepção dos professores sobre suas dificuldades para promover a aprendizagem na escola.
	7.8 A percepção dos professores sobre como é desenvolvido o exercício da docência na escola.
	7.9 A percepção dos professores sobre as relações de sala de aula que proporcionam avanços na aprendizagem.

7.1 A percepção dos professores sobre a escola em que atuam.

Uma escola permite uma rede de relações necessárias à vida de qualquer sujeito para que ele possa conviver, participar e interagir em sociedade. As relações que reforçam o respeito, a auto-estima e a autonomia são um caldo fértil para os avanços na aprendizagem de jovens adolescentes. Dessa forma, esta categoria pretende mostrar como os professores percebem a escola em que atuam.

Para o professor P6^{7.1}, a escola regular e diurna herdou da Educação de Jovens e Adultos - EJA - uma estrutura que funcionou e ainda funciona satisfatoriamente, mas que acabou engessando muitos dos seus processos operacionais. O que era possível em EJA, nem sempre se mostrou possível na escola, pois os alunos são outros: adolescentes. Essa idéia pode estar aliada às considerações do professor P3 que relata a carência em criar uma identidade para a escola.

É provável que a identidade de uma instituição surja da preocupação em manter uma personalidade própria, com um corpo que seja reconhecido por aquilo que intenciona e assim possa continuar sendo ele mesmo através dos tempos. Seus integrantes ingressam, fazem sua história e seguem adiante, porém a sua representação para a sociedade continua identificada não como algo estabelecido, permanente e estático, mas em constante construção.

Por ser uma escola com regime semestral e matrícula por disciplina, há alunos matriculados em diversas turmas, trazendo, não só reprovações de outras escolas, mas diferentes histórias de vida. Aceitar as diferenças parece ser uma das características dessa escola, o que promove a proximidade entre seus integrantes.

Nós temos universos muito distintos e o que acaba acontecendo é a proximidade dos professores pelas concepções pessoais de vida e de educação. [P6].

Tentar se aproximar do aluno, apesar de eles terem mundos diferentes, estilos de vidas diferentes, é fundamental. [P12].

Ao compararem essa escola com as demais que atuam, as falas dos docentes revelam: [...] *nós temos uma relação não tão opressora como ocorre nas escolas religiosas. [P3]. Acabamos, sem nos darmos conta, nos adaptando ao meio e tendo comportamentos da forma que nos exigem. [P4].*

^{7.1} As entrevistas com os 14 professores estão disponibilizadas nos apêndices. Utilizo o padrão PX para apontar a que entrevistado(a) estou me referindo. O termo professor refere-se a ambos os sexos.

Quando um padrão de comportamento é imposto por uma instituição, poderá resultar na perda da autonomia de seus docentes, fazendo com que seu discurso necessite estar em sintonia com missões e visões que não lhe pertencem, mascarando as suas atitudes e práticas.

Vamos dançando a música para continuar no salão e acabamos fazendo isso naturalmente, muitas vezes sem precisarmos fazer muita força. É a adaptação ao ambiente. [P4].

Esses comportamentos podem acontecer sem que os professores acreditem estarem fazendo força para se adaptarem, mas que acabam se manifestando em outras instâncias, ou se revelando em algum momento. Segundo Enricone (2001, p. 52),

A heterogeneidade da clientela escolar, aumentada nos últimos anos, as condições salariais e a luta pela valorização profissional, a precariedade de aportes orçamentários e econômicos, a falta de oportunidades de aperfeiçoamento e todo o contexto do mundo pós-moderno impõem problemas e desafios aos sistemas escolares e aos professores que nele trabalham.

O professor utiliza a sua inteligência para imergir nesse mundo, buscando aliar os seus entendimentos com a realidade, muitas vezes não percebendo que poderá estar reproduzindo um discurso que não carrega verdadeiramente suas intenções educativas, roubando-lhe a autonomia e encapsulando sua liberdade.

Dependendo de onde trabalhamos, devemos nos comportar de uma certa forma. Em geral, a mensagem está nas entrelinhas do discurso. [P4].

Nesse sentido, não se pode querer alunos autônomos e motivados se os professores são guiados por um discurso institucional que fala em liberdade e autonomia, porém impõe uma vontade imperiosa e arrogante.

É uma escola que no discurso não exige que seja colocada como a número um, pelo contrário. A Direção diz: “Que bom que tu estás naquela escola e aqui também”. E as escolas sempre te exigem que tu vistas a camiseta e digas que essa é a minha primeira escola, a número um. Temos que ser exclusivos sem sermos pagos pela exclusividade, e isso é algo doloroso. [P6].

Pelas falas dos entrevistados, percebo nessa escola o respeito aos seus integrantes e a receptividade para professores que realizam uma educação continuada, mostradas nas declarações a seguir:

A direção tem uma preocupação bem clara quando escolhe professores com boa formação, mas que não são muito conservadores. É uma proposta diferenciada. [P6].

Essa distância que se coloca entre professor e aluno e que na escola Esfera-1 ^{7.2} eu não acho tão grande. [P9].

Eu nunca vi uma escola com tantos professores com tamanha formação. São pessoas experientes. [P3].

De uma forma geral, entendo que há uma certa independência e confiança no profissional que a escola contrata, partindo do princípio de que seus professores devem saber o que estão fazendo, devido a sua qualificação e liberdade de atuação.

Como me sinto respeitada e ouvida e a Direção quer me ajudar da melhor forma possível, isso dá segurança e tranquilidade para enfrentarmos o dia-a-dia. [P4].

Essas características carregam indícios de que o caminho tomado é pela autonomia dos sujeitos, com atitudes regadas de posturas respeitadas e de responsabilidade com aquilo que são e com o que comunicam.

Por outro lado, por mais autonomia e liberdade que esse grupo pareça ter, percebo que a identidade da escola está em formação e que só terá sua definição quando estiver totalmente desvinculada da EJA. Ainda assim, acredito que essa identidade se construirá se forem propiciados momentos de convivência e estudo, com o exercício da crítica, no refinamento do discurso e nas intenções educativas, gerando a responsabilidade e a clareza do que estão assumindo seus participantes.

Na nossa escola, eu gostaria que o trabalho docente fosse diferente do que é. Durante o semestre que passou, não houve nenhuma reunião de área, por disciplina, para que pudéssemos compartilhar experiências. Isso é fundamental na relação interpessoal docente. [P10].

Aliada a essa idéia, é verbalizada a importância de ouvir o que os outros colegas estão fazendo, suas posturas frente a questões que são comuns a todos e como se movimentam

^{7.2} Esfera-1 é o nome fictício da escola investigada.

nas relações de sala de aula. Segundo Vygotsky^{7.3} (1987 apud Esteban, 2002), compartilhar conhecimentos e processos entre diferentes sujeitos é insubstituível no desenvolvimento do pensamento. Nas atividades coletivas surgem conhecimentos e ferramentas que, ao serem internalizadas, constituem sua atividade interior.

Com isso, reforça-se a idéia de que as relações interpessoais estão presentes na formação da identidade pessoal e profissional, por meio de um intercâmbio de fatores internos e externos à pessoa e suas relações com os outros nos mais diferentes contextos.

Nessa escola, os entrevistados relatam a falta de um calendário de atividades sociais envolvendo professores e alunos que permitam a integração, a recreação e a convivência, possibilitando desenvolver uma sociabilidade equilibrada e participativa no ambiente escolar.

[...] não é que as escolas mais tradicionais tenham mais espaços, mais fóruns para os alunos. Nós é que acabamos ficando muito voltados para a sala de aula. [P6].

Um calendário de atividades sociais seria algo muito bom, pois poderia haver um dia de reunião apenas para ouvir o que o outro colega está fazendo. [P3].

É possível ficar atento e buscar mecanismos que reforcem mais os laços entre os alunos e entre os alunos e os profissionais da escola. Levar a escola para outros lugares, fazer mais atividades sociais que envolvam os alunos e os diferentes profissionais que ali trabalham, pode contribuir na construção da identidade dos jovens e reforçar suas relações na escola.

Nós temos que levar a escola para outros lugares, fazer mais atividades que envolvam os alunos socialmente, pois são essas coisas que podem mudar a vida de um adolescente. [P5].

Promover as relações sociais é interagir de maneira positiva com os outros ao colaborar com o grupo, respeitando idéias ou ações diferentes das que temos, reforçando o autocontrole individual e o limite entre a liberdade individual e os direitos dos demais, aspectos imprescindíveis à socialização.

A estrutura diretiva e pedagógica demonstra uma sustentação e um acompanhamento do professor, dando mostras claras de que suas intenções visam promover

^{7.3} VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

um aprendizado à medida que seus profissionais em educação vão se integrando na escola. Há uma preocupação clara e transparente em dar apoio e resguardar a figura do professor.

No meu trabalho, a estrutura da escola me sustenta, pois tenho o apoio da Direção. Já tive a experiência de não ter e sentir-me a última, a pessoa mais errada da face da terra. [...] Até hoje, no Esfera-1, todos os episódios de mudanças, de insatisfações com coisas que aconteceram foram ouvidas, nem sempre atendidas, mas sempre houve um retorno. Nunca nos dizem “não” sem um porquê do não. Como existe um retorno, eu me sinto à vontade de me expor. [P4].

Essa declaração reforça a idéia do respeito ao papel do professor e a necessidade de abrir espaços para que ele possa comunicar seus anseios e se revelar. Tê-lo como um ente participante, colabora com a sobrevivência da escola e poderá construir os pilares que possibilitarão a constituição da sua identidade.

O professor P13 revela: [...] aqui na escola eles chegam com uma idéia muito forte de que estão pagando para serem aprovados. Trabalhando como professora nessa escola, percebo que até os alunos entenderem que pelo fato de a média ser baixa – 5,0 pontos por bimestre, não há garantias de que serão aprovados. É preciso que nós, professores, nos empenhemos muito para mudar essa idéia de que a matrícula em uma disciplina na escola resulta em aprovação. Na verdade, há um trabalho cognitivo e afetivo enorme do corpo docente a ser desenvolvido para se chegar a resultados satisfatórios.

É necessário entender a sala de aula como um espaço em que há momentos de “ordem e desordem”, sem que, necessariamente, esta desordem seja considerada uma anarquia, um desequilíbrio de relações ou carência de liderança do professor. Também não se pode esperar que um professor solitário faça frente a problemas que o corpo diretivo de uma instituição escolar, muitas vezes, não é capaz de solucionar. É preciso que haja uma ponte entre professores, alunos e os profissionais dos diversos setores da escola.

Nós ficamos um tempo sem Orientação (setor) por questões financeiras; foi lamentável, mas me parece que a entrada da Orientação reformulou muitas coisas. Nós temos para quem encaminhar e temos com quem trocar. [P6].

Eu acho que a escola Esfera-1 tem uma preocupação com a orientação educacional não só em sala de aula, mas percebo o apoio pedagógico que vem dos demais setores. As questões que surgiam em sala de aula tinham um andamento, um controle, um contato com os pais. Eu acredito que a escola tem essa preocupação, pois é ciente do público que atinge. [P9].

A Orientação Educacional como setor integrante da administração representa essa ponte na escola e, como complementação efetiva, existe ainda a disciplina de Orientação Educacional no currículo escolar do aluno, fazendo parte das disciplinas oferecidas ao educando. Os professores podem encaminhar os alunos e também acompanhá-los por meio desse setor. Percebo que há uma clara preocupação da escola com seus alunos, por estar ciente de que estes requerem um acompanhamento constante, e a intencionalidade dos docentes para que os avanços na aprendizagem possam acontecer.

Porém, mesmo que haja um setor de apoio aos integrantes dessa escola, é notável a necessidade de um trabalho mais envolvente entre os professores que abra possibilidades para que toda a escola se movimente.

As relações interpessoais entre os integrantes de uma escola vão aos poucos se mostrando como um catalisador que estimula um ambiente propício para a aprendizagem. Nesse sentido, há um compromisso com o ser, o saber e o conhecer, ações que devem ser assumidas em todas as instâncias de uma escola.

7.2 A percepção dos professores sobre as relações interpessoais na escola.

Com a intenção de seguir na minha investigação, a questão-foco desta categoria busca compreender, por meio da percepção dos professores, como se estabelecem as relações interpessoais no ambiente da escola.

Para um sujeito atento, a entrada em uma escola poderá ser o começo da interpretação de como se mostram as relações nesse ambiente e a forma como seus integrantes se relacionam. *Quando uma pessoa coloca o pé na escola, já está interpretando como funciona.* [P6]. Há todo um entrelaçamento de pessoas e atividades que se iniciam nas ações empreendidas a fim de trazer o aluno até a portaria, realizar a sua matrícula, levá-lo à sala de aula, biblioteca e, até mesmo, abrir possibilidades para extensões virtuais.

Como somos dotados de uma existência temporária, nos revelamos ao comunicarmos de geração a geração nossas criações e técnicas. O que herdamos é resultado da convivência entre o antigo e o novo. Olhando para a sala de aula do mundo antigo, ainda nos resta o giz, o caderno de chamada, a aula expositiva e as classes organizadas uma atrás da outra. Já o mundo atual nos brinda com a informação e a rapidez da comunicação globalizada; algo diferente do cenário das escolas de duas décadas atrás.

Na realidade, a vida do ser humano parece que está muito mais marcada pelo problema do equilíbrio entre o que deseja e o que realmente sua situação vivencial lhe oferece, especialmente em um mundo tão complexo e diversificado. (MOSQUERA e STOBBAUS, 2004, p. 92).

Somos cercados de informações e imagens em qualquer espaço por onde nos locomovemos que, de uma forma sutil, interferem no nosso modo de ser e agir. Nunca foi tão necessário refletir sobre como as coisas são hoje e não apenas porque elas simplesmente estão acontecendo.

Por mais que utilizemos a tecnologia, não podemos discutir com uma máquina. Nós precisamos dessa troca, dos relacionamentos. Essa é a ponte que faz com que a pessoa se perceba, perceba o outro e, em consequência, perceba o mundo à sua volta. [P3].

Acessar informações, estabelecer relações entre elas para ampliar entendimentos sobre um tema são ferramentas com que um professor pode trabalhar com seus alunos no desenvolvimento da aprendizagem. Pesquisar com os alunos, utilizando recursos tecnológicos, poderá ser uma oportunidade de desafiar as tecnologias existentes e desenvolver os filtros para a aquisição do saber.

A educação só consegue bons “resultados” quando se preocupa com gerar experiências de aprendizagem, criatividade para construir conhecimentos e habilidades para saber “acessar” fontes de informação sobre os mais variados assuntos. (ASSMANN, 1998, p. 32).

Há professores que consideram a interação com o aluno uma demonstração de preocupação e interesse e que qualifica os saberes que os alunos trazem e os seus próprios saberes. Essa atitude poderá contribuir para que surja uma motivação para o estudo, promovendo a apropriação e a conexão de informações, ações imprescindíveis ao conhecimento.

Acredito que conviver com as pessoas é o fato mais importante da minha carreira como professor. [P14].

Eu entendo que as relações interpessoais que se reproduzem numa escola são as convivências que temos em sociedade. [P5].

As relações interpessoais são imprescindíveis para que o trabalho tenha um sentido. [P9].

Esses depoimentos me fazem acreditar que a aprendizagem passa pelas relações interpessoais, estabelecendo uma comunicação diferenciada. Assim, para que ela se efetive, são necessárias algumas ferramentas que o docente utiliza na tentativa de trazer seus alunos para mais perto de si e da escola.

Eu tenho orkut com os alunos e é por onde eu mantenho contato com eles. Tiro dúvidas do que vai cair no trabalho, de quando é a prova, embora tenhamos na escola um contrato pedagógico, com as datas de provas e trabalhos. Sinto que eles têm mais confiança quando sabem direto do professor. Assim, eles podem ter acesso ao professor não só na sala de aula. Avisar que hoje há aula a um aluno que está se evadindo faz parte do meu trabalho, desse processo de conquista. [P1].

Tateando no desconhecido dos seus próprios limites, o professor vai procurando diversificar os canais de comunicação, uma vez que tende a utilizar espaços virtuais e interativos de que dispõe nesse momento tecnológico.

Independente da forma com que os professores se relacionam com os alunos, a motivação e o encanto pela sua disciplina poderá parecer estática para os alunos que vivem num mundo dinâmico, descartável e cercado de imagens. Revela-se, dessa forma, uma tarefa árdua, de idas e vindas, de erros e acertos, atitudes que não podem surpreender um docente impaciente e curioso. Para Freire (2005, p. 32), “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.”

Sobre os professores, aquilo que também devemos considerar nas relações interpessoais é a possibilidade de

[...] nós reproduzimos as nossas relações familiares, mesmo que inconscientes, nos grupos em que estamos e com os quais nos envolvemos. Se na nossa família foram trabalhados certos valores, acabamos levando-os para o nosso meio, mesmo que nós nos vistamos de rebeldes sem causa. No momento em que vamos para um grupo, levamos as nossas raízes. [P3].

Assim como na família também há toda uma história de vida que nos constrói, como ressalta o professor P10: *A vida toda nós estamos nos resgatando porque o passado é muito inconveniente, e está sempre presente. Percebo isso nas nossas relações pessoais e profissionais.*

Outro componente nas relações interpessoais são as amizades que vão acontecendo. No que se refere a professores e alunos, o professor P10 ressalta que uma teoria moderna de educação poderá dizer que devemos ser amigos dos alunos, porém ele faz uma crítica:

Eu não acredito numa amizade que eu não escolhi, pois na verdade eu não escolho os meus alunos. Eles não poderão ser iguais a uma amizade que eu escolho. Essa confusão dos papéis é pior para os alunos.

Dessa forma, pode-se perceber que, para o professor P10, as relações interpessoais docentes não são sinônimas de amizade. Então, eu pergunto: E de que elas podem ser sinônimas? Ouso dizer que as relações interpessoais docentes são sinônimas de respeito e solidariedade com aqueles que nos parecem diferentes por não compartilharem as mesmas concepções, reforçadas pela aceitação de que *Nem sempre as pessoas querem um vínculo afetivo e isso deve ser respeitado*. [P14].

Zagury (2006) considera que entender as diferenças e dificuldades individuais é fundamental, porém na aprendizagem, além de aceitá-las, devemos agir para superá-las e assim os jovens se sentirão amparados.

As relações interpessoais me fazem entender que cada um traz uma bagagem diferente. [P7].

É um compromisso com o outro que não pode escolher posição social, raça ou credo, mas apenas necessita de um espaço para conviver e compartilhar o que cada um carrega das suas vivências, demonstrando que a amizade é apenas uma das possíveis conseqüências das relações interpessoais.

O dia-a-dia proporciona um [...] *contato com muitas pessoas e, na verdade, não sabemos, muitas vezes, com quem estamos lidando*. [P14]. Com a convivência, o entendimento entre as pessoas pode esbarrar em dificuldades na comunicação, conforme observa o professor P14: *Uma palavra mal colocada ou um comentário desprezioso pode surtir um efeito devastador*.

Numa relação, temos que considerar o posicionamento do outro, mas fazer com que ele compreenda que o outro também tem um posicionamento. [P9].

De relance, um olhar superficial poderá enxergar que os conflitos naturais que vão surgindo se dêem pelo fato de não haver um respeito pelo espaço de cada um ou pelos limites que cada um possui. É provável que indivíduos quando se expõem possam querer impor o que acreditam como verdadeiro por carecerem do exercício da reflexão, da crítica, do consenso, pois não qualificar o outro significa não se qualificar. Essa é uma clareza que se mostra necessária quando o professor se “movimenta” por uma turma.

Percebe-se que, em alguns grupos, há sujeitos que querem impor suas verdades como algo absoluto, sem entrar num consenso, pois pretendem que as suas verdades sejam as melhores, aí começam a ocorrer os conflitos. Como professor, procuro fazer com que haja uma boa relação interpessoal, partindo da idéia de que tem que haver um consenso do grupo e também uma pré consulta para que depois o grupo se engaje no seu objetivo. A primeira coisa necessária é que as pessoas se abram um pouco mais. Em todas as relações tem que haver um consenso. [P2].

É perceptível nas falas dos professores que as relações necessitem de um interesse mútuo e de respeito para que cheguem a um consenso. *Temos que estar preparados afetivamente para lidar com universos diferentes e simultâneos. [P14].* Estar atento ao que o aluno revela, requer uma atenção constante para que se possa entender o que há por trás de seus gestos, suas palavras, seu silêncio.

O aluno que diz que gosta ou não gosta de ti mostra que, de alguma forma, chamamos a sua atenção em alguma coisa. [P9].

Segundo Viscott (1982, p. 12), “A linguagem dos sentimentos é a maneira pela qual nos relacionamos com nós mesmos e, se não podemos nos comunicar conosco, simplesmente não podemos nos comunicar com os outros.”

Na relação entre os docentes há traços que revelam um terreno fértil para que as relações se estabeleçam e a aprendizagem possa fluir num ambiente de respeito e solidariedade. Compartilhar experiências pode trazer mais calma e tranqüilidade para o professor, pois ele percebe que seus pares partilham dúvidas, aflições ou outros olhares sobre um aluno ou grupo de alunos, constituindo-se em elementos que podem promover uma maior clareza em situações angustiantes.

Em relação a professores e professoras, eu percebo que alguns são mais espontâneos do que outros e os mais espontâneos ajudam aos outros no trabalho que fazemos. Os que são mais introspectivos precisam da espontaneidade dos outros. [P7].

Os colegas se ajudam quando há problemas em uma turma. Às vezes, eu penso que é pessoal e que há gente que não quer nada com nada e ainda, que eles são assim comigo. Aí, conversando com os colegas, eu fico mais tranqüila porque há determinados alunos que são assim com todos. [P8].

O professor P3 considera que se a relação entre docentes é construtiva as trocas são naturais, e não temos restrições em demonstrar o que somos ao falar de nossas aflições. Bater na porta do outro sem pudores demonstra uma caminhada longa de aprendizagens e convivências, construída dia após dia. Com isso, vai se constituindo um elo de confiança entre colegas, diminuindo a competitividade natural existente.

A escola não deve ser concebida como simples agência repassadora de conhecimentos prontos, mas como contexto e clima organizacional propício à iniciação em vivências personalizadas do aprender a aprender. (ASSMANN, 1998, p. 33).

Entendo que o desenvolvimento integral do aluno requer da escola e de seus professores uma constante investigação e reflexão sobre suas práticas, considerando que o professor está sempre em campo. Porém, o dia-a-dia impõe aos docentes voltarem suas atenções para as questões disciplinares, para o rendimento dos alunos, para a quantidade e a qualidade dos conteúdos que abordam. Como vivemos em uma sociedade de resultados, muitas vezes avaliamos e somos avaliados pelo número de alunos que aprovamos e pelo “controle disciplinar” que temos com uma turma, deixando de lado uma tarefa tão preciosa quanto à produção do conhecimento em comunidade, pois nos fazemos humanos no diálogo e envolvimento com outros humanos, ações que fortalecem nosso corpo, nossa mente, nossa emoção.

7.3 A percepção dos professores sobre si e sobre sua atuação na escola.

É possível enxergar a sala de aula como um palco cujos atores, professores e alunos expressam suas concepções e valores. Ambos são sujeitos com diferentes papéis, mas que encontram um caminho comum, em maior ou menor grau, nas relações e na aprendizagem. O lado que compõe o papel do professor não corresponde somente aos aspectos formais de seu currículo profissional, mas àquilo que ele aprende ao longo de sua trajetória e à percepção que ele tem de si, demonstrada nesta categoria pelas falas dos entrevistados.

Eu tenho uma história de vida de gostar de estudar, de meu pai me exigir, de ser de uma família de pessoas que estudam. [P4].

O que minha família me trouxe, eu procuro passar para os alunos. Na hora, eu não penso que estou ensinando tal valor, mas isso acontece naturalmente. [P7].

Eu tenho a sensação de que a maneira com que fui criado influencia a maneira como dou aula. [P9].

Nesses professores, transparece uma ligação entre a forma com que foram educados e como encaram o mundo da docência. É provável que eles reproduzam comportamentos e atitudes que fizeram parte de cenas significativas na infância e na juventude deles, que os qualificavam ou os desqualificavam como alunos.

Se nas nossas vivências tivemos professores que marcaram em algum sentido, vamos lembrar e isso é algo que vai estar em algum lugar na nossa cabeça quando formos professores. Vamos lembrar de situações, de posturas e até de frases que alguns disseram. [P9].

Eu reproduzo em sala de aula a minha história. [P5].

O que constitui a vida de um professor influencia os alunos e permeia as relações. [P11].

Refletindo sobre esses depoimentos, parece-me inseparável a história que compõe a vida do professor da sua figura profissional, pois seus alicerces são construídos sobre fundamentos que visam a valores e à intencionalidade.

Eu passo valores a partir do que eu sou. [P7].

A postura que eu procuro manter é justamente preservar o meu papel e a minha identidade. [P10].

Em alguns momentos, verifica-se que sua identidade vem mesclada de sentimentos de responsabilidade e de auto-conhecimento, pois *O exercício de auto-reflexão da nossa profissão é indispensável. [P9].* Sabe-se que não existe um modelo de professor a ser seguido porque a aula não é uma cena que se repete; o público muda e/ou poderá surpreender a qualquer instante.

Se a turma vai ser receptiva ou a aula maravilhosa, é uma total surpresa. [P12].

Há muitas vezes uma pré-disposição negativa, mas invariavelmente eu consigo trazer algumas coisas à tona e acaba se tornando uma aula agradável. [P9].

O desacomodamento leva o professor ao imprevisto e a realizar adaptações para administrar as incertezas. É possível que essa situação possa conter um componente silencioso, que faz do professor alguém sem o direito de errar, de sentir-se inseguro frente ao mundo e a si mesmo. O estigma de ser equilibrado e tolerante pode esconder fraquezas que aparecem nas sábias palavras de Perrenoud (1995, p. 225):

Mostra-se ser um professor tolerante quando nunca se reconhece abertamente que se detestam certos alunos e que os outros indispõem. O professor mostra a sua solidez quando não conta que um fracasso profissional pode impedi-lo de dormir, fazê-lo adoecer ou levá-lo à depressão.

Cada vez mais a sociedade está ensimesmada na sua individualidade e intolerante com erros e fracassos. *Na verdade, todos erramos, e se nos punimos pelos erros constantemente, não vamos para frente.* [P10]. Contudo, considero que revelar o humano que existe em cada um não significa demérito, apenas poderá demonstrar que fragilidades e limitações fazem parte desse complexo caminho.

A estabilidade também é algo que pode estar intimamente ligada ao papel do professor. Segundo Perrenoud (1995, p. 225), “Passa-se por se ser um adulto equilibrado quando nunca se confessa que se tem necessidade de ser estimado, de seduzir ou de aterrorizar.” Entendo que um sujeito cortês e amável é bem aceito, porém se manifestar emoções tais como o medo, a raiva ou a tristeza, poderá ser considerado inseguro, agressivo ou imaturo e, dessa forma, acaba aprendendo a camuflar suas emoções.

Com isso, o modelo de professor que paira sobre cada um poderá se mostrar difícil de alcançar, porque a sala de aula é incerta, insegura e heterogênea. Alguns encaram a possibilidade de vestir-se de um personagem, demonstrando o grande significado do papel que desempenham.

Dentro da sala de aula é diferente. É como se, às vezes, o professor necessitasse demonstrar o que ele é por meio de um personagem. Alguns encaram desta forma porque são tão introspectivos que precisam vestir-se de um determinado personagem para poderem atuar. É como se fosse uma outra pessoa, embora seja ela mesma. Eu não sei se isso é positivo ou negativo, mas acontece. [P7].

Eu meio que “incorporo” alguém, uma autoridade, sou duro, mostro que eu não sou o que eles pensam. [P13].

Voltando o olhar para a adolescência, muitos professores esperam maturidade dos adolescentes, esquecendo-se do seu passado adolescente. O adolescente é contraditório, inseguro, às vezes agressivo ou carente, o que pode tornar difíceis as relações. É preciso colocar-se nos olhos do outro para tentar compreender seu mundo. Uma tarefa nada fácil.

Lembro da minha adolescência, das minhas dúvidas, das dificuldades. Muitas vezes as pessoas exigiam coisas de mim a que eu não conseguia responder à altura e aquilo me incomodava. [P4].

O mundo adulto, mesmo cercado das melhores intenções, pode ser afastado bruscamente do mundo dos jovens. Em alguns momentos poderá parecer impossível compreendê-los, pois é complicado conviver com tantas contradições e instabilidades. Nesse sentido, percebo nas palavras do professor a seguir a idéia forte do seu compromisso e a possibilidade da falta deste nos alunos adolescentes.

Se nós achamos difícil, imagina para um adolescente o que deve ser. Ele não segue em frente, ele se abandona e no abandono, ele tem o caminho mais fácil nos seus iguais, pois eles não têm o compromisso de serem melhores a cada dia. [P10].

Zagury (2002) destaca que muitos jovens abandonam a escola ou as universidades por não aceitarem qualquer tipo de contrariedade ou frustração. Assim, acabam desistindo dos cursos pelos quais optaram por entenderem que fizeram escolhas erradas e esperam, dia após dia, o momento de descobrir sua vocação. A autora chama a atenção para a necessidade de mostrar aos jovens que eles têm direito a escolhas, mas devem considerar as conseqüências que essas escolhas acarretam, separando os problemas reais do que é um imediatismo.

No trabalho escolar com os adolescentes, os entrevistados vêem que uma formação constante faz parte da sua profissão. Entendem que propostas pedagógicas não faltam, porém demandam professores bem preparados didaticamente nos conteúdos e nas condições de infraestrutura.

Nós temos que nos preparar e estudar muito para sermos professor. É algo contínuo, pois se não estudamos, não podemos dar aula. [P9].

Tenho a intenção de mostrar que eles podem fazer o que eu fiz na profissão que escolherem. Não é preciso ser “careta” para ser mestre ou doutor. [P5].

Para os entrevistados, há uma preocupação em realizar um trabalho contextualizado e participativo, com significado para quem aprende e para quem ensina.

Se eu fizesse o meu planejamento sem a participação das turmas, sairia com determinada situação de casa querendo que se realizasse. Caso algo não ocorresse conforme meu planejamento, poderia tornar-se uma frustração. Para que isso não aconteça, eu procuro estabelecer meu trabalho com eles de forma participativa, porque aí eles saem contentes e eu também. [P2].

Procuro fazer um trabalho que, na medida do possível, associe conteúdo com a realidade do aluno. Busco também fazer algumas retrospectivas para poder contextualizar. É muito importante trazer o cotidiano para a sala de aula. [P5].

A capacidade crítica dos jovens pode revelar muito sobre didática e ensino quando voltamos nossas atenções para as palavras dos alunos e deixamos que eles se expressem sobre um determinado assunto. Pode-se entender um pouco mais sobre o trabalho escolar por meio de Perrenoud (1995, p. 210):

Do ponto de vista dos alunos, vai-se à escola para aprender. O sentido do trabalho escolar torna-se assim indissociável do sentido dos saberes. No espírito dos alunos, as coisas são menos claras. Claro que, à força de se ouvir dizer que é preciso trabalhar para aprender, aprender para saber, saber para ter sucesso na escola e na vida, a

conexão destas opiniões não lhes é inteiramente estranha. Mas, no dia-a-dia, essa conexão é esquecida. O que lhes interessa é o sentido da relação, o sentido da tarefa, da situação, do momento presente.

Quando mergulhamos no sentido da relação, no momento presente e na diversidade de alunos que compõe a sala de aula, os docentes revelam que convivem com diversos conflitos e dificuldades no que se refere à autoridade.

Um semestre inteiro nesse conflito, nesse choque de não aceitar minha autoridade e eu não sou do tipo que sai correndo, chorando, se despedaçando e acaba recuando. [P13].

Já aconteceu de eu entrar numa sala de aula com o pé atrás, por saber antecipadamente que há alunos com problemas e que vou me incomodar. [P4].

Nas turmas que alguns entrevistados consideram difíceis, àquelas em que muitas vezes dizem temer entrar, eles acabam constatando que sempre há a possibilidade da surpresa.

Quando eu entrei na 101 e dei de cara com aqueles alunos que tinham uma fama no Esfera-1, pensei que ia ser um pavor, mas para a minha surpresa, não foi. [P11].

Quando os professores conseguem revelar que suas intenções educativas vêm envolvidas por sentimentos de solidariedade, confiança e reforço da auto-estima, as dificuldades vão sendo superadas, abrindo possibilidades de *encontro* para quem possa ter se *abandonado*. Mesmo que encoberto de mil disfarces, os entrevistados demonstram nas entrelinhas que acreditam ter importância na vida dos alunos. Entendo que aí poderá estar a fonte mágica em que muitos saciam sua sede e que dá sentido ao trabalho docente. Professores comprometidos com o que fazem seguem adiante porque acreditam em si e nos seus alunos, tendo o conhecimento como algo sagrado, mas que os possibilitam compartilhar, participar, interferir. Por outro lado, é importante destacar que não há autoridade para um professor se uma instituição protege alunos sem razão. Tiba (2006, p.128) chama a atenção para este fato:

Um professor não tem condições de trabalhar numa instituição que sempre protege o aluno, *o cliente*^{7.4}, independente do fato de este estar ou não com a razão; sem respaldo da instituição, não há professor com autoridade.

Para os professores entrevistados, palavras duras e atitudes mais rígidas não significam falta de afeto, pois nesta profissão é preciso gostar [...] *muito de gente* [P14], sentir-se bem como gente, não havendo muito espaço para dar asilo ao rancor e à mágoa. Sentimentos que ocorrem, mas que acabam sendo administrados por constituírem uma pequena parte de algo muito maior que é a complexidade em ser professor.

Os anos no magistério acabaram me mostrando que, de longe, os alunos percebem o que está por detrás das palavras e atitudes de um professor. As manifestações dos entrevistados, quanto à relação entre professor e aluno, revelam a preocupação em entender os sujeitos de uma forma mais inteira para se moverem pelo conhecimento.

Nessa relação, algumas palavras nas falas dos entrevistados podem revelar entendimentos sobre como percebem seu papel:

- no diálogo entre professor e aluno;

*Faço questão de sentar junto aos meus alunos, **conversar com eles***^{7.5}, *saber se estão bem.* [P14].

*Quando eu largo uma atividade, gosto de **circular entre eles***^{7.6}, *bater um papo, dar uma descontraída para conseguir me aproximar.* [P4].

- na diversidade;

*Tu aprendes a **lidar com a diversidade das pessoas***^{7.7}, *a mexer com as diferenças, a lidar com a crítica.* [P11].

- nas múltiplas possibilidades de uma sala de aula;

*É como se entrássemos em uma caixinha em que não sabemos o que vai acontecer, mas sim, **as possibilidades que vamos encontrar***^{7.8}. [P12].

^{7.4} Itálico por conta do autor

^{7.5} Grifo meu

^{7.6} Grifo meu

^{7.7} Grifo meu

^{7.8} Grifo meu

- nos pré-conceitos;

*No primeiro momento de uma turma, eu me coloco na defensiva, numa posição de expectador e com **alguns pré-juízos**^{7.9}. Isso é fato. Eu vou me movendo e tentando ver de que maneira vou me comportar. [P13].*

*O professor que dá aula no Esfera-1 tem que ser diferente, pois se ele for um professor com perfil de escola de bairro, não vai se sentir à vontade. Ele vai estranhar os alunos e vai **rotular**^{7.10} para tentar se proteger. [P6].*

- no ato de educar;

*O ato de educar vai muito da **postura do professor**^{7.11}, das suas vivências, da clareza da sua linha pedagógica, daquilo que ele acredita e para o qual foi preparado. [P9].*

- no equilíbrio;

*Eu **tenho que me preparar, me concentrar**^{7.12} e tentar passar essa calma para eles, Eu não sou calma e isso é desafiante. [P8].*

*Eu não posso deixar o emocional sobrepor o meu **papel de agente apaziguador**^{7.13}. [...] São aspectos que acho importantes quando lidamos com adolescentes: primeiro, nunca competir com eles; segundo, observar e ver as modificações que eles vão passando. [P3].*

- nos sentimentos;

*Talvez, pelo meu jeito de ser, vejo que **as relações humanas são feitas de sentimentos**^{7.14}, logo, é impossível estar lá na frente e fazer de conta que os alunos não estão ou não saber que eles têm sentimentos, uma família, toda uma história. [P7].*

- nas mudanças na sociedade.

^{7.9} Grifo meu
^{7.10} Grifo meu
^{7.11} Grifo meu
^{7.12} Grifo meu
^{7.13} Grifo meu
^{7.14} Grifo meu

Estamos vivendo um momento de transformação de paradigmas^{7.15}, um momento em que a família já não é mais como era antes, onde o mercado de trabalho já não é mais o mesmo. [P9].

Ao analisar esta categoria, constatei que há nesses professores o desenvolvimento de entendimentos emancipatórios e dialógicos para trabalhar com a diversidade nas múltiplas possibilidades que vão encontrando no caminho; o que de uma forma sutil vai se revelando nas suas falas.

Mesmo admitindo que possuem pré-conceitos, os entrevistados vão se movendo e administrando os momentos difíceis, sem abrir mão da sua identidade e do compromisso que assumiram ao escolherem estar na sala de aula.

Limitações e falta de entendimentos que podem ocorrer por parte dos entrevistados não os desmerecem, apenas revelam o quanto é importante desenvolver uma educação continuada dentro e fora da escola, que promova o aprimoramento no preparo das aulas, no trato com os alunos, no reforço do papel do professor e nas relações com os demais colegas docentes.

O movimento dos professores para conhecer seus alunos requer uma postura atenta ao que escutam e aos silêncios que se revelam. O equilíbrio relatado poderá estar centrado nos seus objetivos, no compromisso e na responsabilidade dos professores com seus alunos e com seus colegas docentes.

Os sentimentos abordados reforçam a idéia de que nossos entendimentos sobre a realidade buscam encontrar nos semelhantes uma ancoragem e nos diferentes, outras visões, levando a uma mixagem inteligente, abrindo os espaços necessários para estabelecer as ligações no grupo.

É provável que as mudanças nas concepções relatadas, aliadas às muitas missões que o professor gentilmente acolheu, tornem seus ombros pesados demais e os deixem inseguros em saber o que é seu e o que precisa ser destinado a outros.

Mesmo assim, posso perceber a aura de sedução na docência devido a uma relação pessoal com o saber, um compromisso com o conhecimento e com a aprendizagem. Com isso, o trabalho do professor torna-se atraente pelas inúmeras possibilidades de os docentes se revelarem e até mesmo invejável para quem o exerce. Também é provável que

^{7.15} Grifo meu

quando um professor sente-se iluminado pelo conhecimento, consiga “[...] enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento” (FREIRE, 2005, p. 86), tentando ampliar os entendimentos que ambos fazem do mundo e daquilo que pretendem encontrar.

7.4 A percepção dos professores sobre os alunos e como estes atuam na escola.

Considero que não seja do escopo desta categoria um estudo mais profundo sobre a adolescência – assunto rico e vasto nas estantes das livrarias e bibliotecas, contudo, acredito que seria importante ressaltar alguns traços que caracterizam essa etapa, para então buscar entendimentos sobre a percepção que os professores entrevistados tem sobre como atuam seus alunos no ambiente escolar.

Zagury (2002) considera que as mudanças físicas na adolescência com algumas variações são universais. Por outro lado, as mudanças psicológicas e de relações podem variar de cultura para cultura, de um grupo para outro, ou até entre indivíduos de um mesmo grupo. A autora caracteriza essa fase citando alguns traços, listados a seguir:

- acentuado desenvolvimento físico;
- amadurecimento sexual;
- modificações sociais;
- surgimento do raciocínio hipotético dedutivo;
- onipotência pubertária;
- aumento do apetite;
- sociabilidade e insegurança;
- (des)preocupação com a aparência;
- dificuldade na comunicação com os pais;
- emoções contraditórias (alternância e/ou rapidez na mudança).

Nessa categoria, o foco é a percepção dos professores sobre como os alunos se movem no ambiente escolar. Dessa forma, as relações que os adolescentes estabelecem na escola podem revelar-se complexas porque demandam muitas discussões e entendimentos quando entram em questão valores como o respeito, o afeto e a civilidade. Os professores

precisam conhecer com quem estão desenvolvendo suas práticas, quais as dificuldades do grupo, o que pode ou não se esperar de um adolescente. Em virtude de essa escola receber alunos com episódios de reprovação, pode-se perceber que algo que possa não ter sido uma escolha passe a ser uma escolha no decorrer do tempo.

Muitos chegam ali se achando os últimos e, aos poucos, eles começam a perceber que não é bem assim. Acabam se envolvendo e ficando na escola. [P4].

Objetivando envolver o aluno na aprendizagem, os professores precisam juntar as peças de que se compõe o dia-a-dia para poder entender melhor a realidade que os envolve. Para os entrevistados, nos seus depoimentos, os adolescentes vivem uma fase em que [...] *tudo é fugaz, tudo é fácil, tudo é muito rápido.* [P10]. No contato com os alunos da escola salientam: [...] *há pessoas que estão lá para cumprir hora, serem aprovados e resgatar uma etapa.* [P12]. Em alguns momentos, muitos comportamentos acabam parecendo sem sentido, o que pode reforçar a idéia de que [...] *os alunos não são alienados, mas estão alienados por um contexto.* [P9].

Conflitos e imediatismos são características observadas por alguns professores em seus alunos. Nesse sentido verbalizam: *O estudo, hoje, para a maioria dos alunos, é mais uma peça de um jogo. Eu preciso disso para me levar àquilo.* [P3]. Um dos motivos de insatisfação ou descaso dos alunos com a sua vida estudantil poderá ser pelo fato de terem saído de escolas em que passaram boa parte de suas vidas. Sobre essa argumentação, os professores observam:

Muitos verbalizam que querem se formar na escola de origem; outros, que eu não devo me estressar muito, pois estou com alunos do Esfera-1, como se deles não se esperasse muita coisa. O que sei é que muitos têm oportunidade para voltar para a sua escola de origem e não voltam. Por que será? [P9].

Eles entram objetivando fazer a dependência e voltar para a sua antiga escola, mas o que acaba acontecendo é que eles terminam ficando no Esfera-1 e não voltam. Isso é comum acontecer. [P4].

Percebo que, de alguma forma, a imensa maioria se sente segregada da escola de origem, seja porque reprovou ou porque não tinham as médias. Isso já pode ser um vínculo, um universo rico para aproveitar. [P6].

Cabe refletir que numa sala de aula que contenha alunos com histórico de reprovações poderá já ser este um possível vínculo, como salienta o professor P6. É provável que em um grupo de alunos se encontre uma certa sintonia e um alento em saber que as

dificuldades originadas das imagens que alguns fazem dos outros colegas não são exclusivas de alguns.

Conforme verbalizam os entrevistados, os alunos acabam terminando seus estudos nesta escola no ensino regular ou na EJA.

Um outro fator interessante que se refere às perspectivas do aluno aparece quando ele sai da Escola Regular e vai para a EJA. Isso tem sido comum na realidade da nossa escola. Eles vão até uma determinada etapa e, quando completam 18 anos, migram para a EJA. Entendo que eles mudam o comportamento, passando a ser ótimos alunos porque percebem que será algo imediato finalizar o Ensino Médio. [P11].

Dessa forma, entendo que é preciso respeitar suas vontades, mas é prudente questioná-los para que tenham clareza das decisões que tomam. Das mais diversas maneiras e cada um com seu jeito próprio de ser, percebo os entrevistados empenhados em mudar o quadro dos episódios de reprovações e fazer com que seus alunos sigam adiante.

Ele começa a ver que nosso interesse é uma verdade, que nosso trabalho não é algo mascarado, que há verdade ali. [P1].

No início acham que os professores são todos umas porcarias. Ao se darem conta de que eles não são, aos poucos, vão mudando o comportamento. [P4].

Essa é uma demonstração do quanto a educação requer um envolvimento afetivo do professor. Um aluno que vem para uma escola que possa não ter escolhido e está insatisfeito pelos [...] vários abandonos [P8] que o envolvem, poderá encarar a sala de aula como algo enfadonho e sem sentido. É importante considerar que [...] o aluno está ali numa posição que seu corpo está sendo constrangido a ficar naquele espaço horas e horas, com uma série de regras para se adequar, mas que são importantes para que ele possa viver em sociedade. [P9]. Com isso, o trabalho dos professores passa a ser, antes de tudo, relacional, pois é compartilhando com o outro e consigo que os papéis e as funções sociais se internalizam.

A idéia de reforçar a auto-estima possibilita ir [...] trazendo o sujeito de novo para a cena. [P9]. Nesse sentido, é possível perceber a intencionalidade nas falas a seguir:

Eu percebo uma auto-estima baixa nos alunos. Em muitos casos se achando piores do que os outros, mas não é assim. São pessoas que estão ali e eu fico pensando no pai, na mãe. É preciso pensar nas pessoas que estão colocando os filhos na escola. [P14].

Com os alunos frustrados e/ou fracassados que encontro, tento trazê-los para o grupo para que ele se contamine de coisas boas. Nesse caso, acabam deixando de ser discriminados e excluídos. [P2].

Eu percebo que a auto-estima do aluno vai melhorando com o tempo. Eles entram cabisbaixos e saem mais motivados, acabam gostando dos professores, sentindo a sua falta e realmente dando valor. [P4].

A auto-estima é algo que acontece nos sujeitos e se define como um sentimento de gostar de si mesmo. Ela se revela quando os sujeitos reconhecem suas limitações e talentos, orgulham-se de seus empreendimentos e investem em seus objetivos, levados por uma postura que promove um agir de modo independente. Sobre auto-estima e o ato de aprender, Coll mostra uma associação com o ambiente em que o sujeito se insere e a relevância que ele enxerga sobre aquilo que aprende.

Primeiro, todos os alunos precisam sentir-se aceitos: esta é uma condição básica para trabalhar com prazer, sem a qual a motivação será prejudicada, ao menos na aula do professor envolvido. Segundo, ainda que os alunos se sintam aceitos, e ainda que nossa preocupação com o modo como os demais nos avaliam seja diferente, ninguém gosta de se sentir rejeitado. Por isso, é preciso evitar que os alunos passem por situações de ameaça à sua auto-estima e reforçar tudo o que a incrementa na mesma. Terceiro, embora existam as condições anteriores, se não se percebe a relevância do que se deve aprender, produz-se um sentimento de obrigação que desmotiva. Esse sentimento pode ser acentuado, mesmo que não se perceba a relevância mencionada, se os alunos não experimentam o que aprendem, fato que pode ocorrer não só porque os conteúdos ou as tarefas pareçam difíceis, mas também por serem muito fáceis e não proporcionarem um desafio considerável. Finalmente, embora sintam que sua competência aumenta se a possibilidade de não aprovar ou não alcançar uma determinada qualificação, seja vivida como uma ameaça real, a motivação por ser aprovado pode ser mais peso que a motivação por aprender. (COLL, 2003, p.111)

Um trabalho que reforça a auto-estima pode fazer despertar valores adormecidos na agitação do cotidiano, estreitando a relação entre professores e alunos. Ambos, na dignidade de seus papéis, vão se encorajando e reforçando a imagem que fazem de si, possibilitando a emergência da criatividade, com confiança para enfrentar situações-problema porque acreditam nas potencialidades que possuem para seguirem adiante.

Alunos de diversas escolas vão se encontrando e trazendo suas vivências para a sala de aula. Seus professores, para estarem ali, precisam saber administrar essa diversidade.

São alunos que, em muitos casos, passaram por diversas escolas, tiveram professores de muitos tipos, vivenciaram muitas realidades de sala de aula e isso pode ajudá-los a reagir melhor. A imensa maioria dos alunos é muito mais tolerante com o novo e com o diferente que em outras escolas. Numa escola tradicional de bairro, a menina aparece depois do verão com uma tatuagem ou um piercing e aquilo é assunto para a sala de professores, para o bar, para a hora do lanche. [P6].

Freire (2005, p. 67) partilha desses mesmos questionamentos: “Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes?” Encantar-se com a tolerância que esse mundo multifacetado oportuniza, torna também seus docentes mais abertos para os rumos que a sociedade vai tomando, o que não pode significar complacência, acomodamento ou descaso.

Nós temos muitos alunos contestadores e isso é muito bom e produtivo, pois temos que estar sempre estabelecendo uma relação muito clara e direta. [P6].

Eu vou para o embate porque estou sabendo o que está acontecendo. Eu mostro a eles que eu não preciso ter cabelos brancos e rugas para exercer uma posição. Então, sigo adiante. [P13].

Um comportamento que revela as instabilidades desse universo vai de encontro à idéia de que as aulas devam ser prazerosas e motivadoras. Sou levada a questionar o quanto muitos professores, para evitar conflitos e confrontos, acabam contornando e tomando caminhos que mascaram a desordem em favor de uma ordem camuflada. Com isso, é provável que os alunos não percebam a seriedade do trabalho de seus docentes e acabem destinando a eles um tratamento sem o valor que merecem.

Eu vi um aluno comentando com outro: Estudar para quê? Tu (professor) estudaste anos e estás aqui na sala de aula. O aluno não consegue acreditar que aquilo vai levá-lo a algum lugar realmente. [P11].

Essa idéia pode ainda ser complementada com Perrenoud (1995, p. 223) quando diz: “As nossas sociedades investem como nunca nos sistemas educativos, mas a fé na missão da escola pulverizou-se e o ofício de professor já não é hoje tão respeitado.”

É provável que seja nas contestações que se externalizam os valores e a autonomia dos envolvidos. *Quando ele está te ofendendo ou está sendo mal educado na tua aula, na verdade, muitas vezes, ele não está sendo contigo. [P10].* A figura que o professor representa pode dar início ao ato da verbalização dos conflitos que cada um carrega dentro de si.

No caso dos alunos, num dia eles estão bem e no outro, não estão. Daí, acompanhar essas oscilações de humor ou compreender que o aluno está com problemas pessoais é uma coisa que nos faz, aos poucos, ir conhecendo as pessoas. [P4].

Mais do que o aluno desafiar minha autoridade, quando ele argumenta bem e com classe, acaba me desconcertando de uma outra maneira. Na verdade, essa situação constrói porque me faz enxergar algo que eu não tinha olhos para ver. [P13].

As crises no período da adolescência existem e devem ser consideradas com muita compreensão e sabedoria; mas, não podemos aceitar que falta de respeito e grosserias justifiquem atitudes inadequadas dos jovens. Por toda a complexidade de fatores biopsicosociais que envolvem esse período, aceitar que os adolescentes estejam cercados de direitos e carentes de deveres não irá colaborar com as dificuldades futuras que a vida poderá lhes apresentar. Uma visão complacente e paternalista poderá levar a um prolongamento da adolescência, retirando a capacidade dos jovens de fazer suas escolhas e assumi-las, jogando por terra a autonomia em trilhar o próprio caminho. Cabe aos pais e aos professores uma tarefa conjunta a fim de que envolvam os direitos e o exercício das responsabilidades desses, tornando-os sujeitos mais inteiros e livres.

O pai e a mãe precisam ser muito equilibrados para poderem suportar a frustração do filho ter rodado, de ser desinteressado ou não ter muita maturidade. Devem ver que o filho se abandonou e orientá-lo a fazer as pazes consigo mesmo. Eu acredito que quem perdoa esquece e neste momento, o pai diz para o filho: “Olha, tu rodaste, mas eu vou te colocar num colégio onde tu possas recuperar o que perdeste. Eu vou te perdoar por esse erro, mas a partir de agora, tu tens que fazer a tua parte.” [P10].

Buscando impregnar-me das falas dos sujeitos entrevistados e adicionando as minhas concepções, sou levada a entender que o comportamento dos alunos vem sendo influenciado por vários aspectos, dentre os quais destaco: a mudança da estruturação das famílias, o grande volume de informações rápidas e diversas a todo o momento, a pressão dos meios de comunicação social para o consumo e as alterações no mercado de trabalho. Esses fatores, aliados aos traços já citados, trazem oportunidades para redesenhar a sala de aula e, quem sabe, mudar a forma com que a conduzimos, quando chamamos o professor a se manifestar. Também demonstram que é imprescindível buscar entendimentos dentro de nós e na sociedade para exercer o ato de ensinar e aprender. Projetar o destino próprio e ser capaz de responder por si, respeitando os limites alheios e da sociedade, revela a autonomia que tanto perseguimos ou temos ainda a intenção de encontrar.

Finalizando esta categoria, convém salientar: “Aprender é profundamente competência de desenhar o destino próprio, de inventar um sujeito crítico e criativo, dentro das circunstâncias dadas e sempre com sentido solidário.” (DEMO, 2000, p. 10)

7.5 A percepção dos professores sobre os problemas que emergem nas relações interpessoais na escola.

Quando um professor prepara uma aula, normalmente procura a melhor forma de interagir com seus alunos, por isso busca estratégias para abordar os conteúdos em livros na sua estante, em filmes na locadora, ou em *sites* na Internet. Tenta de todas as maneiras preparar um material que torne o seu dia-a-dia e o dos alunos mais atraente e significativo. Ao imaginar a sua turma de alunos, busca oportunizar uma aprendizagem satisfatória e avançar no conhecimento, fazendo um trabalho que tenha sentido para si e para os alunos. Contudo, ao entrar no espaço da sala de aula, a situação idealizada poderá não se concretizar ou não acontecer como o professor esperava.

Alguns problemas podem interferir naquele momento, ou seja, desequilíbrios entre professor e aluno acontecem e fazem parte da relação instaurada, pois ambos estão vivendo com diferentes expectativas; um esperando do outro posturas e concepções com base nas vivências que cada um possui. Esta categoria busca encontrar entendimentos para os problemas que emergem nas relações interpessoais no ambiente escolar. No relato dos professores, pode haver situações capazes de montar ou desmontar uma aula.

Já aconteceram episódios na escola em que eu estava em uma determinada turma, tentando atingir alunos que não estavam se importando com nada. Eu conversava com eles e era aquela relutância, não conseguia atingi-los. Eu tentava conversar e argumentar de tudo quanto é forma, e nada. [P8].

Muitas vezes, os alunos vêm para a escola numa perspectiva de oposição, de confronto e não de solidariedade, de troca. [P9].

Nesse sentido, sinto que poderá pairar um sentimento de incapacidade nos docentes, fazendo com que alunos considerados difíceis e que não constavam no seu planejamento, passem a figurar como atores principais de suas preocupações.

Há também a situação do aluno debochado, sarcástico e esse é o mais perigoso, pois tem em sua índole o desejo de tumultuar e testar a paciência do professor. [P14].

As atitudes do aluno me obrigam a agir de uma certa forma que eu não gosto, que é ser ríspida. Aí eu paro e me pergunto: Por que tudo isso? [P4].

O professor P6 considera: *É preciso identificar quais são os casos que remontam problema de aprendizado ou de convivência.* Para que esses casos sejam conduzidos

adequadamente, uma técnica é saber ouvir o que os outros têm a dizer; uma necessidade que começa a figurar nas falas dos entrevistados.

Nós precisamos escutar mais porque falamos muito em sala de aula e escutamos pouco. Nós reconhecemos os alunos pelas provas, por trabalhos, mas não os escutamos, não sabemos como pensam e deixamos de aprender com eles. [...] Eles estão nos dizendo coisas que não estamos conseguindo escutar. [P6].

Dessa forma, em uma profissão que se mostra essencialmente falante, saber escutar é uma máxima que precisa ser exercida para que se possa compreender o aluno que não consegue expressar suas idéias com clareza.

Muitas vezes, situações que se sucederam na sala de aula descem para a administração pedagógica e eu não sei de que maneira vou receber o aluno de volta. [P1].

A preocupação com esses alunos, que pode ter começado de forma solitária, poderá ser partilhada com outros integrantes dos setores da escola, demonstrando que clareza e consenso na tomada de decisões são essenciais na solução de conflitos.

Acredito que o professor tem que se dar conta de uma coisa essencial: ele não é um fomentador de conflitos, ele é um apaziguador de conflitos. [P3].

Alguns alunos podem se sentir invadidos e se identificarem com um problema que, em princípio, não lhes pertenciam. Na visão do professor P2, *Muitas vezes há um conflito que é individual, mas dentro do grupo ele generaliza ao ser absorvido pelos demais.*

Temos que absorver as coisas que existem dentro dos conflitos e tentar trabalhar da melhor maneira possível para que não se generalize e, posteriormente, atrapalhe o nosso trabalho. [P2].

Sentimentos ruins podem silenciar os ouvidos e promover a rejeição, como relata o professor P6: *Professores detestados criam um bloqueio tão grande que os alunos não conseguem entender o que ele está falando. Tudo o que ele (professor) vai falar é odioso e eu não vou escutá-lo porque antecipadamente já sou contra.* Sentimentos que desequilibram e se avolumam num grupo, poderão criar um “ruído” nas falas do professor ou uma “névoa” na sua visão, dificultando as práticas de um consenso, muitas vezes, impedindo a atitude de encará-los efetivamente. *Um consenso dentro de um grupo é algo que serve para que as*

relações possam se permitir mais, interagir e compreender decisões que se originam de um conjunto, e não são absolutas. [P2].

Explicar satisfatoriamente os sentimentos não os resolve nem os exorciza. Eles estão aí: precisamos lidar com eles. Jogar a culpa para cima dos outros não tira seu ferrão, nem reduz sua intensidade. Os sentimentos podem ser disfarçados, negados, racionalizados, mas um sentimento doloroso não se retirará enquanto não tiver percorrido sua trajetória natural. Na verdade, quando um sentimento é evitado, freqüentemente seus efeitos dolorosos são prolongados e torna-se cada vez mais difícil lidar com ele. (VISCOTT, 1982, p. 20)

Para o professor P12: *Chegar no aluno não é tarefa fácil e está aliada à falta de respeito. É uma coisa que vem de casa. A idéia do respeito revela a ligação com a educação familiar. Nós perdemos muito do apoio familiar. Algo se perdeu. [P1].* É possível conceber que haja um novo modelo familiar diferente daquele em que muitos dos entrevistados foram educados. *A família atual está totalmente desestruturada, seja em qualquer lugar, seja em qualquer classe social; então, eu sempre busco ficar próximo dos alunos. [P7].* Será que a família está desestruturada ou possui uma estrutura diferente daquela em que fomos criados e onde habitam nossas mais íntimas certezas?

Um importante papel da família e dos professores é mostrar aos seus filhos e alunos o mundo que os está acolhendo em atitudes que revelem coerência, constância e justiça. Ambos precisam estar cientes de que suas crenças têm um forte sentido emocional, pois determinam a realidade que vivenciam e não são fáceis de serem mudadas. Situações de falta de respeito e confronto podem esvaziar a autoridade de um professor, gerando sentimentos dolorosos. Seria mister que a educação familiar recebida tivesse relação com a escola que o aluno frequenta hoje, possibilitando-o desenvolver habilidades para conviver em sociedade.

Antigamente, o professor ainda tinha o respeito dos alunos, coisa que agora está se perdendo, porque eles não têm mais o respeito com seus pais. É o meu sentimento. [P12].

Já aconteceu de alunos faltarem o respeito com palavras de baixo calão comigo. Minha vontade era de que ele fosse embora e sei que essa era a vontade do próprio Diretor. [P4].

Tiba (2006) ressalta que há pais que querem mudar as regras da escola para que seus filhos sintam-se beneficiados e não fiquem contrariados. Essas atitudes poderão vir a formar mais um transgressor do que um cidadão. O autor considera que, quando a auto-estima de um jovem precisa ser servida, ele faz determinada tarefa apenas quando ganha algo. Isso

poderá levar a uma infantilização da sua conduta. Uma auto-estima saudável para um jovem demonstra ser guiada por sua própria consciência ética, uma vez que se revela no respeito por si e pelos outros.

A escola é um espaço intermediário de educação entre a família e a sociedade, portanto seus limites comportamentais e a disciplina têm que ser mais severos que os familiares, porém mais suaves que os da sociedade. (TIBA, 2006, p. 123)

As diversas considerações dos professores sobre suas relações com os alunos em sala de aula mostram que *Não podemos ficar rotulados por termos agido mal, por haver algum equívoco, pois há a intenção do professor em querer acertar.* [P6]. Na verdade, muitas vezes, *nós não estamos bem e acabamos não tendo sabedoria naquele momento para conduzir uma determinada situação.* [P5]. É possível que a idéia de dar um *click* quando se entra em sala de aula, nem sempre encontre sucesso, pois há uma interdependência entre o lado profissional e pessoal.

Há situações em que [...] *um aluno esgota a nossa capacidade de diálogo e, ao mesmo tempo, temos que mantê-lo, quando há um compromisso com os demais.* [P9]. Para o professor P13: *O deboche me tira do sério, porque eu não tenho jamais essa atitude com o aluno. Eu posso até me exceder nas brincadeiras, mas se me dou conta, imediatamente me desculpo.*

Viscott (1982) considera que há uma ligação entre os sentimentos que nos envolvem e a realidade. As abstrações do intelecto e do raciocínio requerem contato com os sentimentos, caso contrário, poderão levar a atos desumanos. Para o autor, perder contato com os sentimentos significa viver afastado das qualidades mais humanas, deixando de apreciar o mundo, de ficar mais próximo uns dos outros. Na verdade, aprendemos com os sentimentos a apertar os laços que estão frouxos, organizando e reorganizando nossa razão e emoção para tecer maiores entendimentos sobre a realidade.

Há momentos em que os entrevistados demonstram uma necessidade de justificar-se dos problemas que fazem parte do dia-a-dia escolar. É possível que acreditem não corresponderem a todas as expectativas das escolas em que trabalham, aliados ao que julgam sobre o que se espera de um professor, procurem encontrar justificativas para atos inadmissíveis nos alunos. Ingenuamente, buscam redimir-se dos problemas relacionais que não tiveram habilidade ou não conseguiram administrar. Parece-me que justificar a falta de postura de muitos alunos com palavras pedagogicamente impactantes, revela um professor mais necessário e sábio.

*Na nossa profissão estamos sempre em contato com pessoas, às vezes, temos na nossa frente umas trinta pessoas e nós estamos ali propondo algo, **enfrentando em alguns momentos um ambiente hostil, exatamente porque a escola não tem sentido, porque nós não temos sentido e eu me questiono muito sobre isso.***^{7.16}[P9].

*Acredito que um entrave no dia-a-dia da sala de aula possa ser uma **visão um pouco simplista da nossa relação com os alunos.***^{7.17} [...] *Hoje, nós lutamos com essas **questões externas, com uma série de estímulos e de propaganda que fazem com que a necessidade do prazer imediato seja maior. Talvez isso leve os alunos a sentirem um certo abandono.***^{7.18}[P3].

*Talvez, se pudéssemos, nos aproximáramos mais, teríamos mais momentos de convivência. [...] **Os problemas que eles (alunos) enfrentam nós não enfrentamos juntos. Quando os nossos problemas (professores) emergem, não os chamamos para enfrentar também.***^{7.19} [P6].

Um professor poderá sentir-se confuso quando começar a assumir coisas que não são suas, objetivando encontrar respostas para as muitas dúvidas que vão surgindo na convivência com seus alunos. É possível que ao assumir papéis que não são seus, resulte um sentimento de estar sempre em débito com algo e de que deveria ter feito isso e não ter feito aquilo, culpando seus braços por não serem suficientemente longos para conseguir abraçar o mundo que gostaria de ter. Nesse sentido, o professor P10 afirma:

A relação interpessoal entre professor e aluno é ainda mais problemática. Hoje, nós estamos fazendo o papel de pai, de mãe, de irmão, de tio, de avó e, infelizmente, não se tem essa preparação. [...] Quando alguém vem conversar sobre problemas pessoais, não é que eu não dê atenção, mas sempre sugiro ir à Orientação, porque ela estudou para isso e eu, para dar aula de Português. Para evitar que haja a confusão dos papéis, procuro trabalhar muito em cima disso. Professor é professor, pai é pai e o aluno é aluno.

A esse respeito, Tiba (2006, p. 153) fala com clareza: “Não é tarefa do professor tratar aluno, mas cabe à escola encaminhá-lo a um serviço especializado.” Movimentar as forças da escola para melhorar os aspectos cognitivos e afetivos dos alunos é uma tarefa que precisa ser assumida por todos os seus integrantes.

Quando penso a respeito das atividades em sala de aula, a idéia da convivência entre um grupo de alunos e seus professores parece-me inseparável da aprendizagem. A convivência traz implicitamente os limites, ou seja, uma fronteira na qual os envolvidos - alunos e professores - fazem parte, independente do grupo a que pertencem. Viver com uma série de regras requer o exercício do diálogo, da cooperação, das trocas entre os membros do

^{7.16} Grifo meu

^{7.17} Grifo meu

^{7.18} Grifo meu

^{7.19} Grifo meu

grupo. Porém, há situações em que as fronteiras são muito tênues e difíceis de precisar, como nesta fala do professor P9:

Quando eu digo a um aluno que agora ele precisa sentar, eu estou constrangendo o aluno. Quando o aluno está conversando com os colegas e não está participando da aula, ele está me constrangendo. Quando ele tenta burlar um trabalho ou uma prova, ele está constrangendo o professor.

Um constrangimento nas relações que parece sutil poderá se avolumar quando se alia a este a falta de diálogo e de respeito entre professores e alunos. Os professores percebem seus alunos ausentes não só quando são faltosos, mas quando estão ali apenas completando um lugar.

Quando um aluno dorme em sala de aula, isso me desconcentra. Eu não sei o que eles fizeram para estarem desse jeito, e fico sem ação. [P7].

Uma coisa que mais me irrita não é o aluno que conversa na aula, é o aluno que dorme, porque aí não tem relação nenhuma. O aluno que conversa, está tendo alguma relação. Com o que dorme, não há nenhuma. É muito difícil lidar com o aluno que conversa, mas eu prefiro este ao que dorme. A indiferença é o pior sentimento humano que pode haver. [P9].

As frustrações começam a acontecer e é provável que os professores se sintam momentaneamente incapazes de estabelecer uma relação envolvente. É doloroso perceber em alguns alunos que o pouco que sabem é muito ou suficiente, não sendo necessário aprender mais. Motivá-los para que abram a mochila ou não deixem seus materiais em casa é uma tarefa árdua, e se torna mais problemática quando vem cercada da indiferença, algo difícil de quebrar.

A pior coisa que pode ocorrer comigo, dentro da minha área, é não conseguir fazer um trabalho envolvente e que permita uma participação ampla dos integrantes do grupo. [P2].

Às vezes, encontramos um aluno que não quer dar abertura de maneira alguma e não sabemos quais as razões daquela postura. Isso dificulta bastante. [P11].

Muitas vezes saio da sala arrasada e frustrada, acreditando que minha aula foi uma porcária, pois eles não prestaram atenção e bagunçaram o tempo todo. Mas logo em seguida, já vem o otimismo e sinto que fiz a minha parte. [P12].

Independente de como atuam na prática, os limites estão relacionados com os valores que alunos e professores trazem quando chegam na escola. Portanto, limites e valores carregam a idéia de que um está aliado ao outro. Um aluno que desconhece os limites de uma

relação poderá ser aquele que não respeita os limites do outro, os sentimentos, as idéias, os valores, a forma com que seu semelhante enxerga o mundo. Esse aluno poderá até ser questionador, mas terá dificuldades em encontrar espaços para refinar o seu discurso e encontrar consensos.

Ao falar de limites também estamos estabelecendo um *link* com a hierarquia, uma característica da sociedade que é representada na escola. Não podemos abrandar palavras quanto a isso e dizer que numa escola todos pertencemos ao mesmo nível. As responsabilidades são diferentes dependendo do papel representado pelos seus integrantes.

Eu tenho uma posição e demarco essa posição que ocupo, nesse lugar que é a sala de aula. [...] Percebem^{7.20} que eu, como professor, estou exercendo esse poder e não há mais espaço para ir adiante. Chegaram no limite deles. [P13].

Eu costumo dizer que quem coordena a sala de aula e a aula em si é o professor. [P14].

Demarcar posições e coordenar ações requer uma personalidade madura, capaz de o professor ver-se e também se auto-revisar. Para que o professor leve o aluno a se construir com maturidade, é preciso que ele o conduza a adquirir respeito pelo que representa e pelo que os outros representam, desse modo irá atribuindo valor a si e aos outros.

Um professor não tem que estar no mesmo patamar que o aluno, porque ele precisa se diferenciar do amigo do aluno, mas não algo que separe, uma diferença que não seja desigual. Eu não consigo saber ainda qual é o ponto, preciso pensar mais a esse respeito. [P9].

Nas palavras desse professor, percebe-se o quanto ele está atento em não misturar os papéis. É possível que ele ainda não tenha clareza para verbalizar qual seja a dificuldade, mas isso não impede o professor de interessar-se pelos alunos e a realizar ações que visem à formação de pessoas que podem fazer a diferença no mundo.

Na visão dos entrevistados, algo que pode contribuir para que os conflitos aconteçam são os pré-conceitos que vão se construindo à medida que se obtêm informações dos alunos. Algo que poderia esclarecer determinadas posturas discentes, passa a ser um entrave nas relações:

Quando entramos em uma turma, há de se ter cuidado com uma armadilha: Querer saber tudo sobre o aluno. Quando descobrimos que ele é problemático, que foi reprovado em várias escolas, acabamos até inconscientemente colocando uma

^{7.20} O entrevistado refere-se aos seus alunos.

couraça e processando nossos pré-conceitos.[...] Ao nos permitirmos conviver, vamos fazendo descobertas e, se nossos pré-conceitos são muito fortes, não abrimos espaço para que a pessoa se mostre. [P3].

A adolescência é um período de formação da identidade, portanto, os conflitos existem e continuarão a existir. Há uma necessidade de liberdade de ir e vir, de defender uma ideologia, de viver um amor e encaminhar-se para uma profissão. Uma liberdade com limites impõe cuidados, cautela, observação e diálogo para se adquirir, aos poucos, a autonomia necessária para que o sujeito se entenda como “um ser no mundo”.

Percebo que desenvolver a inteligência lógica é tão importante quanto desenvolver os sentimentos, levando o indivíduo a conquistar a saúde social. Além de uma metodologia adequada, é preciso a vontade em desenvolver nos alunos a auto-estima, a sensibilidade, a tranquilidade, a capacidade de perdoar a si e aos outros. Sobre auto-estima, Tiba (2006, p. 204) considera: “Auto-estima é um sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove suas atitudes.”

Respeitando os papéis de cada educador nos seus respectivos setores da escola, o professor contribui com a educação quando leva o aluno à auto-revisão, fazendo-o perceber, com mais clareza, o sentido do ato pedagógico. Para que esses entendimentos ocorram de uma forma leve e cativante, uma certa dose de humor pode auxiliar o processo de sedução e entrosamento, como observam alguns entrevistados:

Se tu não tens conteúdo, humor e o jogo de cintura, não vamos adiante. O aluno dessa escola quer isso. [P8].

O “jogo de cintura” e o humor são interessantes. Temos que ter sempre uma certa dose de humor, mas é claro que cada um tem suas características. [P3].

Com isso, os caminhos vão se cruzando, fazendo com que essa categoria encontre em Tiba (2006, p. 133) muitos dos aspectos abordados:

Os requisitos para um professor ser amado são combinar senso de humor e movimentação cênica: falar não só com a boca, mas com o corpo inteiro; saber estabelecer o limite entre o adequado e o inadequado; saber ouvir e exigir quando necessário. Como coordenador de grupo, ele tem uma autoridade a ser exercida, que inclusive é esperada pelos alunos. Na falta dela, se deixa tudo por conta dos estudantes, a classe se dispersa.

Os entrevistados abordam que há uma confusão nos adolescentes sobre a noção do que são direitos e deveres, mas entendem como sendo dever da família comprometer-se em acompanhar de perto as rotinas básicas dos filhos. Por outro lado, há a motivação que está

ligada à disciplina, ou seja, é complicado manter a disciplina em alunos desinteressados e com muitos abandonos.

É possível que a falta de interesse pela escola também aconteça devido ao grande acesso à informação, aliado ao bombardeio com as propagandas voltadas ao consumo e a baixa tolerância ao que não satisfaz o jovem imediatamente. Dessa forma, é difícil seduzir os alunos a trabalhar a informação que recebem para produzir conhecimento e procurar antecipar a sociedade que almejam, quando muitos docentes podem não estar mais acreditando no sentido que há em estar ali, naquele espaço para ensinar e aprender. Nessa linha, entendo que o importante não é o que a sociedade fez com seus professores, mas o que eles estão fazendo agora a partir de suas experiências passadas.

7.6 A percepção dos professores sobre as regras de convivências e a forma como estas afetam as relações na escola.

A educação é uma atividade humana imprescindível para que se desenvolvam as capacidades físicas, morais e intelectuais dos sujeitos, sendo necessária para o funcionamento das sociedades. Para se viver eticamente em uma sociedade é preciso conviver com as regras que regem o seu funcionamento. Nesse sentido, a ética pode ser entendida como um juízo crítico e qualitativo da conduta dos sujeitos, posturas que envolvem o respeito e o bem estar de si e dos grupos sociais por onde transitam e/ou a que pertencem.

Para que os sujeitos exerçam a liberdade é necessário que façam escolhas, sabendo que sempre haverá conseqüências. O discernimento para decidir qual atitude tomar carrega a idéia da autonomia e da disciplina, não como subserviência ou adestramento, mas um aprendizado ético que independe da presença do outro. Quando um educador permite que regras sejam quebradas por descaso, estará contribuindo para o desequilíbrio do funcionamento do contexto pedagógico. É possível que elas possam ser modificadas, mas deverá haver fóruns para que isso aconteça.

Esta categoria aborda as regras que normatizam a convivência na escola. Pretendendo explorar a percepção dos professores mediada por consensos diversos, conflitos e a maneira pela qual o contexto escolar influencia os entendimentos nas relações.

Como vamos preparar um aluno para a vida e para a sociedade se não se estabelecem regras? [P9].

A escola e seus profissionais buscam a formação e o desenvolvimento do aluno, mas sabem que ele carrega consigo uma família. Esta tem a melhor ferramenta para a vida: ensinar o exercício do respeito, preparando-o para a liberdade, sem abrir mão do poder de questionar. Então, cabe destacar:

As escolhas que fazemos não são naturais, são socialmente construídas a partir dos valores que temos. [P9].

As nossas escolhas dependem da forma como fomos criados. [P5].

É bem provável que os valores que internalizamos no lar e a educação que recebemos, expliquem nossas escolhas e a forma como exercemos nossa liberdade.

Os entrevistados percebem que quando há falta limites ou disciplina, a palavra “não” poderá ter sido usada inadequadamente no ambiente familiar. Cabe destacar que: *Se extrapolarmos os limites, vamos receber a punição; a autonomia é saber que existem limites. [P10].* Nesse sentido, os professores se manifestam:

No momento em que a família diz ao filho para não fazer tal coisa e que ganhará algo por isso, o jovem, o adolescente, não terá o hábito de receber um não. Com o decorrer da vida, acaba se frustrando com os “nãos” que a vida oferece. [P2].

No momento que tu és pai e mãe e não estabelece os limites dentro da tua casa, estás quebrando uma coisa que poderia ser muito boa. [P10].

Muitos não têm limites e nós precisamos atingi-los. [P8].

Sou levada a questionar até que ponto a falta de dizer um “não” por receio em criar um trauma no adolescente, ou ainda, por não se ter segurança sobre o ato de educar, pode ser construtivo na educação. No papel de professora, não posso compactuar com uma transgressão e assumir que uma escola funcione como uma clínica de recuperação de jovens desajustados. Nesse sentido, entendo que se contribui com a impunidade quando regras são descumpridas e não há a aplicação das penalidades.

Sobre a relação entre alunos, professores e escola, Zagury (2002, p. 50) constata: “O importante é lembrar que a maneira pela qual nós pais, em nossas casas, falamos dos professores e da escola influencia demais a atitude de nossos filhos.” Se os pais desprestigiarem os professores e a escola a que pertencem seus filhos, não lhes atribuindo o devido valor e o respeito que merecem, seus filhos poderão ficar prejudicados na sua formação. Pais e escola precisam estar juntos para educar nas dificuldades e nas alegrias.

A organização e a disciplina na adolescência podem aliviar a ansiedade dessa fase da vida e auxiliar o jovem a viver como um cidadão, integrando-o nos diversos espaços que compõem a sociedade. *A escola é a reprodução da vida fora dela.* [P10]. Esse é um papel importante. Como já foi mencionado, não cabe somente a ela, escola, a responsabilidade de educar. Sobre sociedade e escola, é importante destacar nas falas dos entrevistados:

A sociedade possui regras e códigos que regulamentam as convivências^{7.21}, e se na escola não estabelecermos regras, fica difícil o convívio. [P10].

*As regras da escola são importantes e válidas porque, querendo ou não, **nossa sociedade é composta de regras**^{7.22}. [...] Por outro lado, socialmente, vemos um monte de gente que faz um monte de coisas erradas e sai ileso, mas aí tu olhas para a vida e vê que há outras coisas, outros mecanismos de sanção.* [P7].

A escola não pode também criar um ambiente que não existe na sociedade^{7.23}, mas é preciso ter cuidado para não reproduzir alguns vícios, o que é complexo e demanda muito estudo. [P9].

As regras e a disciplina estão aliadas a um conjunto de valores que um grupo representa, sendo essenciais para que haja uma convivência justa e pacífica, qualificando o indivíduo para uma vida individual e social. Segundo Tiba (2006, p. 192), “A palavra ‘disciplina’ carrega em si um ranço de autoritarismo e de falta de diálogo, que era comum no comportamento das gerações anteriores.” O autor considera que há pais que delegam a educação dos seus filhos à escola porque preferem omitir-se a cometerem erros. Essa idéia pode ser ampliada com Zagury (2002, p. 37):

Os pais de hoje, muito inseguros com relação ao estabelecimento de limites e com muito medo de se tornarem autoritários, muitas vezes questionam-se sobre a forma de atuar, de influenciar a criança quanto aos estudos.

Como em qualquer outro espaço institucional, na escola dos entrevistados, existem comportamentos que são considerados inadequados e, conforme a transgressão disciplinar, receberão punições específicas. Os entrevistados revelam que a escola possui uma série de regras de convivência e um documento chamado advertência^{7.24}. Um aluno que receber três advertências ou mais, será conduzido até a Direção Pedagógica. Após o seu encaminhamento, poderá haver uma suspensão de um a três dias. Para o aluno retornar à escola, os pais são

^{7.21} Grifo meu

^{7.22} Grifo meu

^{7.23} Grifo meu

^{7.24} Instrumento que os professores utilizam em sala de aula para advertir os alunos sobre posturas que não estão adequadas às regras da escola. É fornecido aos pais e/ou responsáveis, no ato da matrícula, o conjunto de regras que orientam a convivência na escola.

chamados pela responsável do setor de Orientação e o Diretor para conversarem sobre o que está acontecendo com seu filho.

Sobre punições, cabe um contraponto que deve ser considerado: se os instrumentos forem banalizados, deixam de ser considerados como sanções. É possível observar esse entendimento na fala do professor P10: *No momento em que a advertência é uma coisa que ocorre freqüentemente, cai no descrédito.* Por outro lado, não posso deixar de considerar que a não aplicação das punições previstas pelas regras da escola pode revelar inoperância dos docentes, omissão da direção ou ainda, pressão dos pais para que não se efetivem.

O exercício da autoridade é algo difícil para os professores, por mais claras que sejam as regras da escola. *Esse meio é delicado, pois até que ponto nós temos que ser autoridade sem ser autoritário?* [P9]. Entendo que as dúvidas estão aliadas não somente à falta de entendimentos sobre determinadas situações, mas à seriedade com que se examina uma questão. Professores cercados de certezas poderão revelar posturas diretivas e antiquados devido à carência de uma formação continuada dentro e fora da escola. Um aluno poderá aprender bem e com qualidade se o seu professor também aprende bem e com qualidade.

A estabilidade do professor, a coerência com seus posicionamentos, sua personalidade, a afinidade com a faixa etária dos alunos com que trabalha, são alguns dos fatores que podem influenciar a maneira com que ele entende as regras de convivência e se relaciona com os alunos. Nesse sentido é oportuno o depoimento do professor P8:

Se eu mandar um aluno para fora, não será por qualquer coisa. Muitas vezes, eu até podia já ter mandado antes, mas acabo pensando umas vinte vezes. Há muitos alunos na escola que adoram te provocar, testar teus limites e nesse sentido, eu acho que tenho um limite bem amplo. Quando eu mandar para fora, aí não tem volta, já extrapolou tudo o que tinha para extrapolar nesse sentido.

Entendo que o professor tem o direito de retirar o aluno que teve atitudes inadequadas com o grupo. Porém, ao encaminhar o aluno a uma outra instância da escola, isso não irá eximi-lo da responsabilidade de integrá-lo novamente ao grupo.

Verifica-se, em algumas falas, a importância de a equipe pedagógica da escola trabalhar junto com seus professores.

O que não dá são escolas em que tu mandas o aluno para fora porque esgotaram as tuas possibilidades de diálogo e ele volta com aquele sorrisinho irônico: "eu te falei que eu voltaria". Na escola Esfera-1, eu sinto que não tem isso. [P8].

Individualmente, a questão disciplinar deverá ser reforçada para que ele possa voltar tranquilamente ao convívio dos demais. Se isso não acontecesse, seria complicado. [P10].

Em algum momento, podemos estar mal e com vontade de “esgoelar” um aluno que passa dos limites, mas não podemos discutir com ele. [P3].

Os entrevistados parecem-me bastante seguros quando observam: *Ninguém pode tudo em nenhum lugar. Muitos alunos têm a idéia de que podem tudo. [P9].* As regras por si só não representam um equilíbrio para o ambiente em sala de aula e, para que tenham significado, elas necessitam revelar os entendimentos do que pretendem os docentes e a equipe diretiva. *Na verdade, não são as regras disciplinares que resolvem tudo, mas é o ambiente que ajuda a sustentar essas regras. [P3].*

A escola procura usar mecanismos que demonstrem transparência sobre o que os professores estão assumindo quando entram em uma turma de alunos. No início do semestre, os professores elaboram um contrato pedagógico com os alunos relatando a forma como irão proceder quanto aos objetivos, conteúdos, material utilizado e avaliação. Esse material fica na reprografia para que os alunos e seus responsáveis tenham acesso ao documento. Também utilizam uma ata para toda a avaliação prevista no contrato. Sua importância é percebida na fala do professor a seguir:

Lidamos com um aluno difícil, complicado, então, temos que ter a ata e o contrato pedagógico. É uma exigência a mais para o professor. [...] É uma saída que a escola buscou para controlar e se isentar de certos problemas que foram ocorrendo ao longo do caminho. [P12].

Percebo que tanto as regras de convivência como os instrumentos de controle foram construídos de certa forma junto aos professores entrevistados, pois eles demonstram estarem à vontade e integrados com seu significado, como mostram as declarações que seguem:

Acredito que as regras contribuem e me deixam mais tranqüilo no trabalho, porque tem que haver uma referência não só para mim, mas para o próprio aluno. [P13].

Eu não creio que sejamos uma escola com regras tão rígidas e considero-a muito bacana de trabalhar. [P5].

Na escola, elas me parecem extremamente coerentes. Não sei se essa trajetória de trabalho de tanto tempo acaba dificultando uma crítica. [P6].

Eu acho satisfatório o sistema de regras, apesar de nunca ter utilizado uma advertência, mas já solicitei acompanhamento para alunos no setor de orientação. [P9].

Para que haja coerência na voz de um professor e que suas atitudes promovam sucesso no aprendizado, um docente precisa ter segurança sobre a sua função e suas intenções, independente da escola em que trabalha. Ele poderá não se sustentar na sua posição de professor por muito tempo quando aceita e reproduz verdades que não estão internalizadas na sua prática. Aos poucos, acredito que ele vá se movendo e revelando suas intenções educativas, reforçando a idéia de que ensinamos o que sabemos por meio do que somos.

Há uma aula a ser dada para aqueles que querem ter aula, e disso eu não abro mão. [...] A partir do momento em que alguém ultrapassar o limite em termos de conversa e outras atitudes que atrapalhem aqueles que estão na sala para estudar, cabe ao professor organizar novamente o ambiente. [P14].

Eu ensino muito do que eu sou, mas é evidente que terei atitudes diferentes e adequadas em cada ambiente, caso contrário, eu não teria limites. [P9].

A autoridade em um professor é algo que precisa existir espontaneamente, sem culpas e com segurança. Tiba (2006, p. 24) reforça essa idéia:

Autoridade é algo natural e deve existir sem descargas de adrenalina, seja para impor, seja para submeter – pois é reconhecida espontaneamente por ambas as partes. [...] É essencial à educação saber estabelecer limites e valorizar a disciplina. E para isso é necessária a presença de uma autoridade saudável. E o segredo que diferencia o autoritarismo do comportamento de autoridade, adotado para que a outra pessoa se torne mais educada ou disciplinada, está no respeito à auto-estima.

Cabe ressaltar que permitir o exercício da liberdade dada aos alunos não significa ser licencioso, pois uma liberdade carente de limites precisa ser tão rejeitada quanto a falta dela. Não há autonomia sem liberdade, ela é processual e vai se construindo nas decisões que vão sendo tomadas dia após dia, constituindo-se um aprendizado. Como é algo para toda uma vida, professores e alunos se encontram nesse caminho em níveis diferentes, caso contrário, um docente não precisaria preparar-se tantos anos para exercer sua função. O uso dizer que docentes com entendimentos equivocados poderão perverter o conceito de liberdade em favor de posturas que agradem determinados grupos ou segmentos de uma instituição.

Nas palavras dos entrevistados, os alunos acabam entendendo os valores que cercam uma atitude dura, porém com intenções claras de apreço e preocupação. O aluno percebe, por mais que ele relute, nas atitudes de um professor quando ele realmente se importa. Uma postura firme do professor demonstra que ser autoridade não o isenta de uma postura dialógica e emancipatória, mas sim, o torna ainda mais responsável por seus alunos.

7.7 A percepção dos professores sobre suas dificuldades para promover a aprendizagem na escola.

A escola é apenas um dos diversos contextos em que se dá o desenvolvimento humano. As instituições escolares possuem uma parcela de responsabilidade na tarefa de contribuir com o desenvolvimento e a socialização dos sujeitos. Coll e Martín (2004, p. 13 - 14), reforçam a indispensável função da escola na formação de crianças e jovens:

Embora seja evidente que, objetivamente, a instituição escolar desempenha muitas outras funções – transmissão da cultura, construção da identidade nacional, reprodução da ordem social, formação da mão-de-obra de acordo com as exigências do mercado de trabalho, etc. – a existência da educação escolar, especialmente em seus níveis básicos e obrigatórios, só se legitima plenamente mediante sua indispensável função de contribuir para que as crianças e os jovens adquiram e desenvolvam as competências necessárias para se incorporarem como membros de pleno direito à sociedade à qual pertencem.

É possível utilizar-se da educação formal como um instrumento de mudança e de transformação social, levando os alunos a desenvolverem capacidades para se incorporarem na sociedade ou ainda, auxiliá-los na construção de outras capacidades que causem processos de mudanças e transformações na sociedade que desejam impulsionar.

Como professores e alunos são sujeitos do processo educativo, essa categoria pretende compreender, na visão dos docentes, as dificuldades de promover a aprendizagem numa escola cujos alunos trazem episódios de reprovações.

Nas falas a seguir, é provável que alguns alunos matriculados na escola não estejam ali primeiramente por uma escolha própria, mas por não enxergarem outra opção para o momento que vivenciam.

É como se o aluno estivesse ali para reabilitar-se ou simplesmente concluir o Ensino Médio. [P9].

Eu ouço falar dos próprios alunos que a escola é para reprovados, onde entram os casos perdidos das outras escolas particulares. [P12].

Nossos alunos são adolescentes que vêm com uma história de reprovações, com papéis de fracasso, que se externam em falas como estas: Eu estudei na escola tal e reprovei. Na outra escola eu não assistia à aula. Sou indisciplinado. Quando ouço essas palavras, digo a eles que isso, para mim, não interessa e que estou interessada neles a partir de agora, da nossa relação que acabamos de firmar. [P3].

É possível considerar que nossa representação pessoal contenha imagens que os outros nos devolvem. Se essas imagens que recebemos não estiverem em sintonia com aquilo

que somos e aquilo que acreditamos que somos capazes de fazer e conhecer, poderão ocorrer desequilíbrios, revelados a partir das dificuldades, como o desinteresse e a baixa auto-estima. Sobre os alunos, os professores consideram:

Há alunos que entram mudos e saem calados. Para mim é muito complicado porque eu sou uma pessoa falante, expansiva, gosto de carinho, de tocar, de abraçar e tem aquele aluno que chega em aula e fica ali viajando, ou até mesmo dormindo. [P4].

Reforçar as habilidades para aprender, objetivando vencer dificuldades, melhora a confiança dos alunos que, em algum período de sua vida, possam ter perdido a percepção positiva de si mesmos.

Muitos alunos de determinadas turmas não querem nada com nada, são completamente displicentes se comparados com outros grupos. [P2].

Conforme já foi abordado anteriormente^{7.25}, é possível considerar que, se o adolescente foi educado em um contexto que exalta os acertos, que satisfaz a todas as vontades e que encontra sempre justificativas para as irresponsabilidades, o jovem poderá sentir-se despreparado para vencer desafios e a reagir em situações que independem de sua vontade. Tais atitudes poderão contribuir para a formação de um adulto infantilizado. Aos poucos, ele vai se abandonando e perdendo a voz da sua própria voz.

Eu já tive alunos com os quais eu não sabia o que fazer. E agora? É muito difícil entendê-los. [P7].

Em um primeiro momento, é possível que os professores sintam-se desmotivados por não saberem como proceder quando nada sensibiliza o aluno. Seu desafio concentra-se na motivação e na busca da atenção para as atividades que propõe em sala-de-aula.

Eu percebo que ele olha para o quadro, mas nada o sensibiliza. Ele recebe um texto, um material e mal toca. Simplesmente não faz. Para mim é muito difícil me aproximar desse aluno porque ele não responde. [P4].

Diante disso, é necessário que o docente aguace a sua percepção e busque entendimentos junto à escola sobre o que é problema real do aluno e o que pode ser apenas um benefício imediato de uma vontade satisfeita. Mergulhar nas práticas de sala de aula e aprimorá-las constantemente é buscar sentido para a aprendizagem, tornando o dia-a-dia mais atraente e sedutor.

^{7.25} Ver página 65.

No momento em que a aprendizagem faz sentido, a escola deixa de ser chata, deixa de ser maçante e passa a ser um espaço, um momento de criação. O aluno está ali buscando isso, mas é claro que isso é uma postura ideal. [P9].

Em algumas falas percebi que há professores que não encaram os alunos como reprovados, mas como [...] *um aluno convencional, pois ele não faz a dependência, faz a disciplina.* [P1]. Mesmo que entendam dessa forma, as dificuldades não deixam de existir:

Ainda temos o seguinte agravante: eles são desmotivados para estudar. Eu tenho que puxar muito, não é fácil trabalhar com eles. [P8].

Eles não conseguem ver aquilo ali como algo importante na vida deles, como algo que vá levá-los a algum lugar; e a sociedade mostra para eles que há uma ponta de razão. [P11].

Alguns professores percebem que [...] *a falta de perspectiva é o maior problema dos alunos.* [P11]. A motivação para ir às aulas e aprender está relacionada não só com o sentido que o aluno atribui ao conteúdo e às tarefas que deve realizar, mas com seus objetivos futuros que aquela etapa irá promover.

Por outro lado, é importante destacar Perrenoud (2000) quando aborda que o saber interiorizado pelo professor poderá levá-lo a rejeitar alunos que não compartilham das mesmas aspirações. Alguns imprevistos podem tirá-lo do sério, pois ele enxerga a degeneração do seu papel quando na relação com o saber que ele privilegia, seu aluno não privilegia. A indiferença e o desprezo se dão em saberes pelos quais o professor é apaixonado, como se estivesse ligado a sua identidade. Dessa forma, ele precisa ter um enorme autodomínio para não rejeitar seus alunos.

O primeiro sentimento que emerge quando o aluno faz algo que me incomoda é de raiva e frustração. Ele deveria ir para casa, assistir televisão, fazer qualquer coisa, mas não ficar aqui quando eu não quero vê-lo. [P12].

A complexidade das relações se mostra num emaranhado de emoções e sentimentos que estão fora e/ou dentro de nós. Com isso, acabo me perguntando: Será que ver potencial num aluno que nos desequilibrou e gerou sentimentos tão negativos, acontece porque realmente temos conhecimento das suas capacidades ou porque estamos imersos em um discurso de que não é prudente mostrar e/ou ter falta de apreço pelos alunos?

A sala de aula é difícil de administrar, pois temos que dar conta da matéria, da turma inteira e não é só de “alunos problema” que estão ali. Depois, fora da sala, quando estou caminhando na rua ou em casa, começo a pensar e vejo nesse aluno um grande potencial. [P12].

No papel de professora, entendo que mesmo que haja dificuldades para mover os alunos de uma aparente indiferença pelo que está sendo ministrado, é possível encontrar mais clareza quando se busca uma postura que não assuma culpas ou busque culpados, mas procure encontrar caminhos nas relações interpessoais que permitam aos sujeitos interagirem e desenvolverem suas capacidades.

O aluno que estamos querendo transformar num sujeito crítico num processo de emancipação pode não estar aberto a isso e, muitas vezes, não é por culpa nossa ou dele, é devido a uma trajetória em que ambos estão inseridos. [P9].

Fico incomodada quando entro em sala de aula e ouço: Professora qual é a minha nota, que nota eu tirei ou quanto eu preciso para passar em média? Não vejo interesse em dizer: Ah, eu aprendi! Então, é preciso mudar as concepções na sociedade. Nós poderíamos começar isso, por que não? [P12]

Segundo Coll (2003), para que os alunos desenvolvam a aprendizagem, é preciso fazer com que eles intencionem aprender, que tenham a vontade de aprender, que esta atitude seja uma finalidade a ser seguida. O que os alunos aprendem deve atrair a sua curiosidade, chamar a sua atenção. Com os sentidos aguçados para escutar e questionar, eles poderão explorar seu contexto e fazer relações com o mundo que os cerca.

A verdadeira aprendizagem se dá pela via reflexiva. É estar pensando e repensando as causas, estabelecendo relações entre as coisas que podem aparentemente não ter nenhuma relação. Ela te leva muitas vezes à abstração, talvez, por isso, alguns se confundem. [P9]

Encontro o sentido na idéia da aprendizagem pela via reflexiva em Esteban (2002, p. 164): “A reflexão tem que gerar lentes mais potentes para a leitura da realidade, ferramentas mais adequadas às demandas da prática.” É importante perceber que essas lentes podem modelar nossa impressão de mundo. Cada sujeito olha através das lentes específicas da sua experiência e a sua percepção pode ser condicionada às concepções que norteiam sua vida. Não conseguimos manter uma coerência se há discordância entre o que falamos e a maneira como agimos. A relação com o aprender mostra como a realidade percebida pelos professores entrevistados revela inseguranças, o que não pode ser entendido como falta de mérito ou incapacidade.

Penso que, às vezes, nós vamos empurrando e eu não sei até que ponto eu consigo realmente fazê-los aprender, terem interesse. São situações que me deixam sem saída. [P7].

Estamos passando por um período em que começamos a deixar para trás uma aprendizagem centrada na capacidade de reproduzir procedimentos conforme modelos estereotipados e baseados na repetição. A fim de optarmos por uma aprendizagem mais reflexiva e interativa é preciso estabelecer vínculos entre aquilo que se aprende e o que trazemos de conhecimentos prévios.

O aluno estuda para uma prova de uma determinada disciplina e, duas ou três semanas depois, ele não sabe mais nada porque o conhecimento não passou por ele. Ele tem ali uma memorização de fatos e na verdade ele não está aprendendo, ele está sendo treinado como um macaquinho de circo. [P9].

É importante considerar não só o conteúdo, mas o modo com que os alunos se organizam e atuam para aprender, pois mesmo dentro da memorização há momentos de compreensão. Com isso, é natural que tenhamos muitas dúvidas sobre o significado da aprendizagem e se ela está acontecendo.

Contudo, aprender a aprender requer uma autonomia que vai sendo construída aos poucos, à medida que vamos possibilitando ao educando a utilização de instrumentos para o comando da sua própria aprendizagem. A capacidade de questionar e exercer a dúvida faz dos docentes sujeitos imprescindíveis para a sociedade.

Caso eu não tenha uma boa relação com meus alunos, não vou entender como eles percebem o mundo. [...] Antigamente, esse problema era minimizado porque nós íamos buscar na escola conhecimento; a escola era o templo máximo do saber. A partir dali, íamos abrindo os olhos para o mundo. Atualmente, o mundo tem vários estímulos e várias oportunidades de conhecimento que não estão necessariamente na escola. [P3].

Segundo Demo (2000), o que precisamos aprender na vida e sobre a vida não pode estar centrado na resolução de problemas, mas buscar administrá-los de forma inteligente. Dialeticamente falando, toda a realidade é problemática e pode ser problematizada, não porque seja naturalmente constituída de imperfeições, mas porque está num constante movimento; algo que se constrói e reconstrói à medida que vamos nos movendo e nos permitindo utilizar diferentes ferramentas para enxergá-la. É preciso aceitar que nem todos os problemas, num determinado contexto, têm solução, porque não poderíamos enxergar a todos ou ainda, dar conta de todas as possíveis soluções que ele sugere. Também precisamos considerar que cada nova solução remete a novos problemas, já que uma realidade isenta de problemas não é autêntica. Para o autor, os sujeitos são políticos naturalmente porque não aceitam o que é dado, mostrando-se rebeldes para poderem ver, libertando suas mentes da

censura por estarem frente a um mundo de que desejam participar. A autoridade que o argumento traz é uma conquista, num movimento de dentro para fora, fazendo com que um questionamento não exista sem a crítica.

Por mais que os entrevistados mostrem que estão se voltando para uma aprendizagem mais reflexiva, o que nos envolve ainda parece estar muito centrado na reprodução e não no empreendimento de mudanças. Portanto, quando sofremos porque não encontramos saída para nossas aflições é provável que o problema esteja na impossibilidade de argumentar, ou seja, de estabelecermos raciocínios esclarecedores para o que nos é solicitado.

É possível considerar que a aprendizagem está acontecendo quando exercemos o diálogo na forma escrita ou falada, o que nada mais é do que exercitarmos a capacidade de argumentar. Atrevo-me a dizer que educar para a vida e para o argumento alia a importância do equilíbrio que se tem entre aquilo que somos, aquilo que acreditamos que somos e aquilo que os outros nos devolvem do que somos.

7.8 A percepção dos professores sobre como é desenvolvido o exercício da docência na escola.

Perrenoud (2000) considera que nem todos os indivíduos que convivem em uma sociedade, enfrentam as situações da vida, sejam elas triviais ou extraordinárias, com as mesmas ferramentas intelectuais e culturais. Contudo, espera-se que professores conscientes de seu papel saibam que é necessário desvelar os sujeitos e ir compreendendo de forma relacional e crítica como se dá o ato de ensinar e aprender. Esse espaço escolar requer muito mais do que [...] *só lecionar a disciplina para a qual estudamos. É uma dupla jornada para a qual muitas vezes não fomos preparados, porém, muitos esperam que sim.* [P10].

Dessa forma, pretendo compreender com esta categoria, a percepção dos professores sobre como é desenvolvido o exercício da docência na escola; um ambiente cercado não só de conteúdos e técnicas, mas de cotidiano, do que é vivido, da utopia, da paixão, dos encontros e desencontros, daquilo que se constrói e se reconstrói e, porque não, de um pedaço das nossas vidas como alunos e professores.

Como a escola a que pertencem os entrevistados é de regime semestral, a cada seis meses há um recomeço de atividades, de estratégias, de combinações, de novos alunos e de alunos que avançaram ou permaneceram em alguma etapa.

Eu sempre tenho que começar cada semestre com uma sondagem, algo que eu não preciso fazer em outras escolas para saber dos alunos e poder mapear um pouco seus interesses. Muito mais do que verificar seus pré-requisitos, procuro conhecê-los para tentar enxergá-los.

Se o professor tem a intenção de conhecer seus alunos, está demonstrando a preocupação em ensinar e aprender com eles. *Educar é mudar o pensamento antes tido como uma verdade, e mostrar ao aluno o caminho ou uma mudança de uma atitude.* [P1].

Como o conhecimento também é construído na relação professor-aluno, tudo está interligado e é nessa relação que o aprendizado acontece. *Os alunos me fazem ser diferente, porque as coisas são relacionais.* [P13]. A consciência de que a aprendizagem é uma via de mão dupla é demonstrada nas palavras do professor P14: *Penso que ao ensinar o que sabemos pode ser muitas vezes o que se está aprendendo no momento da aula. [...] Surpreendo-me ao conseguir ensinar a mim mesmo e aos outros simultaneamente.*

Constatando o esforço em maior ou menor grau que cada professor faz para promover a aprendizagem, buscando *entrar no mundo dos alunos* [P7], não posso deixar de completar essa idéia com o compromisso do educando com a sua aprendizagem. Para Coll (2003, p.188) “[...] nenhuma aprendizagem é produzida se não for assumida, em certo grau, pelo aluno.” Esse aspecto muitas vezes não está internalizado nas suas atitudes, logo cabe ao professor, no exercício da docência, fazê-lo sentir-se aceito e reforçar sua auto-estima, mostrando a relevância do que está aprendendo.

O professor precisa ter o interesse de ensinar e o aluno, o mínimo interesse em aprender. [P10].

Se ele não quer, não vai, não tem jeito, mas é claro que nós podemos influenciar e construir esse querer.[P11]

Com isso, ser responsável pela aprendizagem também é papel do aluno, não só da escola ou do professor. Um professor que desafia e estimula os alunos com assuntos interessantes é muito importante, mas se ele não for assim em todas as aulas, não significa que o aluno não precise aprender ou que o professor não seja suficientemente bom educador.

Coll (2003) também considera que a atenção dos alunos a uma explicação, no processo de realização de uma atividade é determinada inicialmente pela curiosidade, despertada pela percepção de sua relevância. Se a atividade torna-se aborrecida, ou os alunos não percebem para que serve ou ainda, não compreendem quais os objetivos do professor, eles acabam buscando formas de rejeitá-la.

Se aquilo é uma coisa que desperta a nossa curiosidade, mexe conosco em algum sentido. [P9].

Porém, mesmo que a atividade inicialmente não pareça maçante ou sem sentido, muitas vezes não é suficiente para que o aluno se mantenha motivado. Nessa fase o adolescente sente-se atraído por muitas coisas que nem sempre pertencem às rotinas escolares, considerando que [...] *não é fácil ficar sentado quando o mundo lá fora é muito mais interessante.* [P1]. Não somente os alunos, mas os professores partilham dessa idéia ao reconhecerem que não trazem o “mundo lá fora” para seus alunos; fazendo com que estes acabem vivendo momentos como meros e anônimos expectadores.

Conhecer os alunos auxilia na preparação de atividades diversificadas. Os professores percebem que seus alunos aprendem em várias situações. Nesse sentido,

É preciso ter muitos instrumentos para verificar em que abordagem ele vai melhor. Muitas vezes, ele não consegue escrever, mas fala muito bem ou trabalha bem em grupo. Então, temos que oferecer alternativas que possam mostrar que está aprendendo. [P6].

Nós, professores, sabemos que há alunos que aprendem no visual, no auditivo e outros ainda precisam escrever. [P4].

Se um professor apresenta um script pronto para as diferentes turmas em que atua, ele não estará levando em consideração a presença do aluno no relacionamento. É uma postura que demonstra claramente que a relação é do docente com ele mesmo. “É como o professor que reduz todos os alunos àquele que ele tem dentro de si - perde a chance de aumentar seus relacionamentos e melhorar sua qualidade de vida.” (TIBA, 2006, p. 137).

Dessa forma, qualquer alteração pode inicialmente causar desconforto, mas é imprescindível estar aberto às adaptações e administrar as incertezas.

Não custa nada mudar quando possível. Eu não tenho problema algum em dizer que fiz alguma coisa errada ou não está funcionando e eu vou fazer de outro jeito. [P14].

Eu planejava algumas aulas e na hora acabava mudando porque aquilo ali não estava batendo, fazia sentido para mim, mas não para o meu aluno. [P9].

A mudança e o inesperado são acontecimentos que um docente consciente de seu papel sabe que precisa manejar. Ao interessar-se pelos alunos e escutá-los, poderá ir desvelando os sujeitos e compreendendo de forma relacional e crítica qual a melhor forma de lidar com aquele grupo e como irá buscar os avanços no ato de ensinar e aprender.

No nosso planejamento, o inesperado deve constar. E isso não é só para as ciências humanas, nas ciências exatas deve haver também. [P9].

[...] o professor precisa saber trabalhar com o inesperado, ser criativo e, ainda, seguir determinadas regras. [P5].

Mesmo que alguns entrevistados considerem suas aulas tradicionais, há docentes que acreditam numa maior interatividade. Fazer os alunos procurarem informações e irem em busca da sua aprendizagem estimula os jovens para as discussões e os demove das “respostas prontas”. Dessa forma, trabalhar problematizando e com desafios passa a ser também responsabilidade do aluno, tornando-se o professor um orientador.

Considero a minha aula um pouco tradicional, mas estou tentando mudar isso, torná-la mais interativa, fazer com que o aluno pense mais e eu fale menos. Penso em trazer questões para a sala de aula para que eles trabalhem mais do que eu. [...] Na verdade eu quero que eles produzam mais e tenham mais autonomia. [P12].

Procuro fazer com que a discussão não perca o foco para no final fazer uma avaliação. Esse é um momento em que eles me chamam na classe e eu vejo quem tem mais ou menos interesse naquele conteúdo. [P5].

O contexto escolar traz em seu bojo o processo de avaliação. Uma tarefa complicada porque reflete o processo em questão, pois requer conhecimento e um acompanhamento constante do professor. Se na nossa atitude docente entendemos que a avaliação precisa adequar-se ao processo de ensino, precisamos ter clareza e assumir que ela não se resume apenas às respostas dos alunos, mas ao que está subentendido e pode ser interpretado. Dessa maneira, a avaliação precisa oportunizar avanços, o que nem sempre significa apenas um número ou um conceito no caderno de chamada. Segundo Hoffmann (2000, p. 36 - 37):

[...] o processo de avaliação representa um compromisso do professor em investigar e acompanhar o processo de aprendizagem do aluno no seu cotidiano, contínua e gradativamente, buscando, não só compreender e participar da caminhada do aluno, mas também intervir, fazendo provocações intelectuais significativas, em termos de oportunidade de expressão de suas idéias, várias tarefas de aprendizagem, explicações, sugestões de leituras e outros encaminhamentos pedagógicos.

Considerando a avaliação como um compromisso do professor com o aluno, os entrevistados manifestam preocupações sobre a média mínima para aprovação. Eis aqui alguns trechos que demonstram esse fato:

[...] pelo nível de ensino que temos, há uma sensação de que a média é baixa, isso é uma ilusão. [P3].

Há escolas em que a média é sete e é muito simples chegar ao sete e pode corresponder ao cinco a que os nossos alunos chegam. [P14].

Se mudarmos para sete, o grau de exigência vai continuar o mesmo. [P5].

Compreendo que a avaliação é um processo e não um fim. É possível que a aprendizagem encontre entraves quando seus professores apresentam entendimentos diferentes dos que a escola propõe.

Eu acho que a média cinco proporciona que o aluno seja faltoso e não pense em estudar. Precisaria que, no mínimo, a média fosse sete para que o nível de exigência do aluno com ele mesmo fosse maior. [...] É só uma questão de número, mas que pode fazer uma grande diferença. [P2].

Um acordo em relação a esse assunto passa pela retórica, pela reflexão, portanto é indispensável que os docentes estejam reunidos para uma reconstrução coletiva, trazendo o assentimento de cada um. Dessa forma, seus objetivos ficarão mais claros e consistentes, resultando num consenso, fruto de um esforço individual e coletivo que carrega a defesa de suas opiniões e favorece no sentido de um maior engajamento e compromisso com o objetivo a que se quer chegar.

Impregnada das falas dos entrevistados e ainda no terreno das possibilidades, muito mais do que conteúdos e técnicas, finalizo esta categoria tecendo algumas considerações sobre as necessidades que um ambiente escolar requer dos seus docentes:

- preparar as aulas empregando experiências que criem circunstâncias que possam envolver os alunos e confrontá-los com os problemas reais;

A questão de preparação das aulas pelo professor é muito importante. Eu tenho as aulas já preparadas, mas busco constantemente novas abordagens, novos exercícios, algo mais prático. [P10].

Uma das coisas que eu acho bárbaro, e talvez nós tenhamos facilidade para resgatar no aprendizado do aluno, é a liberdade que temos para variar nossas aulas. [P4].

No que se refere às minhas aulas, procuro trazer material contextualizado, tentando ver o que eles apresentam de experiência de vida, e levar para as discussões de sala de aula. [P12].

- proporcionar e buscar recursos relevantes para a aprendizagem;

Para mim, a nossa escola ainda está muito tradicional. Ela possui poucos recursos, mas não são somente eles que contam, são as disponibilidades e a atitude de todos nós. [P3].

- estabelecer objetivos e metas;

Temos determinados objetivos com relação às disciplinas que ministramos, que nos dão uma direção de trabalho. [P11].

- incentivar atividades de pesquisa;

Pesquisa e docência parecem dois campos que não se comunicam, e isso é um absurdo, isso é lamentável. [P9].

- incentivar a comunicação e a expressão entre alunos;

Eu não vou aprender gramática para ficar divagando em cima da gramática, vou aprendê-la para que me ajude a produzir linguagem clara e me auxilie na comunicação. [P13].

- desenvolver uma postura autônoma no que se refere à forma de ensinar;

Eu não tenho nada contra a aula expositiva, acho que tu podes dar uma belíssima aula expositiva. Veja bem, uma aula expositiva pode ser algumas pessoas reunidas onde uma pessoa fala e conduz o assunto sem ser algo maçante e sem tolher a liberdade dos demais. [P9].

- incentivar a auto-avaliação e a crítica como prática que possibilita oportunidades de avanço e autoconhecimento;

Tu aprendes a lidar com a diversidade das pessoas, a mexer com as diferenças, a lidar com a crítica. [P11].

- incentivar o respeito e a responsabilidade;

Aprender a ter responsabilidade com o outro é um compromisso que levamos para a vida inteira, pois somos responsáveis pelos laços que fazemos, por nossas escolhas. Assistir ou não à aula é uma escolha. [P3].

- objetivar avanço nas aprendizagens e alternativas para que se viabilizem na prática;

Temos que brigar muito junto com o aluno para que ele não seja reprovado. Creio que isso não leva a grande coisa. [P11].

Por detrás da reprovação pode haver uma série de problemas e não só relativos ao conhecimento, mas de ordem familiar e emocional que estão latentes no jovem. [P2].

- buscar na docência uma educação continuada;

Temos que estudar, mas estudar trás coisas maravilhosas que muitas vezes não conseguimos pôr em prática, muitas vezes é um problema de formação dos nossos professores. [P9].

Acredito que essa formação deva ser constante, pois precisa ser sempre discutida, principalmente no que se refere a aprimorar as relações. [P11].

- adotar uma postura para que possam ensinar o que sabem por meio daquilo que são.

A educação se dá pelo exemplo. [P2].

O ato de educar vai muito da postura do professor, das suas vivências, da clareza da sua linha pedagógica, daquilo que ele acredita e para o qual foi preparado. [P9].

Considero que é preciso desenvolver uma prática pedagógica que possibilite aos alunos se apropriarem do conhecimento com criatividade. Os docentes e as equipes pedagógicas terão êxito se tiverem poder individual e coletivo que revele suas intenções gerais nos seus dispositivos e práticas. Essas práticas levam a uma autonomia que se reflete na responsabilidade de atuarem com liberdade e coerência ética, cercadas de investimentos e de reconhecimento pelo seu trabalho.

7.9 A percepção dos professores sobre as relações de sala de aula que proporcionam avanços na aprendizagem.

O exercício da docência mostra-se complexo porque não lidamos apenas com os saberes, mas com a complexidade tecnológica e social. A diversidade das classes sociais, raças e etnias que compõem uma escola a torna muito complexa porque “[...] o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional.” (MORIN, 2004, p. 38). Essa idéia é verbalizada pelo entrevistado P4: *Não somos feitos de compartimentos separados, e sim estamos todos num só.*

As relações humanas, ainda que complexas, são essenciais na realização de mudanças em nível comportamental e profissional. Nesse sentido, há um vínculo entre professores, alunos e a aprendizagem, e isso não pode ser ignorado. Dessa forma, pretendo compreender, nesta categoria, como atuam os entrevistados nas suas relações de sala de aula para proporcionar avanços na aprendizagem.

É possível acrescentar a idéia de que educadores ideais e essenciais a uma escola são aqueles que incansavelmente procuram levar os seus alunos à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento, à descoberta, vivendo um constante desacomodamento com a realidade.

Para mim, um professor tem que ser interessante e despertar o interesse nos alunos. Ele precisa ser motivado. [P5].

Na realidade, o professor é um caçador de talentos e não existe “não tê-los”, isso é uma coisa que o professor não pode aceitar. [P3].

Professores motivados amam o que fazem e são comprometidos com a produção do conhecimento. Dessa forma, há uma grande probabilidade de desenvolverem junto aos seus alunos um vínculo de amizade e respeito mútuo pelo saber.

Eu não quero entrar na sala de aula e fingir que estou dando aula. Não quero perder a oportunidade de passar um pouco da minha experiência, desse conhecimento. [P13].

Tem que ser participante e atuante naquele grupo e trazer conhecimentos que possui de sua experiência profissional, de sua experiência de vida para tentar mostrar suas experiências por meio do conteúdo que eles recebem. [P2].

A organização da personalidade^{7.26} de um professor poderá interferir nas relações em sala de aula, revelando maior ou menor interesse entre professores e alunos sobre o assunto que estão tratando. A personalidade e a maneira com que os professores se relacionam com os alunos são abordadas por Hamachek (1979, p. 197).

Um professor pode saber muito e ser extremamente competente no que faz, mas, no final de contas, serão a personalidade e a maneira de se relacionar do professor que acabam “ligando” ou não os alunos.

Estas palavras podem ser vinculadas com as falas a seguir, pois percebe-se que os professores entrevistados perseguem a idéia de que uma postura competente e uma personalidade marcante são importantes para vivenciarem com significado as suas práticas.

O aluno precisa nos ver vivendo a sala de aula com intensidade, aí ele também verá a escola da mesma forma. [P14].

Eu procuro ensinar sabendo o que eu vou fazer e fazendo de forma competente, mostrando o que eu penso sobre o mundo, sobre a importância da aquisição do conhecimento, e isso me faz crescer. [P13].

Sobre o papel do professor, Fernandes (1998, p. 26) considera que os professores colaboram na formação da imagem do aluno como pessoa. “Quase sempre os professores conquistaram um papel de destaque na vida de seus alunos, e permanecem como referenciais importantes também na fase adulta.” Um sujeito que passa por um professor e torna-se um aprendiz revela que lhe foi permitido errar e se reestruturar para encarar seus desafios. Ele poderá não lembrar de conteúdos específicos que foram trabalhados, mas verá a escola e seus professores positivamente, como constituintes da sua vida e uma influência nas suas escolhas.

Hoje, se não nos abirmos para uma outra abordagem, que é mais interpessoal do que do próprio conhecimento, não teremos avanços. [P3].

O relacionamento entre professores e alunos envolve interesses e intenções, pois a educação é mister no desenvolvimento comportamental e na consolidação de valores como respeito e a liberdade de seus cidadãos. Quando uma das intenções do docente é a promoção de seus alunos, ele usará de sua criatividade e de suas forças de forma incansável para promovê-lo.

^{7.26} “[...] a personalidade representa aquelas características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos.”(PERVIN E JOHN, 2004, p. 23).

Eu encaro o aluno como se fosse a primeira vez que o encontro. Considero que ele só não teve na outra escola condições de ser aprovado naquele momento, mas está a caminho de ser aprovado. [P1].

Uma postura docente que demonstra que somos eternos aprendizes, revela nossos valores e nosso comprometimento com a educação. Ferreira (1995, p. 114) concorda com Rollo May quando este diz que “[...] a integridade do indivíduo se mede pelos valores em que crê, e pelos quais se orienta.”

Um dos grandes entraves é que nós vivemos um momento social em que os valores preponderantes são o individualismo, a concorrência. [P9].

Eu quero que o aluno consiga através da minha disciplina chegar a algum lugar. [P13].

Ao tomar conhecimento de forma mais profícua das falas dos entrevistados, parece-me impossível imaginar um docente que não reflita sobre suas práticas, sobre o seu papel e aonde quer chegar com seus alunos. Privar-se da indagação pode fazer com que seus anos de experiências passem a ser mera repetição, como se estivesse passando pela sala de aula por pura obrigação.

Eu tento seguir ao máximo o que planejo, mas às vezes o aluno questiona e quer algo diferente. A aula “vira” e quando eu vou ver, foi uma das melhores aulas que dei naquela turma. Era algo a mais que o aluno queria naquele momento. [P1].

Essa fala revela que um professor é um organizador e reorganizador de aprendizagens, de sala de aula, de escola. A compreensão do conhecimento é fundamental a um docente, tornando-o capaz de reelaborá-lo no arranjo didático. Demo (2000, p. 32) chama a atenção para o papel do professor: “O professor, por sua vez, não está aí para facilitar as coisas, ou repassar o conhecimento a ser apenas copiado e reproduzido, mas para desafiar os alunos.” Dessa forma, quando a aula “vira” as intenções do docente ainda permanecem ali e demonstram que está havendo envolvimento dos aprendizes com a aprendizagem. Um docente que está receptivo para o inesperado demonstra não só conhecimento, mas envolvimento ao ser capaz de [...] estabelecer canais de comunicação, observando para quem está ensinando.” [P6].

Às vezes, a gente abre uma gavetinha de um assunto que não tinha nada a ver com o conteúdo e o aluno também se sente à vontade, mas não é nada planejado. [P14].

Dessa forma, eu entendo que o aluno vai ter mais interesse, pois o professor não pode ser apenas o transmissor de conhecimentos, ele precisa ser participativo. [P2].

A relação que se estabelece entre professores e alunos constitui a essência do processo pedagógico, pois estamos tratando da formação de seres humanos. Sobre essa idéia, Fernandes (1998, p. 26) considera:

A formação do professor deve ser sempre pensada levando-se em consideração a importância que essa atividade tem do ponto de vista da formação dos seres humanos. Considerando-se que as crianças e os adolescentes estão construindo uma identidade e se construindo como sujeitos humanos, a tarefa do educador e da educadora reveste-se de uma importância enorme em nível da subjetividade.

O professor deve compreender e ajudar no que for possível, mas sempre tendo em mente que sua função é ensinar, lançando mão de técnicas e de avaliações adequadas.

Eu sou muito mais coração do que razão, e acho isso ótimo, pois tenho cristalina em mim a idéia de que educar é, antes de tudo, conquistar a pessoa, o ser humano, a alma. [P14].

A atividade docente requer uma interação não só entre professor e aluno, mas é uma rede de interações de pessoas com outras pessoas, num contexto mediado por diversos canais. Os professores precisam estar preparados para atuarem não só como hábeis manejadores do conhecimento, mas como artífices de relações em que predominam valores, sentimentos e atitudes que solicitam interpretação.

Não pretendo ser um professor que mascara sua prática numa extensão de outra coisa, como somente amizade com os alunos. [P13].

É impraticável desvincular realidade escolar da realidade de mundo que é vivenciada junto com os alunos, mas, por outro lado, não se pode supervalorizar essa relação em detrimento do saber. Falando sobre si, Freire (2005) afirma que não é possível permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor no exercício da autoridade. O autor considera a impossibilidade de condicionar a avaliação a menor ou maior estima que se tenha pelo aluno.

Entendo que proporcionar avanços na aprendizagem necessita, primeiramente, ter a consciência do papel da liderança. É algo que muitas vezes as pessoas confundem com autoritarismo ou até uma autoridade superior. [P3].

Morais (1988, p. 24) relaciona a liderança à autoridade, mostrando que uma das funções docentes é exercer a autoridade para que o professor seja aceito como um líder .

A autoridade é constituída e precisa ser aceita; ela não faz os educandos inferiores, imprimindo, ao contrário, às suas vidas um sentido mais seguro de caminhada e de conquista. Assim, a autoridade de fato é sempre respeitável, enquanto que a de direito só poderá sê-lo por coincidência. Isto porque a autoridade tem a ver com liderança, e nada tem a ver com chefia; entendendo-se que líder é aquele que se propõe e é aceito, enquanto que chefe – no mais comum – é aquele que se impõe por um recurso de poder. Cabe ao professor, no uso de uma autoridade que, como disse, é inerente à sua função, auxiliar o educando a ir reconhecendo que a vida é diferenciada: tanto em coisas intransformáveis quanto em coisas que podem e devem ser modificadas.

Da mesma forma, combinar respeito e afetividade com autoridade não é uma tarefa fácil. O professor precisa deixar claro seus objetivos e intenções no grupo de alunos com quem desenvolve suas atividades, respeitando a individualidade e a liberdade de cada um para poder desenvolver o senso de responsabilidade e a motivação para estudar.

Temos sim é que prover meios para tornar bastante viável para o aluno sua aprendizagem e seus avanços. [P11].

Conquistada a simpatia e o afeto de alguém, o trabalho de ensinar e educar torna-se mais fácil, mais prazeroso, baseado evidentemente em conhecimento do conteúdo e didática simples e objetiva, mas ao mesmo tempo, perscrutadora e curiosa. [P14].

É importante destacar os sentimentos do professor, isto é um elemento que dá cor às relações humanas, reacendendo suas motivações e reforçando a percepção que fazem de si e do mundo. Viscott (1982, p. 17) revela na citação a seguir que somos constituídos pelos nossos sentimentos:

Quando nossos sentimentos estão consolidados, experimentamos nosso maior grau de consciência. Sem sentimentos não há existência, não há vida. Falando com simplicidade, cada um de nós é os sentimentos que tem. Aquilo que sentimos a respeito de qualquer coisa reflete nossa história e desenvolvimento, nossas influências passadas, nossa agitação presente e nosso potencial futuro. Compreender nossos sentimentos é compreender nossa reação ao mundo que nos circunda.

Considerando a afetividade um sentimento que emerge nas relações entre professores e alunos, Morin (2004, p. 20) salienta que ela pode sufocar ou fortalecer o conhecimento:

Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais.

Os entrevistados observam que *Para o professor auxiliar seus alunos para que ocorram avanços na aprendizagem, ele precisa estar aberto. Não pode ter preconceitos e tem que estar disposto a aprender.* [P6]. Numa escola em que os alunos ingressam em grande maioria com episódios de reprovação ou por não ter conseguido adaptar-se a outras escolas, se o professor [...] *chegar com a aula pronta e acabada numa sala multifacetada, poderá se sentir frustrado.* [P6].

O bom humor é uma das características no professor para proporcionar avanços na aprendizagem. A teoria nem se cogita, pois tem que ter o conteúdo. Se tu não tens conteúdo, humor e o jogo de cintura, não vamos adiante. O aluno dessa escola quer isso. [P8].

No que se refere ao senso de humor, Fernandes (1998, p. 28) considera que uma atitude “[...] pressupõe uma autocrítica, o brincar consigo mesmo, criar um clima de alegria e poder transformar uma situação de erro ou de dificuldade em uma piada, quando na verdade, ela era meio complicada.”

Com isso, aprender a aprender numa sala de aula requer do docente humildade, rompendo-se com as verdades absolutas, permitindo-se aprender nos diferentes contextos e situações que a vida proporciona, mas sempre tendo em mente o seu papel e tudo o que ele requer para ser preservado.

Um trabalho que passa também pela humildade, pois diante de uma questão de que não nos lembramos ou sobre a qual temos dúvida, cabe dizer: Eu realmente não me lembro e não quero dizer uma bobagem. Nós nos preservamos quando mantemos uma distância saudável entre o professor e o aluno e reconhecemos nossos erros ou admitimos que temos dúvidas sobre algo. [P10].

É possível enxergar que os professores entrevistados se dão conta da importância que eles têm em relação à formação de seus alunos adolescentes. Muitas vezes, eles podem representar um modelo diferente de ser humano que o aluno encontra em família. Nessa perspectiva, um professor possui um compromisso ético e moral com seus alunos, levando o seu trabalho, sua postura e os valores pelos quais conduz a sua vida além dos portões da escola.

Eu não quero ser vulgar e jamais ser taxado por exercer meu poder de uma forma interesseira, tirando proveito em função da mitificação da nossa profissão. Outra coisa é deixar a vaidade tomar conta, é entrar num nível de confusão que a minha maturidade não permite. [P13].

Um professor é um sujeito em vigília consigo mesmo, que estabelece laços, ciente das responsabilidades que a sua função implica. No ofício de professor, ele deve ser interessante sem ser pretensioso, sempre buscando alimento na pergunta e na educação continuada. Todos esses recursos poderão iluminá-lo, mas não deverão remover o brilho de quem até então se alimentou do senso comum ou foi privado da pergunta que, em algum momento, se calou, mas que encontra amparo no silêncio. Exercer a humildade sem ser servil preserva a sua tranqüilidade e a dignidade no exercício de sua função, fazendo com que se mantenha ligado aos valores pelos quais se orienta e que acredita.

8 CONCLUSÃO

Nesta investigação centrei meu olhar nas relações interpessoais para tentar encontrar entendimentos sobre os problemas que envolvem alunos e professores, objetivando contribuir para uma educação mais autêntica e significativa. Constatei a importância de colocar em palavras meus entendimentos, tecendo com outras vozes um diálogo que não se esgota neste trabalho, pois sempre é possível encontrar elementos que incitam novos entendimentos, novas discussões, novos caminhos a seguir na constante busca do conhecimento.

No desenvolvimento de meu estudo e no papel de professora, percebi que a forma com que eu ia me movendo pela sala de aula estava mudando. Minhas verdades foram se dissolvendo e dando espaço à pergunta, ao questionamento, afastando-me da mecanização a que os anos foram reduzindo minhas práticas. Com a preocupação nos conteúdos a serem trabalhados com alunos adolescentes, fui entendendo que era hora de tornar minhas aulas mais agradáveis, interessantes e mais qualificadas. Venho me surpreendendo com a idéia de desafiar-me a tomar novos rumos e percebendo o quanto isso torna meu trabalho mais atraente, iluminado, sedutor.

Nas relações interpessoais, verifiquei que não há um modelo a ser seguido, porém tudo tende a convergir para o respeito em aceitar a forma com que cada um vê o mundo na sua individualidade. Há uma riqueza muito grande em ouvir o que o outro tem a dizer e tentar colocar-se no lugar do outro para desenvolver compreensões mais inteiras sobre as relações. Esta tarefa torna-se muito difícil para aqueles professores que são essencialmente falantes e apegados à forma como foram educados, muitas vezes preenchendo todos os espaços da sala de aula.

No trabalho docente, as relações entre os professores podem promover e criar vínculos entre o grupo, se diferentes visões sobre o mundo e concepções sobre a educação conseguirem abrir espaços para a discussão e que, com isso, gere posturas e atitudes em sintonia, preservando sempre a individualidade do professor e a instituição a que pertencem. Da mesma forma, se não houver momentos para compartilhar idéias e estudos, por mais qualificados que sejam os professores, o trabalho docente vai ficando segmentado porque não se pode esperar que um professor faça frente a um trabalho pedagógico que a sua escola não faz.

Quando os sujeitos agem com autonomia e independência, reconhecendo suas limitações e talentos, encontram em conjunto um ambiente próspero para o desenvolvimento e integração de decisões. Uma escola que permite essa abertura terá no professor um ente participante, reforçando seus pilares e sua identidade. Com isso, os docentes vão se apropriando das problemáticas tanto da escola como dos alunos para buscar respostas, soluções e consensos, fortalecendo, então, a sua responsabilidade e a sua atuação.

Se as verdades que uma escola carrega se colocam acima da autonomia dos sujeitos, as relações podem conter posturas disfarçadas e sem sintonia com as atitudes e práticas desenvolvidas. Um professor imerso em um contexto escolar imperioso e arrogante poderá não perceber que sua liberdade está sendo encerrada, ou mesmo cerceada, colocando em xeque suas intenções educativas por não haver coerência entre aquilo que ele fala e aquilo que ele faz, estremecendo e fragilizando sua auto-estima por não compreender o que ele está fazendo com o que fizerem com ele.

A beleza em mostrar a diversidade não pode estar reduzida apenas a um discurso que reproduz e condiciona os docentes com modelos pré-determinados, fazendo com que se perca grandes oportunidades de aprendizagem por mostrarem apenas um pouco do que são ou, ainda, lançarem mão das mais diversas máscaras para se sentirem imersos no contexto. Tais considerações convergem para a autonomia, pois é preciso considerar que não se pode almejar autonomia nos alunos se os professores estão privados de desenvolvê-la.

Nas convivências que envolvem toda a escola é imprescindível o respeito às diferenças, ao limite entre a liberdade de cada um e aos direitos dos demais, fortalecidas por um ambiente de confiança a fim de que se possam expor experiências e concepções, solicitando do professor o exercício de uma postura mediadora e comprometida. Uma idéia que não é nova, mas precisa ser retomada para se buscar uma sociedade mais justa, que remova a intolerância e a incompreensão através do respeito mútuo e nas regras de

convivência - atitudes para estimular a construção de círculos virtuosos nas relações interpessoais.

A percepção que o docente tem de si revelou uma forte ligação entre o que ele aprendeu ao longo da sua formação - reproduzindo significados que fizeram parte de sua infância e juventude e a forma como ele percebe sua figura profissional - ancorada sobre fundamentos impregnados de valores e intencionalidade. Ao se mover pelos alunos, o professor vai realizando adaptações com o fim de administrar suas incertezas, demonstrando que fragilidades, inseguranças e limitações fazem parte da sua jornada e não desmerecem o seu fazer pedagógico.

Desenvolver um trabalho contextualizado e participativo requer dos professores ambientes propícios para o diálogo aliado a um bom preparo didático, por meio de uma educação continuada dentro e fora da escola e com condições de infra-estrutura que dêem suporte à aprendizagem. Constatei que o comprometimento do docente proporciona entendimentos emancipatórios e dialógicos, numa postura atenta ao que escutam e aos silêncios que se revelam, entrelaçando quem ensina e quem aprende.

A relação do professor com o aluno adolescente revela-se complexa porque este vive numa fase de transformações biopsicosociais muito intensas. Dessa forma, numa sociedade de resultados, a reprovação pode conter uma composição silenciosa de fracasso, tornando os estudos enfadonhos e sem sentidos, maculando a auto-estima e removendo a motivação dos alunos para reconduzirem seus destinos. Nesse sentido, professores comprometidos revelam a paixão de quem acredita que tudo pode ser mudado, mesmo que o cenário esteja sinalizado com falta de motivação, com imediatismo, com confronto.

A carreira escolar dos alunos vai se constituindo por etapas e seu valor passa a ser construído ao longo da trajetória. As dificuldades encontradas no caminho poderão levar a episódios de reprovação ou evasão escolar. Com uma escolaridade mais avançada, o aluno vai percebendo o impacto na sua vida escolar que carrega uma reprovação, buscando novas alternativas para finalizar o Ensino Médio.

A tentativa de trazer os alunos novamente à “cena” poderá não transparecer inicialmente no trabalho que realizam, mas o professor vai persistindo e se revelando na organização e reorganização das aprendizagens, numa sala de aula incerta, insegura e heterogênea. Sua importância se mostra ao estar aberto para mergulhar nas práticas de sala de aula, empregando experiências que criem circunstâncias que possam envolver os alunos e confrontá-los com os problemas reais, estabelecendo vínculos entre aquilo que aprendem e o

que trazem de conhecimentos prévios, buscando uma postura que permita aos sujeitos interagirem e se desenvolverem.

A convivência traz tacitamente os limites, independente do grupo a que pertençam, mas que revelam os valores que cada um carrega, qualificando os sujeitos para uma vida individual e social, mas, sempre exigindo do professor um enorme autodomínio para não rejeitar alunos indisciplinados, indiferentes ou que não compartilham das suas concepções. Da mesma forma, ao tentar trazer seus alunos para junto de si e motivá-los a seguirem adiante, constatei que palavras firmes ou atitudes mais rígidas por parte dos professores podem vir cercadas de preocupação e interesse e, nem por isso, privam sentimentos de afeto, colaborando para que se (re)conheçam, ampliem e reforcem os entendimentos que ambos fazem daquilo que são, daquilo que acreditam que são e daquilo que os outros acreditam que eles são. Alunos que se sentem rotulados, também se rotulam e acabam rotulando seus professores e fazendo-os sentirem-se rotulados.

Compreendi que conflitos e dificuldades apontados no trabalho com adolescentes existem, embora atitudes inadequadas não podem ser justificadas ou camufladas para redimir professores, escola e família dos problemas relacionais que não conseguiram administrar. Cabe ao professor, nas suas intenções educativas, contribuir incessantemente para que as limitações dos alunos sejam superadas, fazendo-os olhar para suas dificuldades como oportunidades para avançarem no seu crescimento individual e social.

Verifiquei a importância em respeitar os papéis de cada educador na sua individualidade e no conjunto do corpo docente para tornar a proposta pedagógica cada vez mais clara ao aluno quanto ao desenvolvimento das capacidades físicas, morais e intelectuais. Nesse sentido, por meio do ato pedagógico, reforço a idéia de que ensinamos o que sabemos por meio do que somos. O ato de educar carrega a idéia de fazer com que as pessoas possam mostrar-se mais, tomar decisões e assumir seus destinos. As dúvidas sobre os caminhos a seguir fazem parte das vivências do ser humano, do que vai constituindo a vida dos sujeitos, revelando o “inacabamento”^{8.1} daquilo que são e aprendem.

Dessa forma, um professor possui um compromisso com seus educandos, ciente das responsabilidades que a sua função implica, assumindo uma postura coerente com os valores pelos quais se orienta e conduz a sua vida. Em uma vigília constante que o faça interessante sem ser pretensioso, ele vai colaborando para que as necessidades não atingidas e

^{8.1} FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005

que marcaram seus alunos sejam superadas, reforçando o desenvolvimento da autonomia e redesenhando novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- BRAGHIROLI, Elaine Maria. et al. **Psicologia Geral**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.
- COLL, César. et al. **Psicologia da Aprendizagem no Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- COLL, César e MARTÍN, Elena. A educação escolar e o desenvolvimento das capacidades. In: _____. et al. **Aprender conteúdos e desenvolver capacidades**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- DEMO, Pedro. **Conhecer & Aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ENRICONE, Délcia. O professor e as inovações. In: _____(Org.). **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FERNANDES, Alícia. Os professores devem buscar a ressignificação de sua aprendizagem. **Pátio: revista pedagógica**. Porto Alegre, Ano 1, n. 4, p. 26 a 28, fev./abr. 1998.
- FERREIRA, Berta Weil. **Adolescência: teoria e pesquisa**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1984.
- _____, Berta Weil. **O cotidiano do adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GRILLO, Marlene. O professor e a docência: O encontro com o aluno. In: ENRICONE, Délcia (Org) **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- HAMACHEK, Don E. **Encontros com o self**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.
- HOFFMANN, Jussara. **Pontos & Contrapontos: do pensar ao agir em educação**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. Relação professor-aluno no contexto ensino-aprendizagem as exigências na atualidade. In: _____ (Org). **Relação professor aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações humanas: psicologia das relações interpessoais**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p.191-210, 2003.

_____, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, M.C.; FREITAS, J.V. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MORAIS, Regis de. Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula. In: _____ (Org.). **Sala da aula: que espaço é esse?** São Paulo: Papyrus, 1988.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo: não um acerto de contas**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MOSQUERA, Juan José Mouriño e STOBBAUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

NOVASKY, Augusto João Crema. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. In: MORAIS, Regis de (Org.). **Sala da aula: que espaço é esse?** São Paulo: Papyrus, 1988.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico cultural. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Lisboa: Porto Ed, 1995.

_____, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERVIN, Lawrence A. e JOHN, Oliver P. **Personalidade: teoria e pesquisa**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, Leila Maria Ferreira **Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular**. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SILVA, Roza Maria Santos. A importância da afetividade na relação professor-aluno. In: KULLOK, Maisa Gomes Brandão (Org). **Relação professor aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina:** Limite na medida certa. Novos paradigmas. 73. ed. São Paulo: Integrare, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 7. ed. São Paulo: Libertad, 1997.

VISCOTT, David. **A linguagem dos sentimentos.** São Paulo: Summus, 1982.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo.** 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____, Tânia. **O professor refém:** para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.

APÊNDICE

Entrevista com o professor P1

Eu colocaria as relações interpessoais de sala de aula em dois padrões bem distintos: os docentes que trabalham com o aluno sem medo de se deixar envolver, e os que têm um comportamento oposto, por sentirem medo e detestam envolvimento, apresentando uma aversão a qualquer tipo de aproximação com o aluno.

Há professores que conseguem interagir com o aluno, se preocupam com ele e isso reverte na educação, originando um interesse maior pela própria disciplina. A facilidade de aproximação leva o aluno a questionar, a fazer perguntas dos pontos que não entendeu e assim, superar suas dificuldades. Isso é algo que não se conquista em livros. Vamos, diariamente e aos poucos, conquistando e aprendendo com o aluno. Daí, quando há conquista da confiança do aluno pelo professor, haverá um apoio maior para a educação dele.

Aqueles docentes que têm aversão à aproximação, temem por tudo o que possa vir a ser gerado. Dentro do mundo do ensino, temos os alunos que se aproveitam desse momento para tirar proveito próprio, até de uma fraqueza momentânea ou de um erro para poder levar vantagem. Nós não somos infalíveis, somos humanos e por isso, temos defeitos. Os alunos podem usar isso contra o próprio professor ou à escola.

Eu tenho uma aproximação muito grande e considero que me relaciono bem com os alunos. Dou liberdade, mas uma liberdade controlada, e não confundo com libertinagem. Uma brincadeira no momento correto é uma brincadeira que cresce e o aluno não tem mais medo de participar e errar. No início do semestre, os alunos desconfiam, talvez porque me comparam com seus antigos professores, porém, depois, quando eles vêem como a sala de aula é trabalhada, eles se aproximam e contam com isso. Dessa forma, transformam a sala de aula em um espaço não tão convencional, algo mais tranquilo com que se sintam bem para poder extrair muito mais dos conteúdos do que simplesmente decorar um conceito. Eles compreendem melhor e quebram o bloqueio entre a formalidade da aprendizagem convencional e as novas técnicas de aprendizagem.

O processo de interação começa quando venho para a escola, pois encontro os alunos na rua, no ônibus, etc. Quando nós o identificamos numa festa ou num shopping center, ele sente que isso existe, deixando de ser um número na lista de chamada. Ele começa a ver que nosso interesse é uma verdade e que nosso trabalho não é algo mascarado, que há verdade ali. Dessa forma, ele começa a recordar do “oi” quando entrou na sala de aula, das perguntas do tipo: Como é, está tudo bem contigo? Que cara é essa? Tu estás triste por quê,

algum problema? Ou lembra de observações feitas: Olha, tu estás resfriado, portanto, não senta no piso frio, põe algo embaixo. Esse processo de preocupação com o dia a dia, muitas vezes, no primeiro momento, causa estranheza, mas depois eles se sentem afagados, valorizados como uma verdadeira pessoa.

Nós trabalhamos com alunos adolescentes. Temos que falar uma, duas, três vezes. Parece estranho, mas não podemos esquecer que isso acontece com os adultos também. O adolescente via de regra tende a descumprir as regras, mas no momento em que ele vê que o professor enfatiza a importância do seu cumprimento, solicitando a compreensão de todos, alguns acabam pedindo desculpas pelo erro que cometeram. Eu mostro que continuo cumprindo as mesmas regras, são os nossos limites de convivência. Eles precisam aprender a cumprir desde cedo os deveres e a lutar pelos seus direitos. É a atitude fundamental para o desenvolvimento da cidadania.

Para mim, o aluno com episódios de reprovação é um aluno igual aos outros. Temos que analisar o que gerou o processo de reprovação, o que levou esse aluno à não atingir os objetivos em outra instituição ou até mesmo, na nossa. Existe também muita conversa em torno do tema “avaliação”, que é algo que a cada dia se torna mais difícil de compreender. Não temos uma forma de avaliação perfeita, ainda não foi descoberto. Como cada professor tem um entendimento de avaliação, ela pode ser contestada. Começa por mim, sendo que na minha visão eu estou certo e na visão de outros docentes, eu posso estar errado. No meu critério avaliativo, o aluno não é feito só de nota. Infelizmente, para avaliar o aluno, eu tenho que dar nota, ter um padrão de avaliação. Nos meus critérios avaliativos, há padrões pré-estabelecidos, visto que eu não avalio meu aluno só com prova. Crio situações avaliativas que mostrem o empenho dele, sua criatividade e, com isso, pretendo que ele possa desempenhar as suas aptidões desde um processo de manifestação como desenho, grafiteagem, formas teatrais, formas de expressão corporal e outras que possam surgir. Tento avaliar o aluno dentro da sala de aula também com relação a sua presença, pois não é fácil ficar sentado quando o mundo lá fora é muito mais interessante. Tenho comigo que, se fossem muito boas as nossas aulas, nós não cobraríamos mensalidades, cobraríamos ingresso, um ticket de entrada, mas infelizmente não é assim.

A presença também é muito importante, pois no processo de educação há um compromisso que tem que ser valorizado. Exercitando essa responsabilidade, o aluno vai se preparando para o mundo do trabalho.

Na participação em sala de aula, o aluno que sabe se manifestar também inclui o cumprimento de nossos acordos. Um aluno que não lembro do nome pode não estar participando das aulas.

Acredito que a avaliação do aluno é diária e está presente em todos os seus atos na sala de aula. Eu avalio pela presença e pelas atividades que são realizadas. Quando atinjo um objetivo no conteúdo, proponho atividades que são avaliadas durante o bimestre. Nesta avaliação, o aluno tem, infelizmente, um valor. Um trabalho não realizado não tem tanta representatividade, pois a nota é uma soma de todo o processo. Estão inclusas aí as atividades extraclasse tais como temas, freqüências e outros recursos.

É bom salientar que se deve resguardar o direito do aluno de também poder faltar, pois não se sabe os motivos que o levaram a não ter vindo à aula. Nós temos que compreender a sua história, pois a falta pode não ser só do aluno e sim, de uma questão familiar, e muitas vezes eu não tenho acesso a essas informações. Quem é o responsável pela justificativa das faltas não é o professor e sim, a família. Não sou eu quem tenho de ir atrás do aluno para que ele justifique as suas faltas.

O aluno que entra na escola recebe um formulário na matrícula com as regras da escola. Caso se matricule, o responsável assina e está ciente de que essas são as regras que o aluno deverá seguir. É possível repensar as regras quando os responsáveis as questionam, o que não implica que durante o processo não seja possível reformulá-las. Creio que cabe apenas à escola este processo, pois nós apenas cumprimos o pré-estabelecido.

Sinto que, muitas vezes, nos falta o retorno, porque quando um problema do dia-a-dia surge, não se sabe de que forma terminou ou até mesmo o que iniciou o problema. Às vezes, recebemos uma devolução, num jogo de “pingue-pongue” ou de uma situação que nós nem participamos, mas temos que administrar para que não se crie um problema maior. Nós ficamos que nem uma “barata tonta”, tipo “vai pra lá, vai pra cá”. Temos que nos adequar ao que está estabelecido. Muitas vezes, situações que se sucederam na sala de aula descem para a administração pedagógica e eu não sei de que maneira vou receber o aluno de volta.

Nós trabalhamos com a comunicação e nos falta diálogo nesse momento; falta comunicação e mais reuniões para nos inteirarmos de todos os problemas. Em 2000 e 2001, nós tínhamos mais reuniões, o que ajudava com que a comunicação fosse trabalhada, inclusive a união no grupo. Os entendimentos diferentes sobre a avaliação fazem com que um grupo de disciplinas destoe de outro. Não sei se é porque alguns professores querem ter uma supervalorização das suas disciplinas, e acontece que, com algumas turmas, os índices de reprovações nas disciplinas sejam superiores à média geral das outras.

O que caracteriza as formas diferentes de atuação dos professores dentro de um processo não é a reprovação, mas sim a educação. Nosso objetivo deve ser a educação, portanto, temos a obrigação de nos dedicarmos a sanar problemas que já ocorreram em outras situações. Nessa busca, muitas vezes, ao invés de descobrirmos qual é o problema, vamos criando mais problemas.

Alguns professores que não trabalham próximos do aluno não sabem seus problemas e analisam apenas um valor numérico, ou muito pior, se ele incomoda ou não incomoda, se é queridinho ou não é queridinho. Não consideram o critério de evolução do aluno e vão taxando como merecedores ou não de aprovação. Passa a idéia de que há professores que avaliam somente pela nota das provas e trabalhos, sem levar em consideração a evolução do aluno. Com essas considerações, é bom ressaltar: Mas quem sou eu para analisar o critério de avaliação de outro colega?

Primeiramente eu trabalho com eles como se fossem “primeiros alunos”. Para mim, não existe dependência, pois eles não têm esse rótulo. Se eu pensar assim, ele vai ser o eterno repetente. Considero-o como um aluno convencional, porque ele não faz a dependência, faz a disciplina. A estrutura da escola facilita ao aluno cursar disciplinas independentes, isto é, não uma após a outra. Eu encaro o aluno como se fosse a primeira vez que o encontro. Considero que ele só não teve na outra escola condições de ser aprovado naquele momento, mas está a caminho de ser aprovado. A educação é gradativa e, talvez, só naquele momento ele não tenha aprendido. Nós não sabemos o quanto ele já sabe, e isso é algo bastante intangível.

Acredito que a média cinco não rotula a escola para baixo, pois depende de como é feito o trabalho na sala de aula. Eu não considero o aluno em sala-de-aula num “cercadinho”, mas em um laboratório onde nós nos encontramos para desenvolver o processo educativo. Quando eu começo a fazer o trabalho que permite o contato fora da sala-de-aula, vou tomando ciência dos problemas dos alunos. Com o diálogo, muitas vezes, conseguimos que esse problema não venha a afetar nossa sala de aula. Ao conversar, vou tentando esclarecer o problema que ele carrega e tento fazê-lo trabalhar lado a lado com os outros para sentir-se como um igual aos demais colegas.

Eu tenho orkut com os alunos e é por onde eu mantenho contato com eles. Tiro dúvidas do que vai cair no trabalho, de quando é a prova, embora tenhamos na escola um contrato pedagógico, com as datas de provas e trabalhos. Sinto que eles têm mais confiança quando sabem direto do professor. Assim, eles podem ter acesso ao professor não só na sala de aula.

Avisar que hoje há aula a um aluno que está se evadindo faz parte do meu trabalho, desse processo de conquista. Muitas vezes, não é só questão de aula, é um “Oi!”, “Como é que estás?” Eu queria te desejar um bom final de semana.” Lembro que no final de ano, eu tive que apagar mais de trezentos recados somente de desejo de boas festas. É aquele processo que eu digo que o aluno não é feito só na sala de aula. Quando ele pergunta se eu recebi seu recado, eu respondo perguntando se ele recebeu minha resposta. Como eu tenho o costume de apagar os recados, muitas vezes os alunos me dizem: “Eu vi o que tu escreveste para o fulano e o que ele te respondeu.” Então, eu respondo: “Tu viste, então tudo bem, mas fica na tua.” Se for algo mais particular, nós entramos no MSN.

Eu não sei aonde isso vai parar, mas é um projeto piloto que tem melhorado as relações de sala de aula. A aproximação é muito maior, pois eles se sentem parte de uma família. O mais interessante é o que resulta desse trabalho que eu faço com o aluno. É ver que ex-alunos me acham no orkut. É o que faz a gente tentar melhorar. A educação é um processo totalmente dinâmico e eu não posso parar. É por aí que eu começo quando tento capturar o aluno para o meu processo de educação.

Quebrar barreira entre professor que fica lá em frente ao quadro-negro e o aluno sentado, e muitas vezes distante, é a minha primeira dificuldade. Primeiro, eu começo a interagir com o aluno, saber de onde é que veio e eu não pergunto se ele é reprovado ou não. Isso não me interessa, pois eu o considero como “primeiro aluno”. Se ele quiser me chamar de professor, tudo bem, mas depois ele vai me chamar pelo nome, que não é demérito. Eu não nasci professor! Eu nasci, ganhei o nome de Pedro e, depois, eu conquistei o título de professor. Não adianta me chamar de professor e não ir com a minha cara. Eu prefiro que ele me chame de Pedro e ande abraçado comigo. Depois, começo a ouvi-los, pois a primeira coisa que eles querem quando criam esse elo é desabafar. E aí, eu começo a mostrar que isso não é mais um problema, que ele tem capacidade, tem condições. Nas suas manifestações, busco valorizá-lo como aluno para tentar inseri-lo no grupo. Eles relutam, mas aos poucos, vão entendendo as intenções que estão por detrás desse contato.

Os alunos dizem que se o professor tal fosse assim, eles não teriam reprovado. Eu respondo que hoje nós temos que viver o momento, tentar entender o passado para viver bem o presente e, ainda melhor, o futuro. Não existe mais o professor e sim, um orientador, alguém que direciona os rumos e não fala somente de conteúdo, mas de vida.

Eu tento seguir ao máximo o que planejo, mas às vezes, o aluno questiona e quer algo diferente. A aula “vira” e quando eu vou ver foi uma das melhores aulas que dei naquela turma. Era algo a mais que o aluno queria naquele momento. Antes, eles tinham uma

concepção de aula como uma linha reta, então, as coisas começam a ficar diferentes, e eles se surpreendem. São coisas pequenas que o professor vai conquistando e construindo. Quando eles saem da escola para uma universidade, com certeza, eles saem diferentes de quando entraram. Se fizéssemos uma filmagem de quando eles entram e depois quando saem, referentes aos questionamentos, às atitudes, à postura, isso mostraria a grande diferença. É como nós conseguimos resgatar o aluno. Eu digo a eles: “Nossa como tu cresceu!” E eles pensam que é só em tamanho.

Todos nós temos defeitos e é natural em cada um, mas nós nos valorizamos também por termos qualidades. Eu não posso deixar que os meus defeitos sobreponham minhas qualidades. Tenho que valorizar e fazer delas o meu ponto de partida, extrair o meu potencial, ser diferente e criativo para com eles. Nós temos que ser criativos para transformar nossas deficiências em qualidades.

Eu dou aula porque gosto do que eu faço. Eu perdi minha irmã e vim dar aula. Não faltei naquele dia. Dando aula, eu consigo ser feliz. Esqueço os problemas porque faço o que gosto e me sinto bem. Sou o Pedro. Esqueço até que ganho mal, que recebo atrasado e/ou não recebi, mas nós estamos aqui para educar e não para ficarmos ricos. Agora, bem que podiam pagar melhor os professores.

Eu tenho receptividade com o aluno e essa aproximação eu vejo como um dom, mas não adianta tê-lo e não usar; tentar fazer o que eu tenho de bom é algo melhor. Se eu sou feio, eu tenho que melhorar um pouquinho porque a imagem também aproxima. Se eu sou bonito, eu não posso ser só bonito pra ser bem aceito pelos alunos, eu tenho que, inclusive, usar da minha beleza para tentar aproximar o aluno, estabelecer um vínculo, ter reciprocidade.

Nós perdemos muito do apoio familiar. Algo se perdeu. Quando nós recebemos alunos com problemas de outras escolas, nós vimos que o problema não veio da outra escola e sim, de casa. O governo e a sociedade deveriam trabalhar mais o lado familiar. Isso é muito importante.

Nos meus papos no “orkut” e “MSN” eu noto que há problemas de estrutura familiar. Percebo que os alunos se utilizam de outros artifícios para irem levando seus problemas. Quando eles se abrem contigo, às vezes, creio que consigo resgatá-los.

Conversando com os pais, percebo que 85% dos problemas não é do aluno e sim, da família. Faltam o exercício dos valores, da presença, do carinho, da conversa e da afetividade. Tudo o que lemos nos livros sobre o que é uma família deveria vir da família e

não a família procurar nos livros o que ela tem que ter e ser. Muitos alunos chegam em sala de aula com fome porque não têm o ritmo familiar do tipo: café da manhã, o almoço ou uma janta. Acredito que, dificilmente, o pai senta e pergunta o que o filho fez durante o dia. Nesse caso, a fome não é só nutricional, é uma carência total de valores, o que torna a pessoa pronta a ser fisgada por um mau elemento, por um drogrado ou traficante. Falta a atitude da família, falta o amor.

Mas é preciso cuidar o problema da proximidade, porque eu sou um amigo e não o pai ou a mãe. Isso é uma arma que muitos professores não sabem lidar. Embora na visão dos alunos, muitas vezes e até mesmo por carência, nos transformamos em pai e mãe. É bom ressaltar que assim como nos aproximamos, temos que manter um padrão de comportamento.

No momento em que eu ajudo uma pessoa a aprender, a caminhar por si, eu estou educando. No momento em que eu modifico um conceito em que o aluno já tinha uma pré-concepção e percebeu que a verdade era outra, eu estou educando. Educar é mudar o pensamento antes tido como uma verdade, e mostrar ao aluno o caminho ou uma mudança de uma atitude.

Entrevista com o professor P2

A questão das relações interpessoais parece-me difícil em determinadas situações que requerem entendimento entre as pessoas. Talvez seja pelo fato de não haver um respeito pelo espaço de cada um, pelos limites que cada um possui. Percebe-se que, em alguns grupos, há sujeitos que pretendem impor suas verdades como algo absoluto, sem entrar num consenso, pois querem que as suas verdades sejam as melhores, aí começam a ocorrer os conflitos.

Como professor, procuro fazer com que haja uma boa relação interpessoal, partindo da idéia de que tem que haver um consenso do grupo e também uma pré consulta para que depois o grupo se engaje no seu objetivo. A primeira coisa necessária é que as pessoas se abram um pouco mais. Em todas as relações tem que haver um consenso. Eu não posso decidir algo sozinho, principalmente, num grupo de jovens e adolescentes. Aquele que fala mais alto, muitas vezes, é considerado o melhor, porque se sobressai, determina, chefia, levando muitos a perceberem sua atuação como a de um líder. Só que ele pode ser uma pessoa totalmente desprovida de liderança, mesmo querendo se sobressair para mostrar que tem algum poder sobre algo ou alguém.

Um consenso dentro de um grupo é algo que serve para que as relações possam se permitir mais, interagir e compreender decisões que se originam de um conjunto, e não são verdades absolutas. Por esse motivo, em determinadas instâncias, as relações são difíceis. Precisamos partir desse consenso de que nós temos que parar para observar a nós mesmos, nosso comportamento, para que também o grupo possa nos entender.

Eu sempre penso no que se refere às minhas aulas da seguinte forma: eu jamais determino, ou seja, eu planejo o que vou fazer. Reúno o meu grupo e vejo o que eles mais preferem fazer dentro do meu planejamento. Procuro colocar para o grupo as situações que existem e o que eu pretendo fazer. Também procuro dividir o meu tempo nas preferências dos alunos. Se eu fizesse o meu planejamento sem a participação das turmas, sairia com determinada situação de casa querendo que se realizasse. Caso algo não ocorresse conforme meu planejamento, poderia tornar-se uma frustração. Para que isso não aconteça, eu procuro estabelecer meu trabalho com eles de forma participativa, porque aí eles saem contentes e eu também. Deve haver uma flexibilidade com o grupo para que possamos realizar algo com satisfação e prazer. Quando os alunos têm o poder de decidir, sentem-se mais responsáveis. A pior coisa que pode ocorrer comigo, dentro da minha área, é não

conseguir fazer um trabalho envolvente e que permita uma participação ampla dos integrantes do grupo.

Quando os conflitos se sobressaem no grupo, eu procuro estabelecer uma situação que não se torne muito amarga para as pessoas que estão ali. Muitas vezes há um conflito que é individual, mas no grupo esse problema se generaliza ao ser absorvido pelos demais. Nós nunca temos que tomar problemas que não são nossos. O problema é teu e tu resolves; o meu, eu resolvo. Na nossa situação de professor, não podemos pegar um problema nosso e jogar para eles. Temos que absorver as coisas que existem dentro dos conflitos e tentar trabalhar da melhor maneira possível para que não se generalize e, posteriormente, atrapalhe o nosso trabalho.

Nós temos alunos, aqui, extremamente conflitados. Ontem, uma menina chegou na minha aula e ela nem me conhecia. Sentou-se no meu lado e começou a conversar sobre problemas de relacionamento com a família. Eu passei mais de uma hora ouvindo e tentando amenizar seus problemas. A menina até chorou. Por isso, eu digo, que o professor não é somente professor. Muitas vezes ele é até um psicólogo, porque tem que tentar resolver os problemas daquela pessoa. Nossa clientela é muito especial, diferente. Por detrás da reprovação pode haver uma série de problemas e não só relativos ao conhecimento, mas de ordem familiar e emocional que estão latentes no jovem. Um aluno não reprova totalmente só pela questão do conhecimento. O professor, quando observa que o aluno tem dificuldade em aprender, procura ajudá-lo, olhá-lo com uma forma diferente. Nós temos casos aqui quase generalizados dessas situações.

Eu vejo nosso aluno muito ansioso por querer atingir aquele objetivo que é deixado para trás. Há dificuldades de relacionamento com as pessoas e até com os professores, pois eles ficam muito fechados no seu mundo e tentam sozinhos resolver seus problemas. Muitos não tentam procurar um auxílio, se abrir conosco, mas há adolescentes que vão atrás do professor. Em alguns casos de alunos com baixo rendimento que não nos procuram, podemos observar que no comportamento deles existe algo que atrapalha seus avanços.

O professor tem a autoridade de fazer da sua aula algo que queira, pois somos a autoridade ali. A questão do autoritarismo ocorre quando há pessoas que tratam o aluno com maior descaso. Nesses casos, o aluno sente-se reprimido, pois tem que fazer algo que o professor mandou e não tem liberdade de expressão.

De forma geral, eu vejo que o aluno está muito alienado em certas coisas por não ter expressão própria, por ser inseguro no falar. O nosso objetivo maior é formarmos alunos

questionadores, que tenham condições de chegar lá fora e discutir os direitos que possuem, libertando-se dessa situação de dependência. A minha disciplina é bem próxima do aluno e lida muito com o lado humano.

Nós vemos que muitos jovens e até quarentões ainda não querem cortar os laços de dependência com a família. Eles não querem casar, ter responsabilidades, mas querem ficar naquela vidinha eterna de adolescentes, esperando que os pais morram para assumir suas heranças. São privados de autonomia, de poder, de decisão. Eles querem viver ainda com a mesada que seus pais proporcionam.

Cabe aos professores formar pessoas que possam disputar o mercado de trabalho, constituir uma família. Muitas vezes, elas têm medos e receios, talvez por não terem sido capazes de ouvir um não em termos de limites. No momento em que a família diz ao filho para não fazer tal coisa e que ganhará algo por isso, o jovem, o adolescente, não terá o hábito de receber um não. Com o decorrer da vida, acaba se frustrando com os “nãos” que a vida oferece. A educação se dá pelo exemplo. A família também educa pelo exemplo.

A minha sala de aula é um espaço livre, onde um aluno expressa melhor seu sentimento e não está preso por paredes. Eu não observo tanto a frustração no aluno como um professor que está dentro de uma sala fechada. A minha relação é diferente, porque os ambientes são outros. O aluno dentro da sala de aula está restrito a quatro paredes e há um número determinado de colegas disputando a atenção do professor. Com os alunos frustrados e/ou fracassados que encontro, tento trazê-los para o grupo para que ele se contamine de coisas boas. Nesse caso, acabam deixando de ser discriminados e excluídos.

No semestre passado eu tive um aluno que era quase cego e resolveu participar de um jogo. Ele deu um chute e errou a bola. Nesse momento, o aluno disse aos colegas que independe do problema, queria participar. Ele se integrou, mesmo sabendo das suas dificuldades e deficiências. O grupo começou a passar a bola para ele e foi um grande jogo. O objetivo deles não era uma disputa e sim uma integração.

Eu gostaria que o grupo que participasse das minhas aulas fosse maior. Muitos alunos de determinadas turmas não querem nada com nada, são completamente displicentes se comparados com outros grupos. Eu tenho dificuldades com os alunos da escola regular. Tento procurar driblar essas dificuldades e puxar esse aluno para perto da minha atividade e, então, poder conquistá-los.

Atualmente, estou com um novo projeto de modificação das minhas aulas para promover uma maior integração. Eu não sei o que ocorre, mas há uma certa rejeição na minha disciplina. Eu não consigo entender, mas sei que não é de agora, vem de uns três anos

para cá. Eles faltam muito. Eu não tomo para mim como descaso, mas como algum problema que tenha que ser solucionado.

A escola não tem um lugar próprio nas suas dependências para que o aluno faça minhas aulas e “não fuja”. No nosso caso, o aluno precisa deslocar-se para outro lugar. Ele e a família podem alegar uma série de problemas. Portanto, minhas aulas deveriam ser intercaladas dentro do horário das demais aulas.

No que se refere à média, ela é muito baixa. O nível de exigência que podemos exigir com cinco poderá ser feito com dez. Eu acho que a média cinco proporciona que o aluno seja faltoso e não pense em estudar. Precisaria que, no mínimo, a média fosse sete para que o nível de exigência do aluno com ele mesmo fosse maior. Não é massacre, mas é fazer com que ele seja estimulado. O que posso dizer é que se for sete, ele vai ter que se puxar tanto quanto o cinco. É só uma questão de número, mas que pode fazer uma grande diferença.

Há uma coisa muito errada no ensino: nós nos preocupamos com os “alunos problemas” e não com os bons alunos. Nós voltamos nossa atenção para o aluno que não faz nada, e nos perguntamos: O que vamos fazer? E quanto ao bom aluno, o que a escola vai fazer? Atingiu os objetivos propostos? Não há preocupação com os bons alunos e isso não é só nessa escola, é em todas as escolas que eu já trabalhei. Eu também não concordo muito com “números” porque ele é taxativo para o aluno.

O professor que proporciona avanços na aprendizagem precisa ser amigo do grupo de alunos. Tem que ser participante e atuante naquele grupo e trazer conhecimentos que possui de sua experiência profissional, de sua experiência de vida para tentar mostrar suas experiências por meio do conteúdo que eles recebem. Dessa forma, eu entendo que o aluno vai ter mais interesse, pois o professor não pode ser apenas o transmissor de conhecimentos, ele precisa ser participativo.

Por meio do exemplo se pode educar, pois quando o aluno sai de casa ele espera ter na escola algo que seja relacionado com ele, com sua família. Há professores muito exigentes, mas que ao mesmo tempo são carinhosos e receptivos. Muitas vezes, os alunos nos dizem coisas sem saber o que estão dizendo. Um professor pode compreender aquilo como uma ofensa, mas na verdade, não é para ele pessoalmente, mas para o papel que representa. Coisas desse tipo podem tornar um professor duro, magoado e revoltado.

A escola tem que promover eventos que envolvam os alunos, que promovam a integração, a recreação e a convivência. Com isso, irá gerar uma sociabilidade equilibrada e participativa nos seus alunos.

Entrevista com o professor P3

As relações interpessoais são fundamentais no momento em que nós abrimos um espaço para a aprendizagem. Se nos colocamos num papel determinado, esperamos que as pessoas cumpram nossas expectativas. Nesse caso, a relação não ocorre verdadeiramente. Isso é constante na educação, e muitos de nós representamos esse papel.

Hoje, se não nos abrirmos para uma outra abordagem, que é mais interpessoal do que do próprio conhecimento, não teremos avanços. O conhecimento passa pela educação. Eu costumo dizer que isso é fundamental na minha disciplina, porque eu lido com meios de percepção. Caso eu não tenha uma boa relação com meus alunos, não vou entender como eles percebem o mundo. Esse entendimento é fundamental para que a pessoa possa se abrir para o conhecimento e, então, se descobrir. Antigamente, esse problema era minimizado porque nós íamos buscar na escola conhecimento; a escola era o templo máximo do saber. A partir dali, íamos abrindo os olhos para o mundo.

Atualmente, o mundo tem vários estímulos e várias oportunidades de conhecimentos que não estão necessariamente na escola. Ela não é mais um depósito de conhecimento. Podemos encontrar aí o grande gancho. Então, poderíamos nos perguntar: No futuro não será necessário ter o professor? Se o professor tiver consciência de que as relações que se estabelecem nas escolas são mais importantes do que qualquer outro componente, ele sempre será necessário. Por mais que utilizemos a tecnologia, não podemos discutir com uma máquina. Nós precisamos dessa troca, dos relacionamentos. Essa é a ponte que faz com que a pessoa se perceba, perceba o outro e, em consequência, perceba o mundo à sua volta.

Quando converso com os alunos, comento: Eu não vou ter problemas com vocês. Os problemas acontecem quando a gente não consegue relacionar-se bem. Esse é o primeiro passo: relacionar-se bem com eles. Nossos alunos são adolescentes que vêm com uma história de reprovações, com papéis de fracasso, que se externam em falas como estas: Eu estudei na escola tal e reprovei. Na outra escola eu não assistia à aula. Sou indisciplinado. Quando ouço essas palavras, digo a eles que isso, para mim, não interessa, e que estou interessada neles a partir de agora, da nossa relação que acabamos de firmar.

Quando entramos em uma turma, há de se ter cuidado com uma armadilha: Querer saber tudo sobre o aluno. Quando descobrimos que ele é problemático, que foi reprovado em várias escolas, acabamos até inconscientemente colocando uma couraça e

processando nossos pré-conceitos. Eu sinto que o melhor ainda é a surpresa e o desvendar o que ocorre com ele aos poucos.

Alguns colegas de trabalho comentam que eu me relaciono muito bem com os alunos que apresentam problemas. Eu creio que isso acontece porque aquela sua vida anterior não me interessa; existe sim a relação que ele tem comigo. É o que importa. Os alunos se surpreendem, mas isso também não deixa de ser um artifício para que ele não venha armado contra mim. É bom saber quem é o aluno, mas também é bom não se armar com os nossos pré-conceitos. Ao nos permitirmos conviver, vamos fazendo descobertas e, se nossos pré-conceitos são muito fortes, não abrimos espaço para que a pessoa se mostre.

Certa vez eu tive um aluno que era um terror com todo mundo. As pessoas falavam nele e eu dizia que não tinha aquele aluno em sala de aula, a turma era agitada, mas não havia ninguém que incomodava demais. Havia, sim, um que sempre me beijava quando eu chegava, trazia-me coisas de rip rop e rap. Ele parecia um anjinho com aqueles longos cabelos loiros. Às vezes, faltava alguma aula, mas nas que vinha, sempre se posicionou de uma forma calorosa e nem um pouco debochada. Ele dava muitas contribuições e eu não sabia quem ele era. Minha surpresa foi, algum tempo depois, que o terror era ele.

Relações que realmente compartilhamos são fundamentais para a aprendizagem, e não é só na escola, mas em todos os ambientes. O ambiente de trabalho é um exemplo claro. Uma boa relação se constrói desde o funcionário que te recebe na portaria, que vare o chão da escola ao Diretor. Todos os integrantes constituem uma “teia de aranha” cujos fios somos nós pois pertencemos à mesma teia. Se um dos fios arrebentar, toda a teia se compromete. Mesmo que nós não saibamos, estamos nos comprometendo. Se eu não me relaciono bem com a funcionária da limpeza e a trato mal, cada vez que ela sair da minha sala talvez não se sinta tão à vontade para deixá-la mais limpa; isso é uma coisa inconsciente. As pessoas não se dão conta, mas é necessário ter uma relação de respeito e cumplicidade no trabalho ou em qualquer lugar que estivermos. Se a nossa relação é boa, as trocas são tão naturais que não temos pudores ao falar assim: Olha, tu estás soltando muito cedo os alunos. Temos que liberá-los da sala de aula no horário, caso contrário, teremos problemas. Dessa forma, estabelecemos um elo de confiança entre colegas, diminuindo a competitividade natural que existe. É uma questão de mercado. Numa disciplina que tem dois ou três professores, isso vai acontecer, mas se desenvolvermos uma relação mais franca e aberta, o outro se desarma. Sinto que, se nós batemos na porta de um colega sem pudores, e isso é algo que acontece no Esfera-1, talvez seja porque nós passamos por várias modificações, principalmente os que estão desde o início.

Antes, tínhamos um grupo que foi se transformando e passou por um período muito difícil. Havia uma crise, um ponto crítico. As pessoas mais antigas do grupo que saíram tinham uma visão de relação interpessoal um pouco distorcida. A relação interpessoal acontece quando há cumplicidade e temos consciência de que aquele é um ambiente de trabalho, que algumas questões pessoais não podem ser colocadas. Eu tenho que ter essa flexibilidade de contato com o outro, mas se eu quiser contar uma coisa mais íntima, referente a um estado de descontentamento, por exemplo, tenho que ter a liberdade em dizer: Vamos tomar um vinho e conversar. É preciso um resguardo, pois nós vivemos sob hierarquias. Quando as hierarquias são minadas, minamos o trabalho e tudo o que fundamenta as relações. Podemos ver erros no trabalho do Diretor e até conversar com ele a esse respeito, mas a postura deve ser sempre uma questão de respeito. Se alguém começa a sentir-se invadido e tu começa a fazer comentários que minam o ambiente, ele se perde, fica pesado e essa teia começa a ficar tensa demais. E isso acaba sendo levado para a sala de aula, o que faz com que os alunos percebam uma falta de entrosamento.

Se um aluno comenta que outro professor o deixa ter determinada atitude e eu não, respondo que ele pode flexibilizar alguma coisa, talvez por conhecer melhor o aluno ao passar mais tempo com ele. Então, eu prefiro ir pelas regras já estabelecidas.

O “jogo de cintura” e o humor são interessantes. Temos que ter sempre uma certa dose de humor, mas é claro que cada um tem suas características. Acredito que o professor tem que se dar conta de uma coisa essencial: ele não é um fomentador de conflitos, ele é um apaziguador de conflitos. Em algum momento, podemos estar mal e com vontade de “esgoelar” um aluno que passa dos limites, mas não podemos discutir com ele. Essa postura é uma percepção que tenho do grupo de professores que permanece aqui.

Quando um aluno me diz alguma coisa, primeiramente eu tenho um distanciamento do que ele está dizendo, verificando se é algo para mim como pessoa ou para mim como professor. Muitas vezes ele está te agredindo, mas não é comigo e sim a agressão é para o papel que eu represento. Eu também represento.

Também utilizo o “fator surpresa” no meu discurso; aquilo que o aluno não espera. Ele vem por um lado e eu vou por outro. Nunca rebato uma agressividade com outra maior. As semelhanças sempre vão aumentando as coisas. É difícil alguém me tirar do sério. Eu não posso deixar o emocional sobrepor o meu papel de agente apaziguador. Não é só o conflito com o aluno, mas algo que pode levar uma turma inteira ao embate. Uma situação em que o professor pode sair ileso vira, e a turma toda fica contra ele. Se nós debochamos de um aluno não vamos debochar só dele e ainda, podemos acionar mecanismos de defesa

nos demais. É preciso ter muito cuidado com isso, pois muitos vão sentir-se também incomodados. Mas é uma situação de amadurecimento que vamos adquirindo após passarmos por várias situações. Aos poucos, vamos aprendendo a lidar com os embates.

As pessoas confundem o que é ser verdadeiro. Na verdade, ser verdadeiro não é dizer o que se quer, na hora que se quer. Quando olhamos olho no olho do aluno e nos preocupamos, nos importamos, estamos sendo verdadeiros.

São aspectos que acho importantes quando lidamos com adolescentes: primeiro, nunca competir com eles; segundo, observar e ver as modificações que eles vão passando. Como a tinta de cabelo que trocam, o tênis novo, são detalhes que o fazem pensar: “A professora me enxerga, eu não sou só um número na chamada.” Às vezes, eu falo: Se vocês faltarem, me avisem. Não me deixem sozinha aqui. Então, eles estabelecem uma relação. Eu sei que no fundo é uma chantagem (risos), mas eles se sentem no compromisso, e eu acho isso ótimo.

Aprender a ter responsabilidade com o outro é um compromisso que levamos para a vida inteira, pois somos responsáveis pelos laços que fazemos, por nossas escolhas. Assistir ou não à aula é uma escolha. Às vezes, o aluno diz: Professora, tu me dás presença se eu sair? Eu digo “não” e pergunto: Tu faltas muito à aula? Se não, porque não assumir que não queres assistir à aula hoje e terás uma falta. Assume que hoje tu não queres assistir a essa aula. Tu tens uma escolha.

A gente sempre tem uma escolha na vida. Temos que dar aos alunos esse subsídio de começar a pensar na vida como escolhas. Fazer uma escolha e assumir as conseqüências é optar com quem vamos “ficar” no show, ou até mesmo se vamos “fumar” no Gasômetro. Boa ou má, sempre há uma conseqüência. Eu digo a eles que a questão de drogas não é somente uma questão moral e eu não me considero moralista. Certas coisas não se precisam vivenciar para saber que não vão dar certo. Eu falo: Se vocês me mostrarem um exemplo de quem se dá bem, que é fantástico e que está bem de vida se injetando e fumando o dia inteiro, eu tiro o chapéu. Não há. Todos os nossos ídolos de adolescência que eram músicos fantásticos morreram. Nós optamos em viver ou morrer. A vida tem seu ônus e seu bônus. Tudo isso passa por uma escolha. Como eu lido com arte, eu vou mostrando a música, o teatro, as mega-estrelas, enfatizando que pessoas com um talento enorme foram cortadas porque fizeram suas escolhas. Os motivos nós os desconhecemos, mas os exemplos estão aí. Não é preciso passar por isso, mas se esta for uma escolha, vocês sabem os resultados, as conseqüências.

Acredito que um entrave no dia-a-dia da sala de aula possa ser uma visão um pouco simplista da nossa relação com os alunos. Na verdade, não são as regras disciplinares que resolvem tudo, mas é o ambiente que ajuda a sustentar essas regras. Uma das coisas que julgo importante é sair um pouco desse ambiente tradicional de escola, precisamos ter projetos que realmente aproximem os alunos. Está começando a acontecer um novo tipo de relação na escola. Seria interessante ter um projeto interdisciplinar que realmente funcionasse, que nós pudéssemos sentar entre professores e fazer coisas que movimentassem os alunos e nos movimentassem também. Por vezes, penso que somos muito estanques. Fazemos nossa parte sem muitas vezes conhecer o trabalho dos outros. É uma visão muito micro, precisamos de uma visão mais macro. É necessário ir por outra vertente, ter uma nova visão de como lidar com a escola.

Para mim, a nossa escola ainda está muito tradicional. Ela possui poucos recursos, mas não são somente eles que contam, são as disponibilidades e a atitude de todos nós. A hierarquia superior da escola poderia repensar sua postura. Faltam ações criativas que nos envolvam mais. Eu percebo que em outras escolas que trabalho, existe sempre alguma coisa acontecendo que não é só sala de aula, mas é toda a escola se movimentando. O aluno sente-se num ambiente que não é só sentar e esperar que as coisas aconteçam. Nós poderíamos estar engajados em projetos sociais de voluntariado que fizessem parte do nosso dia-a-dia, como já aconteceu aqui, mas isso não aparece. Um calendário de atividades sociais seria algo muito bom, pois poderia haver um dia de reunião apenas para ouvir o que o outro colega está fazendo. Em alguns momentos, tenho a sensação de que nadamos sozinhos. Muitas vezes ouvimos o que outro professor fez, mas isso acaba não nos tocando porque a escola não promove atividades sociais. Uma merenda coletiva pode ser na primeira vez uma sujeira, mas nós os ajudamos a se organizarem e eles vão se organizando. Tenho certeza de que iriam adorar. Nós os ajudamos no início e depois, eles fazem sozinhos.

Eu nunca vi uma escola com tantos professores com tamanha formação. São pessoas experientes. Aqui, não há pessoas que não sabem o que estão fazendo, o que é raro em algumas escolas. Há uma certa independência e confiança no profissional que a escola contrata. Para que as ações empreendidas, ou propostas, tenham resultados, é preciso conhecer o que se está fazendo. Nós aqui sabemos disso, mas ainda somos carentes para criar uma identidade de escola. É preciso criar e inovar para que os alunos queiram estar aqui. Muitas vezes, os alunos vêm com essa expectativa monocromática de escola.

Na nossa escola, pelo nível de ensino que temos, há uma sensação de que a média é baixa, isso é uma ilusão. O que vemos é um grande esforço de muitos alunos para tirar essa

nota. Nossa média cinco pode ser sete em outra escola. Eu já indiquei o Esfera-1 para alunos de outras escolas e, algum tempo depois, eles comentaram: Professora, aqui a média é cinco, mas não é bem assim.

Em contrapartida, nós temos uma relação não tão opressora como ocorre nas escolas religiosas. Aqui, o que temos que ser é “profissionais.” De forma geral, a escola dá um apoio bem grande ao aluno para que alcance os resultados para a aprovação. No momento em que a escola se tornasse mais colorida, se poderia começar a elevar essa média. Para nós isso não modifica muito, mas para os alunos e pais, faz uma bela diferença.

Entendo que proporcionar avanços na aprendizagem necessita, primeiramente, ter a consciência do papel da liderança. É algo que muitas vezes as pessoas confundem com autoritarismo ou até uma autoridade superior. Na verdade, penso que a liderança acontece quando somos capazes de ver os talentos dos outros, captá-los e fazer com que desabrochem. Ser líder é ter essa percepção. Para isso, entendo que um líder deve agregar harmonia nas relações ao saber o que está fazendo. Não interessa se o aluno é bonzinho, um terror ou ainda, antipático. O líder precisa saber dissociar isso e ver quais as características que são luminosas e que possam vir a somar, mesmo que estejamos num ambiente considerado sombrio. Cada um tem uma luz e essa luz tem que brilhar. É o professor que tem que apertar o botão e dizer: Olha, vai que tu consegues. Não importa em que nível é esse resgate, mas ele deve acontecer. Muitas vezes, atingimos vários patamares; outras vezes, apenas um. Esse resgate pode oportunizar que em um determinado momento, a pessoa possa levar essa característica luminosa para outros espaços.

Na realidade, o professor é um caçador de talentos e não existe “não tê-los”, isso é uma coisa que o professor não pode aceitar. Muitas vezes, o aluno não tem uma afinidade com a tua disciplina, mas o que tu descobre pode servir para outras e levá-lo adiante. Uma vez um aluno disse que gostava de mim, mas não de desenhar. Quando ele me disse que gostava das exatas, eu lhe trouxe um artigo sobre Leonardo da Vinci. Disse a ele que hoje nós somos multifacetados, mas antigamente, as pessoas tinham que ser abertas para uma série de coisas. Também comentei que eu tenho que entender um pouco de Física e Química, caso contrário, como vou poder explicar o que é “cor”, por exemplo. Procurei mostrar a ele que toda a disciplina tem um pedacinho de outra, mas é claro que a pessoa tem suas afinidades.

Apesar de nossos desejos, nossas expectativas, nosso olhar para o mundo precisa aprofundar-se nas questões que nos envolvem e não somente com aquilo que gostamos, ou que temos talento. A habilidade artística não é um dom divino como muitos pensam. Não é

isso o que importa. O importante é ter uma visão mais holística, não é uma questão de misticismo, mas ter consciência de que se ficarmos o dia inteiro trancado naquilo de que gostamos, deixamos de usufruir certas situações imprescindíveis para o nosso crescimento. A vida física é sentir dor e prazer, é vivenciar.

Certa vez, eu li que nós reproduzimos as nossas relações familiares, mesmo que inconscientes, nos grupos em que estamos e com os quais nos envolvemos. Se na nossa família foram trabalhados certos valores, acabamos levando-os para o nosso meio, mesmo que nós nos vistamos de rebeldes sem causa. No momento em que vamos para um grupo, levamos as nossas raízes.

Nós lidamos com alunos que vêm de famílias que não conseguem estabelecer valores mais fortes, talvez porque os pais trabalhem. Nós somos oriundos de uma época de um convívio maior. Quando nossos pais tinham que trabalhar, não nos deixavam tão à vontade. Existia a questão: Estou trabalhando para que tu tenhas uma vida melhor, e não para te dar um videogame novo. Nós nos sentíamos meio que obrigados a “nos puxar”.

Hoje, lutamos com um fator mais agravante que é a falta de objetivos. Com essa questão da globalização, há poucos valores que a sociedade nos mostra que são realmente essenciais ao ser humano: “Eu tenho que me dar bem, que consumir, tenho que pertencer a um grupo em que eu faço o jogo para vencer. Aí eu serei alguém bem sucedido”. Talvez eles não tenham o objetivo de modificar a estrutura que está aí, e isso é complicado.

O estudo, hoje, para a maioria dos alunos, é mais uma peça de um jogo. “Eu preciso disso para me levar àquilo”. Lembro que a nossa geração tinha um objetivo de trabalho, mas também queríamos usufruir a aprendizagem. A escola, para nós, ainda era um meio. Hoje, nós lutamos com essas questões externas, com uma série de estímulos e de propaganda que fazem com que a necessidade do prazer imediato seja maior. Talvez isso leve os alunos a sentirem um certo abandono.

Aconteceu agora, no concurso do tribunal de justiça, que os candidatos que passaram para Auxiliar de Serviços Gerais eram os que tinham curso superior. Uma atividade como servir café, tirar xerox e limpar a mesa do juiz não requer curso superior. Na verdade, nós lutamos com os alunos para dizer que o conhecimento pode torná-los uma pessoa melhor.

Ainda não se tem a visão de que o mundo mudou, pois o que temos hoje estará obsoleto amanhã. Tudo é muito rápido, mas o que muda o mundo são as nossas relações, a capacidade de sermos verdadeiros conosco e com os outros, o que requer um espaço dentro de nós para compartilhar.

Entrevista com o professor P4

As relações interpessoais constituem-se num espaço que misturam pessoas com diferentes histórias, diferentes idéias, diferentes crenças. Algo que também é marcante é o nosso dia-a-dia. Na escola, muitas vezes, convivemos cinco dias por semana com nossos colegas e alunos. No caso dos alunos, num dia eles estão bem e no outro, não estão. Daí, acompanhar essas oscilações de humor ou compreender que o aluno está com problemas pessoais é uma coisa que nos faz, aos poucos, ir conhecendo as pessoas. Eu acredito que boas relações estão calcadas na palavra “amor”. Se eu consigo amar o aluno, o próximo, o colega como um ser humano, sem estereótipos, as relações ficam mais fáceis. O que dificulta são os nossos pré-conceitos sobre coisas e pessoas. Talvez seja uma questão cultural que determina um padrão de beleza, um padrão de comportamento. Os padrões criados só atrapalham e tornam difíceis as relações. As pessoas esquecem de respeitar e amar o outro e terminam sendo levadas pelos seus pré-conceitos.

Muitas vezes, as instituições exigem tais comportamentos de forma subliminar. Dependendo de onde trabalhamos, devemos nos comportar de uma certa forma. Em geral, a mensagem está nas entrelinhas do discurso. Acabamos, sem nos darmos conta, nos adaptando ao meio e tendo comportamentos da forma que nos exigem. Vamos dançando a música para continuar no salão e acabamos fazendo isso naturalmente, muitas vezes sem precisarmos fazer muita força. É a adaptação ao ambiente.

A maneira como nos conduzimos influencia na sala de aula. Eu não sou uma professora com muitos anos de docência; estou no magistério desde 1998. Eu tive algumas experiências de trabalho em lugares que eu precisava me controlar, pois estava sendo observada enquanto ministrava a aula. Certa vez, em uma outra escola, eu vi uma supervisora me observando, mas meus alunos não a viam. Naquele momento, isso me desestruturou, fiquei nervosa, suava frio, gaguejava, uma coisa muito complicada. Eu não sabia o que a pessoa estava esperando de mim, e não queria fazer feio.

Particularmente, acho muito complicado representar certos papéis, pois eu gosto de ser o que sou. Graças a Deus, hoje, eu estou num lugar que é tranquilo, porque eu não preciso me travestir. Claro que há algumas coisas na escola que eu deixo a desejar. Por exemplo: Eu não sou muito de ficar policiando aluno em sala de aula; eu não tenho esse perfil de ficar correndo o olho e ver se estão ou não aprontando. Gosto de dar uma aula mais solta e aprecio conversar com eles. Quando eu largo uma atividade, gosto de circular entre eles, bater um papo, dar uma descontraída para conseguir me aproximar. E aí, muitas vezes,

o que acaba acontecendo é que eu deixo a desejar nesse aspecto, pois não fico controlando-os o tempo todo. O que é chato é policiar o aluno, disso eu tenho horror, pois não gosto de ser policiada. Sei o que tenho que fazer, como me comportar e não precisa ficar me dizendo. Claro que eu termino transferindo essa postura para o aluno, mesmo sabendo que eles precisam de policiamento.

Realmente, a gente sabe que há turmas impossíveis, que gostam de deprender o ambiente, então é complicado. Isso não é uma coisa somente da escola Esfera-1, pois sei que em qualquer lugar temos que ter o controle. Essa é uma dificuldade minha. Além de tudo, eu sou baixinha e aqueles alunos que estão mais no fundo eu não enxergo muito bem. Percebo que se começo a controlar muito os alunos, acabo me desconcentrando.

Uma das coisas que hoje eu já me sinto mais segura e tranqüila é com relação aos conteúdos. Todo o professor passa por essa fase. Nos primeiros anos, todo mundo tem aquele medo de errar. Hoje, caso eu tenha que dar uma aula meio no “susto” e eu não tenho atividade, não há problemas para mim, pois é muito tranqüilo agora discorrer sobre um assunto. Eu já trabalhei em todas as etapas da escola, logo, isso ajuda conduzir bem a aula.

Uma das coisas que eu achei muito interessante quando eu cheguei na escola é que eu me vestia com formalidade em virtude do meu histórico profissional. Trabalhei alguns anos dentro de hospitais na área médica e pelos caminhos que a vida toma, eu acabei indo para o magistério, apesar de ter dito, desde pequena, que eu jamais seria professora. Aquela coisa de “mulher usar salto e ter uma postura mais formal” mudou quando eu tive problemas sérios de saúde. Precisei usar tênis, calça de brim ou de abrigo e, incrivelmente, isso me aproximou mais dos alunos quando precisei vestir-me parecida com eles. Eu não esperava essa reação. Quando dizem: Tu estás usando Nike professora, que legal, o teu tênis é moderno! Ou, Professora, tu estás usando uma camiseta Nike, onde é que a senhora comprou? Eu respondo: No mesmo camelô que tu compraste a tua. (risos)

Alguns alunos nos usam como uma referência. Eles perguntam como fazemos determinadas coisas, qual a nossa opinião, se já aconteceu isso conosco. Eu acredito que, muitas vezes, eles não têm isso dentro de casa, talvez porque o pai e a mãe trabalham fora e não têm tempo. Acabam nos encontrando mais vezes do que com a própria família.

Eu acredito que existe um pouco de identificação. Já ouvi muito aluno comentando de outros professores sobre seu estilo. Dizem que aquela professora está sempre arrumada e cheirosa. Ai eles comentam que mulher tem que ser assim, tem que ser arrumada. Percebo que eles observam, se dão conta das coisas, aprovando ou não. Costumo chegar

perto deles e até tenho me policiado para fazer mais isso. Quando temos muitos alunos, acabamos criando um distanciamento porque não temos como atender a todos. Há turmas com muitos alunos, o que torna difícil controlar e também dificulta a aproximação. Sempre que possível, eu sento na cadeira do lado deles, olho o exercício, o caderno, e tento de alguma forma chegar perto. Já aconteceram casos de alunos que vêm com cheiro de drogas e eu comentei: Cara, como é que tu vens pra aula com esse fedor? Não consigo nem chegar perto de ti. Isso me dá enjôo. Assim não dá, de manhã cedo... E ao invés de eles ficarem bravos ou tentarem se defender, eles ficam sem jeito, encabulados. Essa proximidade de conhecer o mundo deles é muito legal.

Já aconteceu de eu entrar numa sala de aula com o pé atrás, por saber antecipadamente que há alunos com problemas e que vou me incomodar. Quando eu vou entrar numa turma que eu sei que é complicado, eu dou aquela respirada e penso que vai dar tudo certo. E aquele pior aluno, procuro tentar conversar e, de alguma forma, me aproximar, puxá-lo para o meu lado para que não apronte.

Para mim, a coisa que mais me incomoda, que mais me ofende, que me tira do sério é o aluno prepotente que objetiva te enfrentar, que empina o nariz e se acha o melhor. Isso me incomoda, eu acho horrível. Outro fato que me aborrece é quando o aluno me obriga a tomar uma atitude. Certa vez, eu disse para um aluno: “Olha cara, o fato de eu estar brigando contigo não é o que mais me incomoda, mas é tu estares me obrigando a tomar uma atitude, de agir desta forma. Tu estás me forçando a tomar uma atitude que eu detesto, que é ser mal educada, ser dura, te xingar, fazer com que tu sejas punido ou ter que te punir de alguma forma, seja com uma advertência, com uma saída da sala de aula para conversar com o Diretor”. Quando sou obrigada a agir dessa forma, me sinto agredida. As atitudes do aluno me obrigam a agir de uma certa forma que eu não gosto, que é ser ríspida. Ai eu paro e me pergunto: Por que tudo isso?

Os alunos que já vêm com um histórico de reprovações, muitos deles, quando chegam até aqui, na minha aula, mudam essa concepção. Eles dizem: Professora, nunca imaginei que fosse tão fácil! É só isso e eu rodei no ano passado. Foi nisso daí. Talvez, conosco, seja diferente pela abordagem que damos. A maneira com que eu conduzo uma explicação é muito esmiuçada, é passo a passo. Para mim, o que facilita, é um método que forneça passos aos alunos, que facilite. Então oriento assim: o exercício tu pegas aqui, pegas ali e faz. Eu não gosto dessa forma, diz ele, e então digo: Tu vais pegar esse dado e vais colocar aqui, depois vais pegar esta informação, analisar e colocar ali. Fazer um roteiro para que o aluno possa conseguir chegar no resultado. Depois que ele aprende aquela

receita, começa então a trabalhar um pouco melhor, pois melhora sua auto-estima. Aí é que eu começo a fazer variações e aprofundar. Um outro fator que ajuda muito em sala de aula é que eu sempre tive facilidade de escrever e os alunos comentam que entendem o que eu quero dizer.

Uma das coisas que eu percebo da diferença de quando eu era estudante e agora é a abordagem que se dava à Física. Hoje é muito mais teórico, mas não fugimos da Matemática, apenas não estamos centrados nela. Considero mais importante compreender o conteúdo do que saber fazer um monte de exercícios de aplicação de fórmulas. Quando eu estudei no Ensino Médio era só cálculo. Eu decorava as fórmulas e fazia. Hoje, da maneira como eu dou aula, procuro fugir um pouco disso. Nas minhas provas, eu coloco todas as fórmulas e digo que o aluno não tem que decorá-las, tem que saber usá-las, tem que entender, tem que interpretar. Trabalhar uma equação de diversas maneiras, mostrar que ela é para isso, mas que também pode ser usada para aquilo, é uma forma mais coerente de ensinar.

A estrutura da escola, a estrutura familiar que nos sustenta nos dá equilíbrio e também favorece o desenvolvimento da aprendizagem. Não somos feitos de compartimentos separado, e sim estamos todos num só. Eu tenho uma estrutura familiar, um pai, uma mãe que sempre me incentivaram. Essa coisa de organização, de ter método, de ter horário, de ter normas, regras, tudo foi sem exagero, mas que foram ditadas em casa. Há toda uma educação.

No meu trabalho, a estrutura da escola me sustenta, pois tenho o apoio da Direção. Já tive a experiência de não ter e sentir-me a última, a pessoa mais errada da face da terra. Claro que eu sei que a escola tem suas regras, os seus caminhos. Muitas vezes, o final de um acontecimento não é exatamente o que eu gostaria, mas perante o aluno, perante o pai, perante os outros professores, a direção dá o apoio e resguarda a figura do professor. O fato de tu saberes onde está pisando, dá segurança. Caso eu tenha que encaminhar o aluno por algum motivo, alguma coisa eu sei que ele vai ouvir e um puxão de orelha vai receber. Talvez, o finalmente não seja no momento o que eu gostaria, porque existe todo um contexto social, econômico, e não podemos também perder alunos. Porém, sabemos que têm aqueles que precisam sair para não prejudicar os outros. Se tu não tens o apoio dessa parte da escola, acaba não sabendo como agir e o que fazer. Nessa situação, nos sentimos que, se tomarmos determinada atitude, sabemos que a Direção não vai gostar, então, não podemos fazer algo que era exatamente o que gostaríamos de fazer.

Até hoje, no Esfera-1, todos os episódios de mudanças, de insatisfações com coisas que aconteceram foram ouvidas, nem sempre atendidas, mas sempre houve um

retorno. Nunca nos dizem “não” sem um porquê daquele não. Como existe um retorno, eu me sinto à vontade de me expor. Percebo que, em outras escolas que eu trabalhei, isso não existe, não é comum. Eu acredito que é por esse viés que conseguimos resgatar o aluno. Como me sinto respeitada e ouvida e a Direção quer me ajudar da melhor forma possível, isso dá segurança e tranqüilamente para enfrentarmos o dia-a-dia.

Uma das coisas que eu acho bárbaro, e talvez nós tenhamos facilidade para resgatar no aprendizado do aluno, é a liberdade que temos para variar nossas aulas. Nós não temos ainda uma escola com muitos recursos, mas o fato de poder variar com o que temos, chama a atenção do aluno, transformando-se num agente motivador. Há professores que preferem a sua aula tradicional, mas aí é o gosto de cada um. Eu acho muito chato passar o semestre inteiro escrevendo no quadro, é horrível. Aprecio muito utilizar um vídeo, uma parte de um filme, uma aula com texto, uma aula na Internet. Eu entro no site, elaboro um roteiro orientado e largo para eles. “Agora vocês vão para a Internet responder a essas questões, ver uma simulação e tentar entender”. Nós, professores, sabemos que há alunos que aprendem no visual, no auditivo e outros ainda precisam escrever. Ao conseguir abordar várias maneiras de ensinar, temos a chance de atingir um público maior.

No caso da média cinco, penso que ela poderia ser maior, até porque nós não somos uma escola que tem o nível de exigência muito grande. Porém, trabalhamos muitos conteúdos, muitas vezes mais do que em muitas escolas. Posicionando-me como cliente, gostaria de saber que meu filho seria mais exigido, mas aí, teríamos que ver com que público estamos lidando. É um estudo que requer dados que eu não tenho conhecimento. É bom lembrar que o sete de uma outra escola pode ser o nosso cinco.

Eu tenho uma história de vida de gostar de estudar, de meu pai me exigir, de ser de uma família de pessoas que estudam. Eu gostaria de uma escola que exigisse sempre um pouco mais do meu filho. Se formos pegar um perfil de aluno que tem uma família com pessoas sem formação, que vem de uma periferia onde há um menor poder aquisitivo, talvez a média cinco já esteja boa. Isso vai muito do perfil de cliente que está chegando. Há pais que dizem que o que lhes interessa é que seu filho passe de ano, já outros querem é que seu filho aprenda.

Eu sinto que nós recebemos os alunos com uma auto-estima muito baixa, com problemas de auto-afirmação. Não sabem exatamente quem eles são, porque vieram parar nessa escola que, a princípio, acham uma porcaria. Os alunos comentam que tiveram que sair da sua antiga escola e vir para o Esfera-1. Na maioria das vezes, esses alunos vêm de escolas particulares de classe alta. Muitos chegam ali se achando os últimos e, aos poucos,

eles começam a perceber que não é bem assim. Acabam se envolvendo e ficando na escola. No início acham que os professores são todos umas porcarias. Ao se darem conta de que eles não são, aos poucos vão mudando o comportamento.

Eu percebo que a auto-estima do aluno vai melhorando com o tempo. Eles entram cabisbaixos e saem mais motivados, acabam gostando dos professores, sentindo a sua falta e realmente dando valor. Eles entram objetivando fazer a dependência e voltar para a sua antiga escola, mas o que acaba acontecendo é que eles terminam ficando no Esfera-1 e não voltam. Isso é comum acontecer.

Para mim é muito complicado o aluno que não fala, é quieto. Às vezes, ficamos sabendo que é uma depressão, ou vamos compreendendo que é uma característica sua. Há alunos que entram mudos e saem calados. Para mim é muito complicado porque eu sou uma pessoa falante, expansiva, gosto de carinho, de tocar, de abraçar e tem aquele aluno que chega em aula e fica ali viajando, ou até mesmo dormindo. Eu percebo que ele olha para o quadro, mas nada o sensibiliza. Ele recebe um texto, um material e mal toca. Simplesmente não faz. Para mim é muito difícil me aproximar desse aluno porque ele não responde.

Outro tipo de aluno que considero muito complicado é o aluno mal educado, o prepotente, que chega na sala de aula achando que vai tomar conta do campinho, mandar na professora e nos colegas. Muitas vezes, ele já fez isso em outras escolas. Algumas vezes, até verbaliza: Se nem minha mãe manda em mim, não é tu que vais mandar! Aí eu respondo: Se a tua mãe não está sabendo como te comandar, isso é um problema dela, da tua casa, mas aqui, na minha aula, sou eu quem mando! Isso eu tenho liberdade de dizer na sala de aula. Claro que temos que cuidar com as palavras, pois existe toda uma questão legal, mas tu tens a possibilidade de colocar o aluno no lugar dele. Caso nós não consigamos, ele é encaminhado naquele dia para a Direção e/ou Supervisão. Ele vai bater um papo e depois, vai voltar para a sala. Já aconteceu de alunos faltarem o respeito com palavras de baixo calão comigo. Minha vontade era de que ele fosse embora e sei que essa era a vontade do próprio Diretor. Mas aí começa a história de que a professora entendeu mal, que não era isso que eu queria dizer, etc. O aluno terminou ficando na escola.

Eu sou uma pessoa que quando eu não estou bem com alguém, eu fico magoada. Se aquela pessoa me fez alguma coisa, a minha maior dificuldade é olhar no seu olho. Se eu estou de mal com alguém por algum motivo, eu não consigo olhar no olho porque eu sei que o meu olhar vai me trair. Eu desvio o olhar. Quando passo o olho pela pessoa eu já estou olhando para o outro lado. Isso acontece em sala de aula. Se eu tenho um aluno que chegou num ponto que eu preciso retirá-lo da sala de aula, pois houve um embate um pouco mais

rude, mais bruto, eu não consigo nem olhar quando ele retorna. Falo com ele o essencial, mas na aula seguinte, eu estou um pouco menos incomodada; na outra, já vai passando e depois, eu esqueço. Eu não fico com aquela mágoa o semestre inteiro. Dali a pouco, nós já estamos nos falando normal e podendo até nos tornar bons amigos.

Os alunos que são problemas ou têm indícios que virão a ser eu tento me aproximar. Alguns gostam de mostrar que sabem, então, eu peço que mostrem o que sabem. Digo: Cara, faz pra nós, diz aí o que tu sabes. Muitos terminam não gostando muito da brincadeira, acabam se retraindo, ficando mais quietos. Às vezes, eu gosto de dar nos dedos (risos), porque eles estão pedindo, mas normalmente eles acabam participando sem querer estar na vitrine. Há essa coisa de querer se mostrar, de pipocar dentro da sala de aula, de aparecer, mas quando realmente tu chamas para o assunto, eles murcham. Eu não gosto muito de encabulá-los, mas às vezes eles precisam.

Para que o professor resgate alunos e promova avanços na aprendizagem ele tem que gostar muito do que faz, conhecer o público com quem vai trabalhar. Temos colegas que trabalham com adolescentes e não gostam de adolescentes, ou com criança sem gostar de criança. Isso é uma coisa importante para estabelecer relações. Claro que nem sempre a gente pode escolher. Enfim, às vezes, é o que temos. Penso que é importante, no nosso caso, estudar para conhecer o adolescente. Compreender que é uma fase complicada emocionalmente, ter consciência das oscilações de humor, das suas dificuldades, dos próprios objetivos de vida deles. O professor acaba entendendo que sair, fazer festa e namorar são seus objetivos presentes.

Há coisas em que o aluno não tem maturidade e nós não podemos esquecer que já passamos por isso. Lembro da minha adolescência, das minhas dúvidas, das dificuldades. Muitas vezes as pessoas exigiam coisas de mim a que eu não conseguia responder à altura e aquilo me incomodava.

Outra coisa muito importante é a segurança quanto ao conteúdo. Eu estou sempre estudando não só por estar cursando mestrado, mas por estar sempre buscando uma nova forma de ver o conteúdo, tentando elaborar uma atividade diferente. Ao acrescentar algo diferente, vou tornando a aula mais interessante para eles. É bom ter séries e/ou semestres fixos para que nós possamos nos aprimorar naquele determinado conteúdo. Quando tu tens todas as séries, fica muito complicado atender a tudo. Então, isso eu acho muito bom, trabalhar com conteúdos específicos e aprimorar-se neles.

Uma relação aberta com a direção, com os colegas e a possibilidade de trocar informações ajuda a não criar um ambiente competitivo, fato presente na maioria das

escolas. Eu já tive situações de professores perguntarem ao colega sobre um procedimento tomado e depois, dizer que tu não devias ter feito isso. Penso que a idéia de trocar experiências é para acrescentar e não para dizer que o outro está errado e nós estamos certos. Por outro lado, várias vezes eu vi professores conversando e um dizendo para o outro: Naquela turma também acontece isso comigo. Então, ele seguiu a dica do colega e teve determinada atitude que deu certo.

No último ano, entraram alguns professores novos no Esfera-1. Eu acho que estamos nos conhecendo ainda, mas precisamos ainda de mais tempo para trabalhar como grupo e desenvolver nossa identidade. Sinto falta de encontros pedagógicos e reuniões. Antes existia um grupo de professores, hoje, alguns não estão mais e entrou gente nova. Mesmo assim, nós somos uma das pouquíssimas escolas que não fazem “limpa” de fim de ano.

Na nossa escola, sinto que as pessoas são boas. Eu não vejo essa coisa de competitividade, de um querer mostrar mais que o outro ou querer se sobressair. Eu também não sou uma pessoa de ficar observando os outros, eu não tenho essa coisa de ficar de cantinho de olho e ver o que o outro está fazendo, se está bonito ou feio, se está gordo ou magro, se vai fazer trabalho escrito ou oral. Tem gente que eu sei que é super observadora, que fica controlando, mas eu não me ligo muito. Eu me preocupo mais é comigo mesma, fazer o meu trabalho, me dar bem com todos. A gente troca experiências, mas eu realmente não me estresso com os outros. De qualquer forma, nós acabamos ouvindo o que os outros falam e vamos pinçando uma idéia aqui e outra lá. Eu não vejo no Esfera-1 competitividade, briga por poder, mas é claro que ouvimos: Olha isso aí o fulano vai contar. Como eu não devo nada e eu sou muito aberta, trabalho sem grandes estresses.

Entrevista com o professor P5

Eu entendo que as relações interpessoais que se reproduzem numa escola são as convivências que temos em sociedade. Nós, professores, não somos apenas pessoas que são marcadas pela formação e por esse motivo, somos melhores que os alunos. Eu me vejo não só como professora, mas como amiga e conselheira.

Casualmente estou estudando uma disciplina na Universidade sobre um mesmo assunto que eu estou trabalhando na escola. Na universidade eu tenho um semestre todo para estudar essa disciplina e aqui, tenho um mês para ministrá-la, num nível mais elementar. Hoje eu vi que me empolguei demais e eles disseram: “Professora, nós não agüentamos mais.” Aí eu comentei que me empolguei, talvez por estar estudando esse assunto na universidade. Eu sou muito sincera com eles. Falo aquilo que penso até para que eles descontraíam. Nesse episódio, eu pedi desculpas e argumentei que eu tenho a intenção de dar-lhes o melhor. Entendo que temos que colocar o pé no chão e ver que tipo de público estamos trabalhando. É preciso não esquecer que o público que está na minha frente não é o mesmo da universidade.

Eu era muito jovem no início dos meus estudos na universidade. Eu me permitia matar a aula e “tirar sarro” de professor. Um dia, um professor olhou para mim e viu potencial. Convidou-me para ser bolsista dele e, a partir dali, foi se estabelecendo uma relação muito boa, e que me fez aprender muitas coisas.

Comentei com eles que a minha preocupação maior é com o vestibular. Eles verbalizaram que não estão pensando muito nisso agora, que vestibular será para depois. Para eles, tudo é distante e para nós, tudo muito imediato. As coisas têm que acontecer e, ao mesmo tempo, temos que estudar e ir adiante.

A nossa preocupação enquanto profissional é também manter o nosso emprego. Precisamos trabalhar para ter o nosso sustento. Já o tempo dos alunos é outro. Hoje, alguns me perguntaram se eu sabia de algum estágio, mas pareceu-me que era apenas uma averiguação, nada que fosse muito necessário para as suas vidas.

Nós reproduzimos um pouco as famílias, sendo um pouco mãe e pai e, em muitos momentos, se identificando com os alunos. Eu reproduzo em sala de aula a minha história. Muitas vezes, tento passar minhas angústias da fase adolescente e de alguma forma transmitir uma mensagem. Tento dividir com eles minhas experiências de vida no que se refere, por exemplo, a namoro ou sexo.

Um aluno falou sobre namoro hoje e eu percebo que eles querem se abrir e contar. Aos poucos, eu vou me abrindo com eles também. Quando digo que tenho um filho e falo sobre ele, vejo que já se cria um canal propício para a nossa interação. Conteí que tive um filho muito cedo, mas numa idade que não chegou a me atrapalhar muito, porque eu estava terminando a faculdade. Eu pude me dedicar à maternidade e, depois, seguir adiante com os meus estudos, sem que isso tenha me prejudicado.

Eu tenho essa preocupação em passar para eles que começar a vida com um filho pode ser um empecilho se estamos no início dos nossos estudos. Não é preconceito porque para mim não foi empecilho, mas eu tenho aquela vontade que eles estudem. Falo a eles que, se eu tivesse esse filho num outro momento e não tivesse um apoio da família, ficaria muito difícil.

Como estou trabalhando sobre populações, sempre que posso eu puxo para a discussão a questão do sexo e da camisinha. Como eu nunca fui reprimida, procuro não ser repressora. Eu tive uma juventude normal e passei por muitas experiências que me fizeram seguir adiante. As nossas escolhas dependem da forma como fomos criados.

Eu tenho um cuidado em trabalhar bem o conteúdo no primeiro período da aula. No segundo período, eles vão ficando mais cansados e, então, procuro dar um espaço maior para as discussões. Nós precisamos relaxar e eles também, isso também é educação. Como eu trabalho com uma disciplina da área humana, é natural surgirem muitos questionamentos. Deve haver esse espaço, caso contrário, fica muito rígido e eu não tenho perfil para isso. Procuro fazer com que a discussão não perca o foco para no final fazer uma avaliação. Esse é um momento em que eles me chamam na classe e eu vejo quem tem mais ou menos interesse naquele conteúdo. Sei que nem todo mundo é apaixonado pela minha disciplina. Aqueles que despertam mais interesse, eu procuro personalizar mais o tratamento.

Uma vez eu disse para os alunos de uma turma que eu era autoridade na sala de aula. Coisa que eu até discordo, mas quem está comandando o espetáculo sou eu, como uma personagem. Eu comento com eles que eu tenho horror de advertir, chamar atenção porque eu gosto que haja uma situação de respeito. Tem que haver respeito entre eles e comigo. No que se quebra essa relação de respeito, o trabalho começa a dar sinais de que não está indo bem.

Os alunos são muito legais comigo. Há alguns problemas? Sim. Há o aluno debochado e que testa nossos limites. São alunos carentes e que a família não se importa muito. Em geral, eu consigo chegar neles, mas nem sempre isso é possível. Muitas vezes, nós não estamos bem e acabamos não tendo sabedoria naquele momento para conduzir uma

determinada situação. Quando isso acontece, eu procuro depois chegar no aluno e ter uma conversa. Às vezes, temos nesse aluno um grande aprendiz que não conhecemos e que pode acabar não se revelando, pois em sua vida foi taxado como um chato ou outra coisa qualquer. Quando o aluno assume isso para ele, acaba sendo aquilo que foi taxado. Aqui na nossa escola os professores têm uma linha de trabalho em sintonia, talvez seja por isso que muitos alunos acabam se transformando.

Quando o professor trabalha muito tempo com uma disciplina numa determinada etapa, não significa que ele não precisa mais preparar aula, pois sempre há coisas novas para trazer. Em minha atuação, eu procuro primeiro cumprir com o meu conteúdo e, dependendo da turma, eu faço uma atividade diferente, pois o professor precisa saber trabalhar com o inesperado, ser criativo e, ainda, seguir determinadas regras.

Com a mudança de Direção, parece que se flexibilizaram um pouco algumas regras referentes à entrada dos alunos atrasados em sala. Eu confesso que tenho um coração mole. Quando chega um bom aluno um pouco atrasado, eu fico muito incomodada em dizer-lhe que deverá passar na Supervisão. Sei que se flexibilizarmos demais criaremos conflitos para os outros colegas professores. Eu assumo que comigo já aconteceu de deixar aluno entrar atrasado sem autorização. Eu fui chamada pela Direção e conversamos sobre o fato. Hoje, me parece mais flexível, talvez porque se tenha chegado à conclusão de que a escola é pequena e precisa de flexibilidade.

Eu sei que tem que haver regras. Hoje eu dei um pano com álcool para um aluno limpar sua classe porque havia riscado. Eu considero inadmissíveis espaços coletivos não serem respeitados, porém, deve haver espaços públicos para os alunos.

Eu não creio que sejamos uma escola com regras tão rígidas e considero-a muito bacana de trabalhar. Eu penso que a escola é bem organizada porque muitos comentam essa característica. Alunos que vêm de escolas mais tradicionais verbalizam que somos muito organizados. Eu acho isso muito bom e deve continuar, mas sem burocracia.

Uma das coisas que faltam na escola são recursos didáticos. Eu sei que com o que temos precisamos nos programar com antecedência, mas muitas vezes, é difícil. Às vezes, eu não consigo ou acabo esquecendo de reservar o retroprojektor, por exemplo. Aí, vamos dar aula e precisamos dele. Hoje eu precisei do retroprojektor que estava em uma outra sala e não havia ninguém que pudesse buscá-lo. Como nós transitamos de sala para sala e elas acabaram perdendo aquele ar de ambiente que tinham, tenho que ficar carregando os mapas e muitas vezes, eu esqueço em alguma sala.

Uma outra coisa que me incomoda bastante é uma turma muito grande, porque as salas da escola são pequenas e os alunos sentam muito juntos. Isso aproxima e auxilia as relações, mas por outro lado, atrapalha quando são muitos. O ventilador e o pó do giz também me causam incômodo, porque acabo ficando rouca no final do dia.

Com relação à média, eu entendo que ela é muito baixa. A média cinco acaba nivelando os alunos por aquilo que representa e “queima o filme” da escola. Eles acham que o colégio é fácil e acabam se deparando com uma outra realidade em que não é muito fácil a média cinco. Pelo nível de exigência, nosso cinco não vale um cinco, ele vale mais. Se mudarmos para sete, o grau de exigência vai continuar o mesmo. Talvez possa afugentar os alunos uma média muito alta e o cinco acaba atraindo um público maior para nós. Não quer dizer que média baixa em número significa um nível de ensino fraco. Há colégios que colocam a média lá em cima, mas não têm o nível de exigência dessa média que temos aqui.

Nós temos que levar a escola para outros lugares, fazer mais atividades que envolvam os alunos socialmente, pois são essas coisas que podem mudar a vida de um adolescente. Às vezes, falta um pouco de estímulo para fazer atividades fora, devido às dificuldades. Eu não posso fazer uma saída com alunos sem ter um projeto, um envolvimento com outros professores.

A escola deveria ter um programa maior, apresentando o que cada disciplina poderiam fazer e nos ajudar nesse sentido, pois fica tudo nas mãos do professor. A saída de campo do “Linha Turismo” demandou muito trabalho e uma responsabilidade muito grande. É o contato, a arrecadação do dinheiro, a compra de entradas antecipadas, a liberação dos pais e muito mais. Eu dividi parte do trabalho com dois alunos que julguei serem muito responsáveis. Se fizéssemos isso com dois professores, seria bem melhor. Outro exemplo de integração foi a última mostra interdisciplinar, cujo tema era voluntariado, o que motivou os alunos e foi uma das melhores que já ocorreram.

Para mim, um professor tem que ser interessante e despertar o interesse nos alunos. Ele precisa ser motivado. Uma professora da universidade, certa vez, comentou que não se pode colocar na malinha os problemas e deixar na rua, sem entrar com eles para a sala, porque está no nosso semblante o que estamos sentindo. É claro que, se estamos com sérios problemas, devemos procurar ajuda especializada, mas nós temos que procurar ficar bem com tudo na vida naquele momento em sala de aula. A felicidade não é plena, mas nós temos que buscar o equilíbrio.

Particularmente, no momento eu estou conseguindo atingir meus objetivos. Eles são poucos porque não tenho muita ambição, sou feliz com a simplicidade. Procuro ser uma

professora que motive os alunos e não é porque eu tenho mestrado e estou me preparando para o doutorado. Eu também tento me nivelar um pouco com os alunos, até porque eu sou ainda jovem e eles acham que eu tenho menos idade do que realmente tenho. Isso me facilita, só que não sei até quando. Por outro lado, eu não vou fingir ser aquilo que eu não sou, mas tenho uma cabeça jovem; procuro na minha forma de ser uma forma de cativar os alunos. Cabe ressaltar que eu aprendo com os alunos e isso me renova.

Procuro fazer um trabalho que, na medida do possível, associe conteúdo com a realidade do aluno. Busco também fazer algumas retrospectivas para poder contextualizar. É muito importante trazer o cotidiano para a sala de aula.

Eu trabalho, por exemplo, com música. Não aquilo que serve somente para agradá-los, mas mostrando que outros gêneros podem ser interessantes. A minha disciplina casa também com a linguagem cinematográfica e, então, procuro trazer filmes nacionais até porque são pouco valorizados. Nos últimos tempos, há filmes nacionais maravilhosos acontecendo e que nada deixam a desejar para os hollywoodianos e tem muito mais sentido com aquilo que estamos trabalhando.

Eu adoro essa escola, mas ficar só nisso não me sustenta. Eu tenho que buscar outras coisas, embora eu procure não deixar cair a qualidade do meu trabalho. Tenho a intenção de mostrar que eles podem fazer o que eu fiz na profissão que escolherem. Não é preciso ser “careta” para ser mestre ou doutor.

Entrevista com o professor P6

Numa escola como o Esfera-1, não há uma filosofia fechada. Nós temos universos muito distintos e o que acaba acontecendo é a proximidade dos professores pelas concepções pessoais de vida e de educação. Trazemos para a docência a nossa concepção de mundo.

Por eu ser bem antiga no Esfera-1, já vivi várias fases. Ao mesmo tempo em que as diferentes concepções fragmentam o grupo por afinidades, não há competição no ambiente do Esfera-1. É uma escola que, no cotidiano, é praticamente livre de fofocas e fuxicos, mostrando as relações interpessoais de uma forma extremamente positiva.

Às vezes, a questão de carga horária, aliada às necessidades financeiras de cada um, pode causar algum incômodo, mas eu não vejo a disputa de espaço por quem é melhor. Nas minhas outras realidades, essa coisa é tão acirrada que sufoca. Nesse momento, fico louca de saudades da nossa escola, mesmo sabendo que os recursos são poucos e que falta um espaço de discussão maior. Nossas reuniões ocorrem basicamente no início do semestre.

Em outras escolas é extremamente difícil chegar a um consenso sobre o trabalho pelos diversos entendimentos que fazemos sobre os alunos. De forma geral, percebo que falta contato com leituras pedagógicas, tornando muito vazio o discurso. As pessoas começam a se afastar em funções dessas diferentes visões. As relações ficam complicadas, pois o universo que deveria ser o mesmo passa a ser diferente.

Por outro lado, percebo mais frágeis as relações interpessoais entre professores e funcionários. Parece-me que há uma distância bastante significativa. Acredito que haja falta de uma visão de unidade, pois todos ali são educadores. Quando uma pessoa coloca o pé na escola, já está interpretando como funciona. Talvez, o pai e o aluno percebam uma diferença no discurso entre professores e funcionários. Muitas vezes, as regras e determinações parecem vazias para os funcionários. Eles até “compram a parada” porque vem da Direção, mesmo fazendo entendimentos que nem os professores concordam muito. Na verdade, os funcionários não sabem o que nós, professores, pensamos, mas apenas presumem. Mesmo assim, nossas relações são muito limpas, sinceras e positivas.

É uma escola que no discurso não exige que seja colocada como a número um, pelo contrário, a Direção diz: “que bom que tu estás naquela escola e aqui também”. E as escolas sempre te exigem que tu vistas a camiseta e diga que essa é a minha primeira escola, a número um. Temos que ser exclusivos sem sermos pagos pela exclusividade, e isso é doloroso.

O que falta na nossa relação, principalmente de Ensino Médio, é uma relação afetiva maior com os alunos para fortalecerem os laços. Nosso contato com eles é muito pequeno. É só aquela carga horária, só sala de aula, gerando uma intimidade muito pequena.

Nós aprendemos com alguém quando gostamos desse alguém. Muitas vezes não se interpreta o discurso, pois há uma barreira que mascara o ódio e a rejeição. Eu me questiono se em sala de aula isso não acaba acontecendo. Professores detestados criam um bloqueio tão grande que os alunos não conseguem entender o que ele está falando. Tudo o que ele (professor) vai falar é odioso e eu não vou escutá-lo porque antecipadamente já sou contra.

O convívio maior com os alunos permite que os diversos lados que nós temos possam ser vistos e então, possam ser gostados ou odiados. O Ensino Fundamental traz mais amarras, porque os professores são em número menor e convivem muito mais.

Nós precisamos escutar mais porque falamos muito em sala de aula e escutamos pouco. Nós reconhecemos os alunos pelas provas, por trabalhos, mas não os escutamos, não sabemos como pensam e deixamos de aprender com eles.

A escola Esfera-1 possui um público diferenciado, oriundo de diversos bairros. Ela não tem aquela característica de escola de bairro, onde em geral os alunos possuem uma mesma classe social, um acesso mais ou menos universal aos meios de formação. Nós recebemos alunos de várias condições sociais. Percebo que, de alguma forma, a imensa maioria se sente segregada da escola de origem, seja porque reprovou ou porque não tinha as médias. Isso já pode ser um vínculo, um universo rico para aproveitar. Se o professor encara essa diversidade como algo negativo, não pode ficar no Esfera-1. Ele tem tudo na mão para explorar essa riqueza multifacetada e tentar identificar quem são e como se constituem essas tribos.

Eu me sinto sempre estimulada, me faz bem pensar que eles trazem uma riqueza muito grande. São alunos que, em muitos casos, passaram por diversas escolas, tiveram professores de muitos tipos, vivenciaram muitas realidades de sala de aula e isso pode ajudá-los a reagir melhor. A imensa maioria dos alunos é muito mais tolerante com o novo e com o diferente que em outras escolas.

Numa escola tradicional de bairro, a menina aparece depois do verão com uma tatuagem ou um piercing e aquilo é assunto para a sala de professores, para o bar, para a hora do lanche. Na nossa escola isso não existe, pois gente tatuada e com piercing é o que mais tem. É uma diversidade muito grande.

Um outro caso que recordo é de uma aluna que o pai trabalhava numa funerária. Ela tinha alguns gostos diferenciados, adorava falar em assuntos mórbidos e todo mundo

parava para escutá-la com profundo respeito. É isso que me encanta, essa tolerância que esse universo multifacetado oportuniza. Eles chegam no Esfera-1 onde ninguém é do Esfera-1, porém, aos poucos, vão se construindo como alguém do Esfera-1. Todo mundo é novo. Uma outra característica é a semestralidade que permite que eles circulem com diversos grupos. Eles não têm uma turma fechada, portanto, podem conviver e formarem várias turmas ao mesmo tempo.

Trocar de sala em cada disciplina tem o aspecto positivo. O professor poder deixar seu material, construir alguma coisa para ficar nas salas, mas por outro lado, tira um pouco o território dos alunos. Seria bom para eles um espaço onde pudessem deixar seus materiais ou apenas um local para estar. Essa mobilidade faz com que as salas sejam mais nossas do que deles. Seria importante pensar num espaço que pudesse conciliar os dois interesses.

Eu sempre tenho que começar cada semestre com uma sondagem, algo que eu não preciso fazer em outras escolas para saber dos alunos e poder mapear um pouco seus interesses. Muito mais do que verificar seus pré-requisitos, procuro conhecê-los para tentar enxergá-los.

A Mostra Interdisciplinar é nosso evento especial. Os resultados são extremamente positivos. A forma como eles apresentam os trabalhos, como eles se desafiam, mostram que, a cada ano, eles estão mais organizados. Isso é algo que eu só vi na nossa escola. Eles reinam inicialmente como todos nós, mas trabalham. O último tema foi “voluntariado”. É um tema difícil de construir por ser muito aberto. Na verdade, eles organizaram tudo, pois nós, professores, só orientamos. Nas outras escolas, os professores acabam trabalhando igual aos alunos. Na verdade, nos só orientamos e avaliamos, o que não é tão pouco. Como é aberto para a comunidade, quem visita são os amigos, e os alunos têm orgulho disso. Eles gostam de mostrar para os professores seus trabalhos, e é emocionante.

Nós herdamos da EJA uma estrutura que funcionou perfeita e funciona perfeita, só que parece que acabou engessando a escola. Aquilo que era possível na EJA, nem sempre é possível na escola, devido às suas necessidades. O aluno adolescente é outro. Na verdade, não é que as escolas mais tradicionais tenham mais espaços, mais fóruns para os alunos. Nós é que acabamos ficando muito voltados para a sala de aula. A EJA não precisa de muito espaço físico, mas a escola precisa.

Também trouxemos da EJA uma facilidade para a aprovação que vem sendo desconstruída. Há reprovações, mas parece bastante tranquilo esse processo na escola. No início, os que reprovavam criticavam essa reprovação muito mais por um caráter pessoal,

achando que o professor não gostava do aluno, devido a uma “perseguição” por apresentar determinada postura. O conteúdo não era muito cogitado.

Agora, nós notamos que eles conseguem perceber que reprovaram por falta de conteúdo. Acho que é um aspecto positivo, porém, me parece que segue um certo preconceito que, nas outras escolas, eles são mais cobrados. Isso é uma fantasia que os alunos desenvolvem. Como se toda escola conservadora fosse conteudista e a escola com uma abordagem diferenciada, não primasse pelo conteúdo.

Quando se inicia minha disciplina no Ensino Médio, começamos exatamente com o tema: conhecimento. Então, fazemos uma viagem pelas épocas, tentando ver como o homem constrói esse entendimento sobre o conhecimento. Eles não se dão conta de que estão aprendendo sobre diversas coisas. Ai os alunos dizem: A gente não viu nada da matéria, não é professora? Eu respondo: Não? Abre o caderno. Então, vou argumentando para que ele perceba. É interessante que é preciso externar isso. Eles precisam de detalhes no quadro e não se dão conta do quanto sabem sobre determinado assunto. Eu tenho que levá-los a entender isso, mostrar as tramas, como é construída essa nova abordagem. Eles não conseguem descobrir sozinhos.

Eu acho que eles aprendem muito, mesmo com a média cinco, mas nem sempre eles conseguem reconhecer, e isso é um problema. É interessante como funcionam as reuniões para pais. Sempre que acontecem e os pais comparecem, nós apresentamos a forma como trabalhamos. Isso é levado para dentro de casa. Não se pode esquecer jamais de esclarecer o tipo de trabalho que o professor realiza para que os pais e os alunos saibam o que estamos fazendo. Essa é a minha preocupação: deixar muito claro que eles aprendem, mesmo que não saibam que estão aprendendo.

As regras da escola estão muito internalizadas em mim e acabaram sendo assimiladas de uma forma muito natural. Acredito que há uma necessidade de regras em todas as realidades. Na escola, elas me parecem extremamente coerentes. Não sei se essa trajetória de trabalho de tanto tempo acaba dificultando uma crítica. Não percebo absurdos como a proibição ao uso do boné, por exemplo, que faz parte da identidade de muitos alunos. Não vejo nada que limite os alunos na aparência, o que é muito recorrente em muitas escolas que tentam determinar o que é certo e errado para os docentes, como se nesse mundo isso fosse possível.

Nós temos muitos alunos contestadores e isso é muito bom e produtivo, pois temos que estar sempre estabelecendo uma relação muito clara e direta. Agora, é lógico que aquele aluno que excede na conversa e não reconhece a necessidade de parar, de dar espaço aos

outros, é sempre complicado para mim. Acabamos usando os instrumentos que a escola oferece, mas voltados para a busca da tranquilidade. Não podemos usar naquele momento de excesso nossos traumas passados e temos que evitar o rótulo aos alunos. Muitas vezes, é um comportamento momentâneo.

Também percebo que aquele aluno que se sobressai nas primeiras semanas não é necessariamente alguém que vai causar problemas no resto do semestre. É preciso identificar quais são os casos que remontam problema de aprendizado ou de convivência.

A maneira como fomos criados interfere como damos aulas e é interessante como a nossa geração é referencial para eles. Percebo nos alunos que eles reconhecem na nossa geração valores e nós não reconhecemos valores na geração deles. Isso me dói um pouco. Eles começam a gostar de coisas que são do nosso tempo como, por exemplo, alguns restaurantes, alguns tipos de consumo que eles já querem ter. Parece-me que eles sentem uma necessidade de pular etapas e mostrar que eles fazem sua parte.

Uma coisa que me apaixona nos jovens é que eles são mais abertos do que nós fomos e são muito sensíveis. Sinto que deixamos para eles poucas opções e nós não reconhecemos neles as mudanças. Eles estão nos dizendo coisas que não estamos conseguindo escutar. Talvez, se pudéssemos, nós nos aproximaríamos mais, teríamos mais momentos de convivência. As escolas não conseguem nem pensar essas situações que “lá vem a hora-extra para atormentar”, daí a coisa fica muito difícil.

Para o professor auxiliar seus alunos para que ocorram avanços na aprendizagem, ele precisa ser aberto. Não pode ter preconceitos e tem que estar disposto a aprender. Se ele chegar com a aula pronta e acabada numa sala multifacetada, poderá se sentir frustrado. Ele tem que estabelecer canais de comunicação, observando para quem está ensinando.

Ao querermos mostrar que eles são capazes, acabamos cobrando mesmo. Com isso, eles vencem, correm atrás, fazem as coisas. Eu não acho que nossa escola é rígida. Às vezes, ela dá pouco retorno, cobra bastante e não oferece espaços de que eles precisam.

O professor que dá aula no Esfera-1 tem que ser diferente, pois se ele for um professor com perfil de escola de bairro, não vai se sentir à vontade. Ele vai estranhar os alunos e vai rotular para tentar se proteger. Os alunos que têm problemas sempre aprendem e muitas vezes, eles desenvolvem aspectos que não enxergamos. É preciso ter muitos instrumentos para verificar em que abordagem ele vai melhor. Muitas vezes, ele não consegue escrever, mas fala muito bem ou trabalha bem em grupo. Então, temos que oferecer alternativas que possam mostrar que está aprendendo. Se o aluno está muito resistente, talvez

não seja tanto o conteúdo, mas a relação entre o professor e o aluno que pode estar sendo bloqueada. Tu tens que resgatar e procurar o convívio com eles.

A escola vem mudando e mudou bastante. Algumas disciplinas tiveram troca de professores, mas eu acho que o grupo vem de certa forma harmônico. A direção tem uma preocupação bem clara quando escolhe professores com boa formação, mas que não são muito conservadores. É uma proposta diferenciada.

Do ponto de vista pedagógico, eu acho que nós somos autônomos. Nós temos alguns limites com relação ao conjunto de regras, mas autonomia sem dúvida, nós temos e até às vezes, há choques de posições e de interpretações entre colegas. Isso a Direção deixa livre. Acredito que autonomia é uma das coisas que conquistamos.

Eu sinto que há uma real preocupação da escola com os alunos. Nós ficamos um tempo sem Orientação (setor) por questões financeiras, foi lamentável, mas me parece que a entrada da Orientação reformulou muitas coisas. Nós temos para quem encaminhar e temos com quem trocar.

As coisas vêm melhorando bastante com esse apoio e respaldo da Orientação. Ficamos sabendo com alguma segurança sobre alunos que trazem problemas mais sérios de aprendizagem, que têm acompanhamento. Esse é um fato importante não para criar rótulos, mas para podermos entender o que está ocorrendo. Às vezes, nós ficamos achando que o aluno não vai com a nossa cara ou não gosta da turma, e não é nada disso. Ele pode ter um problema específico e precisa ser trabalhado. Nós temos que aprender também a jogar com isso, aproveitar essa hiperatividade para tirar bons frutos.

Nunca vi a escola dando espaço a um aluno quando ele faz considerações com a intenção de inverter o jogo e, por ser o pagador da mensalidade, tem a razão. Nunca vi esse tipo de relação, nunca senti isso. Eu acho que aluno precisa ter espaço, ter alguém que o escute e não será com o professor com o qual ele entrou em atrito.

Às vezes em que eu precisei encaminhar um aluno, senti muito respaldo da Direção nas minhas posições. Mesmo que nós tenhamos nos equivocado, precisamos de algum apoio. Não podemos ficar rotulados por termos agido mal, por haver algum equívoco, pois há a intenção do professor em querer acertar.

Um dos principais problemas que entravam as relações está nos objetivos. Se eles não são bem claros, os dos alunos também não ficam claros pra nós. Há o choque. Acho que a escola precisa ser repensada, pois eles convivem num mundo midiático. A informação chega a eles com facilidade. Na realidade, o que eles precisam de nós são filtros e formas que ajudem a trabalhar essas informações. Como às vezes isso não fica muito claro, a impressão

que alguns trazem é a de que estamos ali para cortar, cercear, adestrar e quem sabe, não seja isso que estejamos fazendo.

Para nós, professores, a educação é um valor primordial, enquanto que eles vivem numa sociedade em que aprender é uma coisa muito relativa. Eles sabem que aprendem em várias situações, em várias instâncias. O dinheiro e a posição social são coisas cada vez mais marcantes. Eu fico impressionada com a necessidade de usar símbolos, e nós esquecemos de trazer isso para as abordagens de sala de aula; fazemos de conta que não existem. Os problemas que eles enfrentam nós não os enfrentamos juntos. Quando os nossos problemas emergem, não os chamamos para enfrentar também.

Eu passo sempre para eles a minha forma de pensar, de sentir as coisas. Eu acredito em algumas coisas e eles seguramente têm dúvidas se o que eu ensino para eles é importante. Eu quero que eles conheçam e se apropriem do conhecimento da minha disciplina para que possamos fazer alguma coisa diferente com aquilo que eles julgarem necessário.

Entrevista com o professor P7

As relações interpessoais me fazem entender que cada um traz uma bagagem diferente. Em relação a professores e professoras, eu percebo que alguns são mais espontâneos do que outros e os mais espontâneos ajudam aos outros no trabalho que fazemos. Os que são mais introspectivos precisam da espontaneidade dos outros.

Dentro da sala de aula é diferente. É como se, às vezes, o professor necessitasse demonstrar o que ele é por meio de um personagem. Alguns encaram desta forma porque são tão introspectivos que precisam vestir-se de um determinado personagem para poderem atuar. É como se fosse uma outra pessoa, embora seja ela mesma. Eu não sei se isso é positivo ou negativo, mas acontece. Infelizmente, também percebo que alguns professores sentem-se superiores aos outros. Aqui, na nossa escola, não, mas em outros lugares, isso acontece. Talvez não seja intencional, mas até subjetivo.

Embora nessa escola eu saiba que os alunos tenham um perfil diferente dos alunos das escolas em que também atuo, procuro tratá-los da mesma forma. Minha primeira atitude é tentar aproximar-me dos alunos. Talvez, pelo meu jeito de ser, vejo que as relações humanas são feitas de sentimentos, logo, é impossível estar lá na frente e fazer de conta que os alunos não estão ou não saber que eles têm sentimentos, uma família, toda uma história.

A família atual está totalmente desestruturada, seja em qualquer lugar, seja em qualquer classe social; então, eu sempre busco ficar próximo dos alunos. Procuro trabalhar aquilo que eu aprendi na escola, na universidade, dentro uma doutrina bem construtivista, sempre demonstrando aquilo que eu sou.

O que eu aprendi com os meus pais eu não aprendi dentro de uma escola. São aqueles valores que me dão um norte e que me fazem acreditar no mundo. O que minha família me trouxe, eu procuro passar para os alunos. Na hora, eu não penso que estou ensinando tal valor, mas isso acontece naturalmente. Eu passo valores a partir do que eu sou.

Geralmente, busco nos alunos aquilo que eles têm. Na minha disciplina, que envolve História e Arte, percebo que os alunos já trazem algo na bagagem. Uma coisa interessante que eu aprendi com um professor é que todas as grandes personalidades que envolvem a minha área tiveram uma vida, uma educação. Então, eu procuro mostrar o que está nos livros e o outro lado, o que envolve os livros e as pessoas que os escreveram, que são os outros sentimentos. Eu acho isso bastante interessante.

Como todo adolescente, eu percebo que eles têm uma certa rebeldia, uma aversão àquilo que é imposto como, por exemplo, estudar e aprender. Alguns são muito espontâneos e

têm um interesse natural. Os que não são espontâneos, eu tento buscar de alguma forma, observando o interesse deles por meio do desenho, da escrita, da fala. Dessa forma, eu tento entrar no mundo dos alunos para poder puxar para o meu. Há alguns que naturalmente estudam, são interessados, lêem, são os primeiros a entregar as tarefas, mas cada pessoa é diferente.

Eu já tive alunos com os quais eu não sabia o que fazer. E agora? É muito difícil entendê-los. Penso que, às vezes, nós vamos empurrando e eu não sei até que ponto eu consigo realmente fazê-los aprender, terem interesse. São situações que me deixam sem saída. Nesses casos, procuro conversar com outros professores para ver se me dão uma luz, apesar de não existir uma fórmula única. Talvez se eu achasse uma fórmula, venderia muito caro (risos). Há alunos que não querem participar, aprender, envolver-se com as atividades. Sinceramente, eu me sinto, às vezes, um pouco fracassado. Sinto-me mal, fico infeliz com a situação. Nós não conseguimos atingir a todos do grupo, é uma lástima.

Antes, eu achava que os problemas fossem as notas e pensava que faria uma revolução, mas depois, com a experiência, isso se mostrou completamente diferente, que não era aquilo que eu idealizei.

Nossos professores colocaram que é preciso buscar a atenção, o interesse dos alunos para podermos ensinar. Quando um aluno dorme em sala de aula, isso me desconcentra. Eu não sei o que eles fizeram para estarem desse jeito, e fico sem ação. Às vezes, eu acabo sendo mais formal e fazendo as mais variadas cobranças, mesmo sabendo que isso não é o correto. Chegamos a esse ponto porque não sabemos mais o que fazer para que o aluno saia da inércia.

As regras da escola são importantes e válidas porque, querendo ou não, nossa sociedade é composta de regras. Eu não posso fazer tal coisa porque algo acarretará, portanto, tenho que assumir as conseqüências dos meus atos. Por outro lado, socialmente, vemos um monte de gente que faz um monte de coisas erradas e sai ileso, mas aí tu olhas para a vida e vê que há outras coisas, outros mecanismos de sanção.

Quando me disseram que a média era cinco eu achei ruim, mas depois eu percebi que a média podia até ser dois e não ia fazer diferença. Faz diferença para quem está entrando na escola. Os alunos quando entram, assim como quando eu entrei na escola, pensam que a média cinco é facilíma. Quem não vai passar! Aí, ao longo do tempo, vamos entendendo que não é assim, que a média equivale a atingir os objetivos ou não. Nós, como sociedade, adoramos rotular, dizer que aquele ali é sete, ou cinco ou dois. Nós rotulamos tudo e quando vamos realmente conhecer as coisas, vemos que não é bem assim.

Um professor tem que ter acima de tudo aproximação, afeto, carinho, atenção. Não sei se eu sou mais sentimento que razão, mas é uma característica minha. Um professor tem que querer se aprimorar, buscar mais, mas não sei se essa é a fórmula.

Entrevista com o professor P8

A relação interpessoal, para mim, é ter um convívio bom com os alunos quando damos aula e estamos explicando a matéria. Enfim, o aluno participando, não entrando em outros méritos que não seja da matéria, mas que nós tenhamos um bom relacionamento. E isso não significa que o professor está mandando e o aluno tem que ficar como um robzinho parado e escutando, mas que ele possa participar. Nós podemos fazer uma aula em que ele vai fazendo o conceito junto com o professor, mas de forma divertida. Caso não tenhamos uma dose de humor, não vai adiante. Eu faço uma troca com o que ele sabe e vamos montando os conceitos. Eu gostaria de ser mais séria, mas não consigo, eu acabo sempre brincando.

Eu monto um esquema com eles de participação para que possam construir os conceitos e todos têm que participar proveitosamente, mas sempre direcionando para a aula. Tem que ser algo que leve ao caminho do conteúdo, mas sempre dando exemplos que eles entendam. Não aquela coisa totalmente fora da realidade, mas localizar com eles o dia-a-dia. Há conteúdos mais difíceis outros mais fáceis, mas sempre tento fazê-los participar.

Na minha atuação, eu espero que seja a mais clara possível com eles. Que eles entendam bem, mas que vejam a relação com o cotidiano deles, caso contrário, fica aquela coisa do estudar por estudar, porque está no currículo, e isso não está certo. Tento passar o conteúdo para eles, contextualizando.

Eu vejo que os nossos alunos não têm muita base. Temos que puxar bastante através de vários exemplos. Depois, no dia a dia, eles começam a descobrir outros exemplos e aí eu tenho condições de juntar tudo e montar os conceitos, mas não é fácil.

Com relação aos alunos, há idades diferentes. Há alunos fazendo muitas turmas e muitas vezes, eles já nem sabem em que turma se encontram, ficando totalmente perdidos. Ainda temos o seguinte agravante: eles são desmotivados para estudar. Eu tenho que puxar muito, não é fácil trabalhar com eles.

Para estar com eles, a primeira coisa que eu tenho que fazer é ganhar-lhes a confiança. Na maioria deles eu percebo uma revolta muito grande. Muitos deles chegam na escola achando que vão fazer tudo o que quiserem. Acreditam que podem bagunçar e esculhambar com a aula, e que isso não vai dar em nada. Então, a primeira coisa que eu faço é impor os limites, mas nunca naquela regra do “eu mando e tu obedeces.” Eu sempre começo brincando que do tablado para baixo tem democracia. Digo a eles que podem

participar junto, mas quando é hora de levar a sério sobre a matéria, aí é diferente. “Vocês têm que participar, eu vou ajudar vocês, mas tem que levar a coisa a sério”, mas sem aquela coisa formal. Com essas atitudes e com esses alunos, eu consigo dar aula.

Tu tens que ganhar a confiança deles, tu tens que ser amigo. Alguém que muitas vezes coloque a mão no ombro do aluno, pois tem aqueles que não querem nada com nada e à parte, temos que dar uma conversada ou “um chega pra lá”. É mais ou menos assim que eu vejo a atuação de sala de aula.

No meu ponto de vista, o problema maior que entrava as relações é que temos que trabalhar na escola duas horas corridas. Eu acredito que não rende matéria nenhuma. Chega uma hora em que tanto eles como eu estamos cansados. Sexta-feira eu sempre tinha aula, então, chega uma hora que eu tinha os dois últimos períodos e eu não conseguia mais, pois eles estavam exaustos.

Muitos estão lá porque o pai obrigou. Fazem muitas turmas e chega num ponto em que eles não sabem nem a qual turma pertencem. Para mim, esse é o maior fator negativo. São duas aulas seguidas na semana e só duas, o que me faz revê-los somente dali a uma semana, um fator nada produtivo. Falta mais contato, e aulas de 60 minutos não são nada proveitosas. Nós atingimos os primeiros momentos de cada hora, no máximo uns 40 minutos e aqueles 20 minutos finais não são produtivos. Outro fator é a quantidade de alunos matriculados em matemática. Eu tenho muitos alunos dentro da sala. Eu não sei, mas acredito que seja porque eles conseguem fazer diversas matérias encaixando horários. Talvez também seja porque Matemática, Português, Química e Física são disciplinas que eles vêm com um maior número de reprovações de outras escolas.

Com relação à média cinco, eu gostaria de ter uma liberdade maior porque a maioria dos nossos colegas coloca 60 pontos para as provas e 40 para os trabalhos. Até pode ser, porque a média é muito relativa, conforme o que eu for cobrar, eu posso ter uma média sete e todo mundo passar tranqüilamente. O nosso cinco pode ser tranqüilamente o sete ou oito de outra escola. Mas poderia ser um pouco mais, poderia ser seis, que é o mínimo dos mínimos.

É preciso tirar essa fama de que eu vou para o Esfera-1 e lá vou fazer o que quiser. Até “cair a ficha” que não, que tem uma parte disciplinar, dá trabalho. Eu comecei trabalhando com o terceiro ano e muitos vieram dizer que entraram aqui pensando nisso. Já haviam passado por diversas escolas na cidade e aí eles chegaram aqui achando que podiam tudo.

Há um lado interessante na escola. Se nós solicitamos a um aluno sair da sala devido a uma postura inadequada, temos um respaldo. Isso eu acho um fator positivo. Caso eu tenha tirado um aluno de sala, eu não quero que ele volte naquela hora, e isso acontece na escola Esfera-1, sem nenhum problema.

Muitas vezes, nas duas aulas seguidas, a quantidade de alunos e o espaço físico não propiciam ao aluno ter vontade de estudar. Isso não é nada proveitoso. Se eu entro numa sala de aula lotada, como é que eu vou circular e sentar ao lado deles nas suas dificuldades? Outra coisa que atrapalha são os ventiladores barulhentos, aliados às turmas enormes na minha disciplina. Os alunos sentam um ao lado do outro, propiciando a conversa e a desatenção. Fica muito complicado, pois não há tranquilidade.

É bom para os alunos mudarem de sala em cada disciplina, pois dependendo das turmas, há pouquíssimos alunos. Eu prefiro que eles se dirijam para aonde nós estamos, porque eu posso montar alguma atividade e fazer algo para receber os alunos.

Eles têm que ter responsabilidade, mas deve haver a cobrança de todos os colegas. Se um professor deixa um “oba oba” e os outros cobram, infelizmente fica o bonzinho e o mauzinho.

A maneira como sou, influencia a sala de aula. Eu brinco com eles, mas deixo claro que nunca podemos baixar o nível e desrespeitar os colegas. Eu não vejo episódios de desrespeito com os professores na escola, mas em relação aos colegas, eu não consigo admitir. Eu passo as regras para eles no início do semestre e digo que não estou acostumada a palavrões. Eu não quero escutar dentro da sala de aula palavrões e vulgaridades.

Já aconteceram episódios na escola em que eu estava em uma determinada turma, tentando atingir alunos que não estavam se importando com nada. Eu conversava com eles e era aquela relutância, não conseguia atingi-los. Eu tentava conversar e argumentar de tudo quanto é forma, e nada. Conversando com outros colegas, então, eles me diziam que não era por aí. Que eu tinha que dar uma chamada firme, mas mostrar o outro lado que eu não sei se é o afetivo, porque eu tenho muito medo que eles extrapolem nesse sentido. Eu sinto que, de repente, tu estás sendo afetivo de um jeito e eles interpretem de outro. É esse o meu medo.

Conversando com os colegas - que eu acho que lá tem parceria porque quando eu entrei, não tinha - eu acabo me divertindo muito e aprendendo com eles. Vejo que é super tranquilo o ambiente e há troca de experiências de um com outro. Os colegas se ajudam quando há problemas em uma turma. Às vezes, eu penso que é pessoal e que há gente que não quer nada com nada e ainda, que eles são assim comigo. Aí, conversando com os colegas, eu fico mais tranquila porque há determinados alunos que são assim com todos.

Quanto às regras, elas precisam existir. Eu gosto das regras, pois tem que haver limites. Se eu mandar um aluno para fora, não será por qualquer coisa. Muitas vezes, eu até podia já ter mandado antes, mas acabo pensando umas vinte vezes. Há muitos alunos na escola que adoram te provocar, testar teus limites e nesse sentido, eu acho que tenho um limite bem amplo. Quando eu mandar para fora, aí não tem volta, já extrapolou tudo o que tinha para extrapolar nesse sentido. O que não dá são escolas em que tu mandas o aluno para fora porque esgotaram as tuas possibilidades de diálogo e ele volta com aquele sorrisinho irônico: “eu te falei que eu voltaria”. Na escola Esfera-1, eu sinto que não tem isso.

Nós estamos lá não apenas para ministrar uma disciplina, mas para tentar passar aquela moral que tivemos, que nossos pais ensinaram, passar respeito e limites com os colegas. Muitos não têm limites e nós precisamos atingi-los. Eu digo para eles que, às vezes, eu tenho a vontade de abrir a cabeça deles e “socar” certas coisas. Eles dizem que não dá, e eu respondo que se desse, já teria feito.

O bom humor é uma das características no professor para proporcionar avanços na aprendizagem. A teoria nem se cogita, pois tem que ter o conteúdo. Se tu não tens conteúdo, humor e o jogo de cintura, não vamos adiante. O aluno dessa escola quer isso. A maioria deles eu vejo que estão meio abandonados da família, que estão buscando alguma coisa, pois já tiveram vários abandonos. O que eles esperam, além de vencer mais uma etapa, é serem puxados do fundo de si mesmos e ver o conteúdo como algo agradável. Eu quero que eles gostem da minha disciplina. Os chavões da minha disciplina estão caindo e já têm muita coisa que está mudando. Eu não quero é que eles não fiquem com aquela coisa: “Ai, que saco que eu tenho aula dessa disciplina hoje!”. Eu quero que eles digam “que bom que tem essa disciplina hoje!”, que eles tenham o prazer de estar na aula, como eu também tenho o prazer de estar lá.

Com alegria, bom humor e o entrosamento, eles vão passando coisas para mim e eu vou passando coisas para ele. Nós aprendemos muito com eles, mas há situações em que explicamos uma determinada matéria uma, duas, três vezes, e temos alunos que nós não conseguimos atingir. Penso que houve um bloqueio, mas uma palavra de um colega pode virar o jogo e isso já aconteceu em minhas aulas. A gente está sempre aprendendo e, principalmente, estamos sempre aprendendo a lidar com adolescentes. Até que ponto são saudáveis suas atitudes numa sala de aula? Então onde ele pode contribuir e onde não?

A aula que ministro no Esfera-1 não é igual às outras escolas em que leciono, pois cada uma tem uma particularidade. Nós estamos trabalhando com aquele aluno que às vezes

é revoltado com as situações em que, onde ele estava, foi chutado. Muitas vezes, eu deixo o conteúdo mais superficial no início para conseguir atingi-los, senão, acabam ficando desmotivados. Ele não tem aquela bagagem, porque muitas vezes pularam de vários locais até chegarem à nossa escola agora.

Eu vejo que eu tenho que me preparar muito mais, não em relação ao conteúdo, mas na maneira de agir com eles, que é um pouco diferente. Eu não sou daquelas pessoas mais calmas do mundo, como muitos colegas que transmitem uma calma fantástica. Eu tenho que me preparar, me concentrar e tentar passar essa calma para eles. Eu não sou calma e isso é desafiante. Com o tempo, eu vou me inteirando, vou me soltando mais. Como é muita gente dentro de sala de aula, tenho que ter um controle muito maior do grupo e de mim, então, é nisso que eu tenho que me preparar. A maioria deles não estuda em casa. Se fossem cinco aulas com quarenta e cinco minutos, como na minha outra escola, passaria rápido. Não seria tão cansativo para eles, e eu talvez conseguisse atingi-los melhor. Se hoje eu não ganhar os alunos na aula, na próxima aula, certamente, eu não conseguirei. Não é fácil, mas assim mesmo, eu me divirto.

Entrevista com o professor P9

As relações interpessoais são imprescindíveis para que o trabalho tenha um sentido. Se nós, professores, não conseguirmos estabelecer uma base de interlocução com os alunos, nosso trabalho perde o sentido. A interlocução é uma relação que proporciona um diálogo entre pessoas que estão abertas a compreender o ponto de vista umas das outras. Ela é fundamental, pois a partir disso eu consigo estabelecer o sentido do ato pedagógico.

Muitas vezes, a escola fica sem sentido para os alunos porque ela é muito fria. O professor chega e encontra toda uma estrutura pronta, pois os conteúdos já estão designados a priori. Cabe-lhe o papel de receptáculo dessa estrutura, simplesmente passando por essa condição e verificando se o aluno aprendeu ou não.

Eu estou na escola com uma carga horária pré-determinada e, ao mesmo tempo, eu tenho que compreender o espaço onde eu estou me inserindo e em que sentido o que faço faz sentido para o aluno. Essa é uma preocupação muito grande que eu tenho sobre a sala de aula. Em que medida o aluno está ali numa posição que seu corpo está sendo constrangido a ficar naquele espaço horas e horas, com uma série de regras para se adequar, mas que são importantes para que ele possa viver em sociedade.

Como eu posso, diante desse cenário que é formal, estabelecer uma relação que nós consigamos ao final dizer que valeu a pena. Dizer ainda, que a nossa caminhada de sala de aula engrandeceu o aluno em algum sentido, trazendo-lhe coisas novas, auxiliando-o a compreender uma notícia de TV, a conversar com um amigo ou passar a entender sobre um assunto que antes não compreendia. No momento em que a aprendizagem faz sentido, a escola deixa de ser chata, deixa de ser maçante e passa a ser um espaço, um momento de criação. O aluno está ali buscando isso, mas é claro que isso é uma postura ideal.

Numa relação, temos que considerar o posicionamento do outro, mas fazer com que ele compreenda que o outro também tem um posicionamento. Não é simplesmente dizer que a partir de agora tudo o que o aluno disser eu vou fazer em aula. Não! Eu seria irresponsável se agisse assim. Uma relação se estabelece no momento em que ambas as partes se expõem.

Uma coisa que mais me irrita não é o aluno que conversa na aula, é o aluno que dorme, porque aí não tem relação nenhuma. O aluno que conversa, está tendo alguma relação. Com o que dorme, não há nenhuma. É muito difícil lidar com o aluno que conversa, mas eu prefiro este ao que dorme. A indiferença é o pior sentimento humano que pode haver. É um paradoxo, mas só amamos aquilo que somos capazes de odiar. O que é indiferente nós

nunca amamos, nem odiamos. O aluno que diz que gosta ou não gosta de ti mostra que, de alguma forma, chamamos a sua atenção em alguma coisa.

Por mais que eles estejam bagunçando, eles estão sentados e nós estamos de pé. Quando eu digo a um aluno que agora ele precisa sentar, eu estou constrangendo o aluno. Quando o aluno está conversando com os colegas e não está participando da aula, ele está me constrangendo. Quando ele tenta burlar um trabalho ou uma prova, ele está constrangendo o professor. Eu tenho convicção de que a imagem que o aluno faz de nós depende da disciplina que damos, da postura pessoal, da forma com que colocamos as coisas.

Eu sou um professor em início de carreira, estou nos passos iniciais. Eu gosto muito do que eu faço, vejo muito sentido e muito mais do que uma profissão como uma militância. Eu compreendo o meu papel político no sentido de propor um raciocínio reflexivo sobre a nossa existência, das pessoas se entenderem no mundo e com o mundo. O ensino mais técnico, que ocorreu ao longo do século XX, desprivilegiou o raciocínio humanista e isso fez com que o pouco que sobrou, principalmente na América Latina, fosse captado pela ideologia do poder dominante, com disciplinas como Educação Moral e Cívica e OSPB no lugar da Sociologia. Em tese, é interessante a pessoa compreender leis, estados, mas o que aconteceu é que na maioria das vezes, essas coisas foram utilizadas a serviço do regime. Como as ciências humanas não têm um “objeto” muito ocupado, aquela coisa mais reflexiva que se constrói, isso foi perdendo o espaço em nome de um ensino mais técnico e de resultados. Então, eu entro em sala de aula com essa preocupação, carregando uma ciência mal compreendida e que muitos acham que nem é ciência. Acabo deparando-me com um cenário de escola onde os alunos não estão ali por uma opção, mas pela necessidade gerada por um contexto ruim, que pode ser uma reprovação ou um problema disciplinar que o afastou da sua escola de origem. É como se o aluno estivesse ali para reabilitar-se ou simplesmente concluir o Ensino Médio.

Quando o aluno entra em sala, ele se depara com uma disciplina das ciências humanas que não tem nada a ver com o currículo e com a qual ele não teve nenhuma vivência anterior. Desde que eu iniciei meu trabalho na escola, tenho a preocupação do sentido da minha disciplina. Procuro me colocar na frente dos alunos nessa perspectiva de chamar-lhes a atenção e tentar mostrar a importância de alguns saberes que são desprivilegiados.

Certa vez eu realizei um teste com algumas perguntas como o nome do prefeito, do governador e, no final, nome da filha da Xuxa. Os alunos comentaram que isso não era sério

e eu pedi que fizessem o teste que eu analisaria. Muitos não sabiam o nome do governador, mas todos e sem exceção sabiam o nome da filha da Xuxa. Outro exemplo é o passeio que eles fazem na Redenção aos Domingos; eles não sabiam que lá era o Parque Farroupilha. São coisas que mostram uma determinada inserção num conjunto de valores.

Eu acredito que os alunos não são alienados, mas estão alienados por um contexto. Muitas vezes os próprios pais e as escolas mais tradicionais não apostam nos adolescentes e quando o professor mostra que eles não estão ali somente para cumprir uma etapa, os trazem para a cena novamente com perguntas do tipo: Tu pretendes trabalhar aonde? Tu achas que vais ser autônomo se não estiveres pagando tuas contas? E aí pessoal, como a gente faz para trabalhar? A gente trabalha só no que gosta ou muitas vezes temos que nos constranger para ganhar dinheiro?

A minha preocupação é isso: entrar numa escola onde ela não representa muito para a maioria, que os adolescentes não têm uma vivência do pensamento e da forma de raciocínio que eu estou propondo. Há muitas vezes uma pré-disposição negativa, mas invariavelmente eu consigo trazer algumas coisas à tona e acaba se tornando uma aula agradável.

Na minha pouca experiência eu ficava apreensivo quando alguns alunos dormiam, pareciam desinteressados, não escreviam nada ou não entravam numa discussão que eu propunha. Eu ficava pensando se era só comigo que acontecia. Entretanto, conversando com outros colegas até mais experientes e das outras disciplinas tradicionais do currículo, pude perceber que isso era praticamente geral e não ficava restrito a minha disciplina. Nas outras disciplinas ele tinha reações parecidas e, em alguns casos, ele só não tinha reações similares porque se sentia constrangido por estar diante de uma disciplina do currículo tradicional, ou seja, Matemática, Português, Química ou Física. Na concepção dos alunos, essas disciplinas reprovam e na minha disciplina alguns diziam: Duvido que eu vá rodar.

Não é o meu objetivo fazê-los reprovar, mas há essa coisa chamada resultado. Nesse ponto eu volto à questão de que a escola não representa muito para os alunos. Naquele momento, o aluno está num processo implícito de socialização que se mostra por meio de olhares trocados, de tentar burlar a lei para se afirmar no grupo, da roupa da marca tal. Nesse processo, o tempo todo joga-se para segundo plano a formação e a aquisição do conhecimento, o fundamento da escola. Não vai haver professor no mundo que mova isso sem uma estrutura que trabalhe para isso. Não vai adiantar eu vir com uma postura freiriana, emancipatória, dialógica, nessas coisas todas em que acredito se, daqui a pouco,

eu entrava em sala uma vez por semana e, num período, eu escutava dos alunos: Professor, o que adianta na tua aula tu dares essa liberdade para nós se nas outras a gente não tem?

Eu cheguei à conclusão de que há alunos que não gostam do tipo de reflexão que eu proponho, não vêem sentido na condução de minha aula. Por outro lado, há pessoas que estão na escola para se livrar do colégio e, portanto, a minha disciplina não tem nada a ver com os seus objetivos. Também percebi que muitos, no momento em que aceitaram o meu convite, passaram a não dormir mais nas aulas. Alunos que conversavam continuaram a conversar, mas sobre o assunto da aula. Eu nunca chamava a atenção por causa disso, porém, se atrapalhavam, eu tentava fazer um debate em que uns ouvissem aos outros, como o que eu fiz sobre o desarmamento. Foi um debate que buscou o pessoal e acabou mostrando para eles o sentido que tinha. Surgiram coisas que poderiam parecer pequenas, mas que são importantes. Se a escola não faz, quem é que faz? Os pais, a televisão. Se a escola não faz esse papel, isso vai ficando em branco e é por isso que há um maior nível de alienação.

Não me basta fazer um trabalho na minha disciplina, pois ela deve ter uma orientação da escola em geral, com os outros colegas, por isso a questão do trabalho em equipe. Por ser uma escola que tem o formato por disciplina e por semestre, acabamos tendo certa dificuldade. Daqui a pouco, o aluno está fazendo vários semestres e o professor não consegue impor a seqüência. Eu estou convencido de que não conseguimos sozinhos ou com um percentual pequeno de professores trabalhar dentro de uma metodologia que realmente os alunos se convençam de que a escola tem aquele determinado método. É inviável. A contextualização é fundamental. Paulo Freire diz que se o educando ou qualquer pessoa vê sentido no que está fazendo, o trabalho passa a ser feito com mais afinco. Se aquilo é uma coisa que desperta a nossa curiosidade, mexe conosco em algum sentido. Tudo isso poderá fazer com que nos dediquemos mais e melhor, removendo a frieza e o fazer por obrigação, uma forma quase alienada de produção. O aluno estuda para uma prova de uma determinada disciplina e, duas ou três semanas depois, ele não sabe mais nada porque o conhecimento não passou por ele. Ele tem ali uma memorização de fatos e na verdade ele não está aprendendo, ele está sendo treinado como um macaquinho de circo.

Os problemas que entravam as relações com os alunos começam com uma pedagogia tradicional, com o professor que chega detendo conhecimento e, cabe ao aluno, aproveitar esse conhecimento se não, como vários professores dizem, isso aqui eu já sei. Essa distância que se coloca entre professor e aluno e que na escola Esfera-1 eu não acho tão grande. Já vivenciei escolas mais tradicionais e conteudistas cujo professor é uma coisa e aluno é outra. Um dos grandes entraves é que nós vivemos um momento social em que os

valores preponderantes são o individualismo, a concorrência. Nós somos obrigados a estar sempre competindo e a estar sempre tentando sermos os melhores para buscar o próprio espaço e poder entrar nessa loucura que é a vida hoje.

Estamos vivendo um momento de transformação de paradigmas, um momento em que a família já não é mais como era antes, onde o mercado de trabalho já não é mais o mesmo. Estudar era bom para entrar no mercado de trabalho. E atualmente, em que mercado de trabalho o aluno está entrando hoje? Nós estamos formando o aluno para onde atuar e para quê? Invariavelmente, nós estamos formando o aluno para uma palavrinha chamada vestibular. O aluno, com 16, 17 anos, está tendo que tomar decisões muito cedo, é uma pressão muito grande.

Quando a gente fala da relação entre o aluno e o professor, temos que ver que o aluno tem um grau de exigência muito grande. Ele está absorvendo todo esse contexto ao ver o professor com um salário baixo, tendo que lecionar em muitas escolas ao mesmo tempo.

O ato de educar vai muito da postura do professor, das suas vivências, da clareza da sua linha pedagógica, daquilo que ele acredita e para o qual foi preparado. Ele pode ter vinte anos de magistério e sua aula passar em branco na vida dos alunos, mas claro que a experiência conta. Eu sou professor em início de carreira e daqui a cinco anos, eu poderei ter uma visão diferente.

A única profissão no mundo em que já saímos com milhares de horas de experiência é a de professor, pois já fomos aluno. No mínimo, passamos onze anos em sala de aula. Se nas nossas vivências tivemos professores que marcaram em algum sentido, vamos lembrar e isso é algo que vai estar em algum lugar na nossa cabeça quando formos professores. Vamos lembrar de situações, de posturas e até de frases que alguns disseram.

Eu tenho a sensação de que a maneira com que fui criado influencia a maneira como dou aulas. A questão da responsabilidade no que eu estou fazendo, em tentar fazer o melhor que posso naquilo que escolhi, é algo que sempre escutei em casa. Se eu tivesse optado por outra profissão, certamente levaria isso.

Na nossa profissão estamos sempre em contato com pessoas, às vezes, temos na nossa frente umas trinta pessoas e nós estamos ali propondo algo, enfrentando em alguns momentos um ambiente hostil, exatamente porque a escola não tem sentido, porque nós não temos sentido e eu me questiono muito sobre isso. Eu planejava algumas aulas e na hora acabava mudando porque aquilo ali não estava batendo, fazia sentido para mim, mas não para o meu aluno.

Eu não tenho nada contra a aula expositiva, acho que tu podes dar uma belíssima aula expositiva. Veja bem, uma aula expositiva pode ser algumas pessoas reunidas onde uma pessoa fala e conduz o assunto sem ser algo maçante e sem tolher a liberdade dos demais. Eu estou me colocando numa posição que eu tenho que assumir meu papel, porque muitas vezes tem o “pseudoconstrutivismo” que fala de coisas que daqui a pouco o aluno pode tudo, e isso é uma falácia. Ninguém pode tudo em nenhum lugar. Muitos alunos têm a idéia de que podem tudo. Não existe vida social sem regras, agora, as regras precisam atender ao viver bem. Por outro lado, muitas vezes nós vemos regras, estatutos, códigos, que coagem a maioria das pessoas, e isso está errado. Se uma regra não faz sentido, ela só será cumprida por medo do castigo, da repressão. O aluno não vai conversar em aula porque irá receber uma advertência e a cada três advertências, será suspenso. A passagem dessa consciência não sou eu que vou fazer, mas é um processo de vida, da trajetória estudantil do aluno. Eu sou um mediador pontual, mas não tenho esse poder. A educação moral nunca vai fazer uma revolução social, mas sem a educação, não existe revolução. Eu proponho subsídios, mas se o cara não estiver aberto, não adianta eu me rasgar na sala de aula. Como educadores, temos que tentar encontrar os meios. Temos que estudar, mas estudar traz coisas maravilhosas que muitas vezes não conseguimos pôr em prática, muitas vezes é um problema de formação dos nossos professores. As faculdades de educação, invariavelmente, não trabalham com pesquisa. Pesquisa e docência parecem dois campos que não se comunicam, e isso é um absurdo, isso é lamentável. O educador é um pesquisador por excelência, isso é a pedagogia da autonomia. O professor está em campo sempre para a pesquisa.

No nosso planejamento, o inesperado deve constar. E isso não é só para as ciências humanas, nas ciências exatas deve haver também. De pouco adianta poucos professores terem uma pedagogia aberta ao diálogo, que rompa com essa pedagogia tradicional, se os demais continuam nesse sistema.

O aluno espera que venhamos com uma postura tradicional de professor, que ele seja constrangido com o nosso poder de professor, afinal, temos o poder da caneta. Eu procuro tentar tirar alguns mitos como, por exemplo, que a escola não serve para nada. Eu digo a eles que até a pouco tempo atrás, eu estava onde eles estão. Digo a eles que eu saio, às vezes, da sala de aula como professor e entro na universidade como aluno. No momento em que desmistificamos esses rótulos, vamos trazendo o sujeito de novo para a cena.

Eu ensino muito do que eu sou, mas é evidente que terei atitudes diferentes e adequadas em cada ambiente, caso contrário, eu não teria limites. Não é em todo o lugar que eu poderei fazer o que quero. As escolhas que fazemos não são naturais, são socialmente

construídas a partir dos valores que temos. Natural é a água evaporar e depois chover. É preciso mostrar aos alunos que esse sistema social, apesar de nos influenciar e muito, ele não nos determina, porque nós podemos nos mover dentro dele e no momento em que nós podemos, nós não “somos”, nós “estamos”. Portanto, se ele reprovou, se ele teve fracasso escolar, se ele já foi drogado, se já lhe aconteceram as piores coisas, tudo no outro dia pode ser mudado a partir da atuação dele e, principalmente, da atuação dele em conjunto.

Nós vivemos num país paternalista e elitista. A educação é para os doutores. Ultimamente, houve uma massificação da escola. Hoje se tem uma exigência fantástica por conhecimento, por preparo, por experiência, ao mesmo tempo em que há um aumento da miséria e das dificuldades. A sociedade te exige algo que muitas vezes ela não te proporciona.

Nós estamos vivendo um momento de transição, de algo que não é mais para algo que a gente não sabe o que é. E isso é uma coisa que os adolescentes recebem em cheio. Estamos vivendo em um momento de transição. Daqui a 200 anos, quem sabe, se determine nossa época com alguma palavra que nós não a encontramos ainda e não temos esse conceito até porque estamos vivendo isso. É algo que está presente de forma micro sistêmica na escola e que acaba absorvendo todas essas tensões que estão aí fora, indo desde a segurança, a localização e a uma série de coisas que compõem aquelas pessoas, que estão ali, naquele ambiente.

Nós temos que nos preparar e estudar muito para sermos professor. É algo contínuo, pois se não estudamos, não podemos dar aula. O exercício de auto-reflexão da nossa profissão é indispensável. A verdadeira aprendizagem se dá pela via reflexiva. É estar pensando e repensando as causas, estabelecendo relações entre as coisas que podem aparentemente não ter nenhuma relação. Ela te leva muitas vezes à abstração, talvez, por isso, alguns se confundem. O professor tem que ser um ser que está aberto ao diálogo, à crítica e, eu acho, que tem que ser uma pessoa que goste de gente e no mínimo, se sentir bem com pessoas e entre pessoas.

Eu acho que nós podemos reproduzir a forma autoritária que fomos educados. Seria hipócrita se não dissesse isso porque é a forma mais simples, mais eficaz e os alunos estão esperando que nós façamos isso. Quando eu comecei a trabalhar no Esfera-1, eu estava muito desencantado. Minha mãe comentava que o dia que eu ia para a escola ficava estampado na minha cara. Eu não tinha dúvidas de que ia voltar no outro dia, que ia tentar, mas de alguma forma, me sentia pequeno diante do desafio. Tenho a sorte de ler muitas coisas que me ajudam, que parecem escritas para mim. Paulo Freire diz que, se nós temos

essa postura emancipatória, dialógica, não podemos esperar grandes recompensas e grandes reconhecimentos, porque nós vamos estar remando contra a maré. O aluno que estamos querendo transformar num sujeito crítico num processo de emancipação pode não estar aberto a isso e, muitas vezes, não é por culpa nossa ou dele, é devido a uma trajetória em que ambos estão inseridos. O meu trabalho não colhe frutos imediatos, ele é de médio e longo prazos.

Eu acho que a escola Esfera-1 tem uma preocupação com a orientação educacional não só na sala de aula, porque percebo o apoio pedagógico que vem dos demais setores. As questões que surgiam em sala de aula tinham um andamento, um controle, um contato com os pais. Eu acredito que a escola tem essa preocupação, pois é ciente do público que atinge.

Eu não gosto da palavra tolerância porque quem tolera alguém já se coloca numa posição superior. Se em uma relação nos colocamos no mesmo patamar, não toleramos ou deixamos de tolerar alguém. Um professor não tem que estar no mesmo patamar que o aluno, porque ele precisa se diferenciar do amigo do aluno, mas não algo que separe, uma diferença que não seja desigual. Eu não consigo saber ainda qual é o ponto, preciso pensar mais a esse respeito.

Eu sou contra a advertência, pois é um sistema absolutamente inibidor que pode gerar entrave entre aluno e professor e, ao mesmo tempo, compreendo que tem que haver mecanismos que causem algum constrangimento. Deveria sim haver mais espaços para que a Direção da escola, que tem aquela legitimidade de ocupar cargos estratégicos, tivesse mais reuniões com os alunos. O aluno não é um alienado, ele sabe o que está fazendo, ele sabe que aquilo que fez vai ter conseqüências. Eu acho satisfatório o sistema de regras, apesar de nunca ter utilizado uma advertência, mas já solicitei acompanhamento para alunos no setor de orientação.

Para alunos de Ensino Médio tem que haver regras. Até porque se ele for trabalhar numa empresa, terá horários e regras. A escola não pode também criar um ambiente que não exista na sociedade, mas é preciso ter cuidado para não reproduzir alguns vícios, o que é complexo e demanda muito estudo. Sinto-me dotado de um certo poder institucional, que posso distribuir advertência, tomar certas atitudes, mas eu me questiono até que ponto isso beneficia verdadeiramente minha função de professor. Eu acho que está certo a escola fazer com que os alunos tenham horários. Nesse ponto eu acho correto, caso contrário, pode tudo, e num lugar em que pode tudo, não se faz nada. Como vamos preparar um aluno para a vida e para a sociedade se não se estabelecem regras? Mas é claro que isso

não pode engessar. Esse meio é delicado, pois até que ponto nós temos que ser autoridade sem ser autoritário? Muitas vezes, os alunos vêm para a escola numa perspectiva de oposição, de confronto e não de solidariedade, de troca. Também, muitas vezes, um aluno esgota a nossa capacidade de diálogo e, ao mesmo tempo, temos que mantê-lo, quando há um compromisso com os demais.

Sempre se pode pensar em mecanismos que estreitem mais os laços entre aluno e professor, tais como eventos sociais que envolvam os alunos e possam contribuir para isso, algo que falta na nossa escola. Muitos verbalizam que querem se formar na escola de origem; outros, que eu não devo me estressar muito, pois estou com alunos do Esfera-1, como se deles não se esperasse muita coisa. O que sei é que muitos têm oportunidade para voltar para a sua escola de origem e não voltam. Por que será?

Entrevista com o professor P10

A sala de aula é apenas um aspecto da educação que envolve as relações interpessoais na comunidade escolar. A problemática na educação inicia quando os alunos vêm de casa “não bem educados” para a escola. A educação começa desde o bom dia para o porteiro ao bom dia para o professor que, muitas vezes, ele não cumprimenta nem responde, o que é uma lástima.

Na nossa escola, eu gostaria que o trabalho docente fosse diferente do que é. Durante o semestre que passou, não houve nenhuma reunião de área por disciplina para que pudéssemos compartilhar experiências. Isso é fundamental na relação interpessoal docente. Nós temos nessa escola uma “educação especial” para alunos com histórico de repetência, mas é necessário discutir com os colegas como trabalhar, por exemplo, a questão do conteúdo. Na prática, as relações interpessoais docentes se resumem ao “bom dia”, as brincadeiras, a um pequeno contato na sala dos professores, mas um momento efetivo de troca de experiências, de algo mais concreto para o trabalho com os alunos, que não ocorre.

Eu falo hipoteticamente do que gostaria. O trabalho interdisciplinar, um termo muito bonito e moderno, acaba não sendo feito, pois funciona muito pouco na prática. Não adianta fazer um trabalho que pode ser muito bom com a Física se eu não consigo trabalhar a questão do Português com os próprios professores da disciplina. Inclusive, podemos perceber esse fato no próprio material. Se nós tivéssemos uma verdadeira relação, nós poderíamos elaborar um material em conjunto que fosse direcionado às problemáticas que vivenciamos. Dessa forma, sou levado a levantar a questão: Como ajudar um aluno repetente a gostar um pouquinho mais de Português, de Matemática, de Física? Em termos de relações interpessoais docentes, a realidade em que se vive é bem distante do sonho, pois tudo passa pela questão econômica.

A relação interpessoal entre professor e aluno é ainda mais problemática. Hoje, nós estamos fazendo o papel de pai, de mãe, de irmão, de tio, de avó e, infelizmente, não se tem essa preparação. Um simples bom dia, muito obrigado, com licença ou por favor é algo que se afastou do vocabulário dos alunos. Muitas vezes, nós temos que ser “grosseiros” e parecer mal educados para poder nos colocar no nível do aluno e dar uma sacudida. O aluno leva um choque quando percebe esse comportamento, pois percebe que está fazendo algo errado. No meu caso, não basta ensinar Português, tenho que ensinar boas maneiras, etiqueta, tenho que ensinar o cara a pedir licença quando entra e a pedir para ir ao

banheiro. Não que ele não possa, mas se nós não o fizermos, ele sai trinta vezes durante a aula porque não quer ficar ali.

Essa relação tem que ser a mais equilibrada possível, e esse equilíbrio é o verdadeiro caminho da educação, mas isso é complicado. Naquele espaço de tempo que temos com o aluno, percebemos que a nossa função não é só lecionar a disciplina para a qual estudamos. É uma dupla jornada para a qual muitas vezes não fomos preparados, porém, muitos esperam que sim.

Quando alguém vem conversar sobre problemas pessoais, não é que eu não dê atenção, mas sempre sugiro ir à Orientação, porque ela estudou para isso e eu para dar aula de Português. Para evitar que haja a confusão dos papéis, procuro trabalhar muito em cima disso. Professor é professor, pai é pai e o aluno é aluno. Às vezes, o aluno pode ver no professor um pai, então, procuro desviar isso porque o papel já é confuso devido a algumas famílias não estarem fazendo os seus papéis.

Quando entro inicialmente em uma turma o que eu sinto é “nada”, porque não sei o que eu vou esperar por isso, então, procuro fazer sempre um trabalho especial de primeiro dia. Na minha opinião, eu tenho que chegar com algo que mostre uma bandeira branca, portanto, busco temas de interesse deles e trago num primeiro momento a atenção para mim.

Não existe relação nenhuma que não haja interesse mútuo ou o mínimo que seja. Eu acho que eles estão me vendo primeiramente como um inimigo, alguém que vai castrar, que vai dizer que não pode, que vai fazê-los ficarem sentados. Desde o início, procuro traçar alguns limites que têm que haver já no primeiro dia de aula. Certos comportamentos já são percebidos de saída como o aluno engraçadinho, o que vai ficar calado, o interessado, o que vai conversar o tempo todo, então, cada professor tem que criar os seus métodos para chamar para si a atenção do aluno.

O processo da aprendizagem só se dá se despertar o interesse e se ambos quiserem. Eu posso ser o Luft reencarnado, um professor de Português que era brilhante, mas se o aluno não quiser, não vai adiantar nada. O professor precisa ter o interesse de ensinar e o aluno, o mínimo interesse em aprender.

Eu sou um pouco contra a intimidade exagerada, talvez por me considerar um pouco antigo. Eu vejo colegas dando beijo nos alunos e isso eu acho exagerado e então, procuro evitar. Nada contra a simpatia, mas eu não gosto porque receio que os papéis se confundam.

Ao longo do tempo que estou com eles eu os trato bem com o meu “bom dia” e até brinco com eles que ficarei com saudades. Às vezes, por menos que eles acreditem, até se

fica, pois quando se faz um trabalho interessante, uma aula que renda, temos vontade de “quero mais”. Talvez eles não tenham essa sensação porque a fase em que vivem mostra que tudo é fugaz, tudo é fácil, tudo é muito rápido.

Como temos que gerar o nosso sustento, sabemos que, se não estivermos a fim de agüentar um chefe, nós vamos para a rua, então, temos que fazer muitas vezes uma cara simpática. Já o aluno não precisa disso porque na retaguarda há alguém que o está mantendo e que, independente do padrão de comportamento que ele tenha na sala de aula, ele irá receber as mesmas coisas. É uma concorrência desleal entre o professor e aluno. Nós temos que gerar renda, manter uma família e fazer de conta que não escutamos muitas coisas, mas o aluno pode fazer o que quer.

A postura que eu procuro manter é justamente preservar o meu papel e a minha identidade. Eu não gosto de falar da minha vida pessoal na escola, porque lá eu sou o professor. Se eu jogo futebol, jogo vôlei, fumo ou bebo não importa. Claro que talvez uma teoria moderna de educação diga que tenhamos que ser amigo dos alunos. Eu não acredito numa amizade que eu não escolhi, pois na verdade eu não escolho os meus alunos. Eles não poderão ser iguais a uma amizade que eu escolho. Essa confusão dos papéis é pior para os alunos. Eu acho que tenho que ser o professor, conservar a minha identidade e trabalhar a questão de sala de aula sem uma intimidade exagerada, que só prejudica nesse caminho.

É abominável, por exemplo, quando o envolvimento entre professor e aluno no campo emocional e sentimental é exagerado e transcende o profissional, pois o nosso papel é outro para o adolescente. Tanto é que no momento em que nós lhe fizermos um favor, ele vai achar que é obrigação. Quando arredondarmos uma nota uma vez, ele vai achar que temos a obrigação de arredondar sempre, pois o pai dá o dinheiro para sair, mesmo que a nota dele esteja ruim. O aluno adolescente quer sair, quer ter dinheiro, quer comprar o tênis Nike da moda. Em geral, ele ganha tudo, mesmo que as notas não estejam muito boas; mas a vida não é assim. Para comprar um carro novo, se nós não nos “escabelarmos” para dar não sei quantas horas de aulas, não vamos comprar. Eu gosto da educação profissionalizante porque ela dá um pouco mais de realidade a esse respeito.

As relações não podem transcender o ambiente de sala de aula no sentido profissional. Com os colegas, em princípio, é profissional, mas à medida em que exista uma afinidade, nós poderemos nos tornar amigos. Primeiramente, eu não escolhi o grupo de alunos e tenho que ser profissional, ter uma distância positiva sem me colocar num pedestal. Em termos ideais, por exemplo, existe uma certa obediência do professor para com o diretor porque, em geral, ele é uma pessoa mais bem preparada, então, ele vai te ajudar na

construção do teu caminho. Levando para o professor, penso que ele deve estar ao lado do aluno para construir o seu caminho. O chefe hierárquico poderá ser um ditador ou a pessoa que está ao nosso lado para construir. Muita gente critica essa questão que tem que haver uma amizade para desenvolvermos nossas relações e a aprendizagem. Essa é uma coisa que eu gostaria de discutir no nosso grupo, é uma pena que talvez não tenhamos fórum para isso.

Existe o professor por vocação e aquele que não sabia mais o que ia fazer ou que era de uma inteligência medíocre e achou que deveria fazer o vestibular mais fácil, que são as “licenciaturas”. Dessa forma, percebemos que qualquer um se forma professor. Existe também o preconceito que é muito grande, o estigma da pobreza, do sofrimento, do cara medíocre e ainda mais no ensino médio. Se nós gostamos de trabalhar com adolescentes, nosso professor de universidade vai nos olhar de cima para baixo, por não termos sido competentes para estar lá, porém, nem todos podem estar na universidade.

Hoje, mestrado há aos quilos, todos querem fazer mestrado para dar aula na universidade, mas não há classes suficientes para todos os professores. E nós nunca vamos construir um país decente com uma universidade maravilhosa. Nós vamos construir um país decente com um ensino maravilhoso no fundamental e médio. Com isso, muitas profissões não precisariam da universidade. A universidade é necessária, pois nós somos um país pobre. Se nós tivéssemos um ensino fundamental e médio que incentivasse o empreendedorismo, a questão do trabalho, os valores do trabalho, não precisaríamos da universidade. Na verdade, elas estão dando vagas, te buscando muitas vezes em casa.

A hierarquia não existe por acaso. O empresário que não está constantemente cuidando do seu negócio e não estabelece limites para sua equipe de trabalho vai à falência. No momento que tu és pai e mãe e não estabelece os limites dentro da tua casa, estás quebrando uma coisa que poderia ser muito boa. Eu sou professor de português, mas aprendi a conjugar verbos com meus pais. No momento que eu falava um verbo errado, minha mãe e meu pai me corrigiam porque eram pessoas instruídas. A instrução pode passar por um processo dinâmico e não necessariamente na sala de aula. Transportando para a escola, no momento em que ela não estabelecer o que se pode e o que não se pode fazer, nós não teremos como ter um processo educacional regrado e real. Não há parâmetros. Se dissermos para um aluno adolescente que ele pode vir para a sala de aula quando quiser, que a presença não é obrigatória, teremos um ou dois alunos na sala. Nessa fase, não parece importante o ensino. Ele faz vestibular e entra para um curso que não tem nada a ver com ele. Aí acontece aquele insight que infelizmente, com 13 ou 14 anos não ocorre. O aluno

passa a se dar conta de que tem que gerar o seu sustento. Nesse momento, vai acontecer o processo que nós, professores, plantamos.

Acredito que dentro da escola deve haver hierarquia no aspecto educacional em si, pois ela é a reprodução da vida real. Outro aspecto é a questão da legislação, porque a escola precisa se prevenir. Muitos alunos extrapolam e nesse sentido, eu penso a escola como um “ente” que, para o resultado ser positivo ou não, vai depender de todo um processo de formação.

A orientação escolar é, para mim, a matéria mais importante do currículo. Embora eu não seja psicólogo, o aluno que tem histórico de repetência sofreu rompimentos consigo mesmo. Quando ele está te ofendendo ou está sendo mal educado na tua aula, na verdade, muitas vezes, ele não está sendo contigo. Houve um rompimento dele com ele mesmo. Ele se abandonou e quando há esse processo de abandono, ele se reflete em todas as outras áreas. Esse processo só não se reflete nos seus iguais porque nós somos aparentemente melhores do que ele, por estarmos numa situação hierárquica superior. No momento em que ele está com seus iguais, os que usam drogas ou rodaram, não há essa competição.

Esse abandono se deu com ele em primeiro lugar, e ele precisa lidar com isso. A família não consegue, muitas vezes, lidar com a frustração. O pai e a mãe precisam ser muito equilibrados para poderem suportar a frustração do filho ter rodado, de ser desinteressado ou não ter muita maturidade. Devem ver que o filho se abandonou e orientá-lo a fazer as pazes consigo mesmo. Eu acredito que quem perdoa esquece e neste momento, o pai diz para o filho: “Olha, tu rodaste, mas eu vou te colocar num colégio onde tu possas recuperar o que perdeste. Eu vou te perdoar por esse erro, mas a partir de agora, tu tens que fazer a tua parte.” Errar é humano, mas insistir no erro é burrice”. Infelizmente, muitos pais dizem que o filho é burro porque rodou, mas isso é um processo de educação que precisa ser trabalhado com os pais.

As regras da escola ajudam o aluno a se manter mais no norte. A escola é a reprodução da vida fora dela. Numa empresa, se não nos comportarmos bem, poderemos receber uma advertência. Talvez não por escrito, mas ela acontece quando teu chefe diz que “assim não dá”. A sociedade possui regras e códigos que regulamentam as convivências, e se na escola não estabelecermos regras, fica difícil o convívio.

As regras da nossa escola não me dão condições de ir adiante com o aluno, mas de ir adiante com a turma. São coisas diferentes. Quando nós falamos em turma, falamos no coletivo, então, se um aluno extrapola, muito mais do que atrapalhar a minha aula, ele está

prejudicando a turma. Isso me dá condições para que este aluno possa ser afastado sem prejudicar a turma. Individualmente, a questão disciplinar deverá ser reforçada para que ele possa voltar tranqüilamente ao convívio dos demais. Se isso não acontecesse, seria complicado.

Pela minha postura de professor, num semestre eu dei quatro advertências, cinco no máximo, pois eu procuro resolver o problema em sala de aula até com uma paciência exagerada. No momento em que a advertência é uma coisa que ocorre frequentemente, cai no descrédito. A vida toda mostra que há limites. O aluno lembra mais do professor que foi mais rígido porque estabeleceu mais limites. Se extrapolarmos os limites, vamos receber a punição; a autonomia é saber que existem limites.

Com relação à média cinco eu sou contra. Na verdade, eu sou contra a uma média muito baixa. Teoricamente, o aluno teria alcançado apenas 50% de aprendizado, portanto, eu acredito que o mínimo seria seis. A média sete no meu ponto de vista é a ideal. Também sou completamente contra a aprovação em conselho escolar. O próprio professor tem que ter autonomia para decidir se ele pode ou não ser aprovado, se tem condições de ir adiante. O professor poderia fazer mais uma prova para “teoricamente” fazer um resgate, levando o aluno a ser aprovado. É mais digno e mais honroso fazer mais uma prova do que ser aprovado em conselho. Essa questão que se estabeleceu modernamente está piorando o nosso trabalho, colaborando para que ele diga de forma natural que vai para conselho. Nesse caso, alguns alunos me dizem: Professor me apóia no conselho? Eu respondo: de maneira nenhuma! Eu brinco dizendo que não contem com meu apoio, que é para eles não terem a ilusão do benefício da aprovação. Eu acho isso erradíssimo. Se eu achar que o aluno tem condições, então, aprovo antes; é o que eu faço.

Para resgatar os alunos com episódios de reprovação é necessário, primeiramente, ter uma postura profissional que começa desde o banho, pois temos que estar limpos, apresentáveis e com uma roupa decente. O aluno está chegando para um momento de aprendizado, que passa pelo exemplo. O professor deve ser assíduo, entrar e sair na hora estipulada pela escola. Mesmo que não haja nenhum aluno, ele precisa sempre estar à disposição na sala de aula. Também há a questão da postura, em termos de trabalho, manter a distância entre o professor e o aluno, sempre evitando uma intimidade exagerada e mostrando que estamos ali para auxiliá-lo. Nessa caminhada, é importante sempre tentar despertar o interesse dele para a tua disciplina em questões práticas, como o plural numa entrevista de emprego, por exemplo. Não precisa ser um português perfeito, mas o suficiente

para demonstrar o mínimo de conhecimento. Mostro aos alunos que nas relações interpessoais com os iguais é possível usar gírias, mas fora disso, ela não é prestigiada.

A questão de preparação das aulas pelo professor é muito importante. Eu tenho as aulas já preparadas, mas busco constantemente novas abordagens, novos exercícios, algo mais prático. As provas devem ser adequadas ao que ensinamos em aula. Sou ferozmente contra o professor ensinar pouco na aula e fazer provas difíceis para se autodefender. A vida não é feita só de questões difíceis e os alunos não respeitam o professor pela prova, mas sim, pelo trabalho que ele faz na sala de aula. Um trabalho que passa também pela humildade, pois diante de uma questão de que não nos lembramos ou sobre a qual temos dúvida, cabe dizer: Eu realmente não me lembro e não quero dizer uma bobagem.

Nós nos preservamos quando mantemos uma distância saudável entre o professor e o aluno e reconhecemos nossos erros ou admitimos que temos dúvidas sobre algo. A vida toda nós estamos nos resgatando porque o passado é muito inconveniente, e está sempre presente. Percebo isso nas nossas relações pessoais e profissionais. Eu acredito que esse resgate só pode ser construído em parceria com os setores da escola que estão preparados para isso, buscando entendimentos para saber porque o aluno se abandonou e o que nós podemos colaborar.

Na verdade, todos erramos, e se nos punimos pelos erros constantemente, não vamos para frente. Se nós achamos difícil, imagina para um adolescente o que deve ser. Ele não segue em frente, ele se abandona e no abandono, ele tem o caminho mais fácil nos seus iguais, pois eles não têm o compromisso de serem melhores a cada dia.

Entrevista com o professor P11

Não iremos conseguir nada na aprendizagem sem penetrar no mundo dos alunos. A escola é muito desafiadora nesse sentido, porque de uma certa maneira, esses alunos do Ensino Médio têm vidas completamente diferentes do tipo de vida que eu tive, por exemplo, ou até a que muitos de nós tivemos. Nós buscamos ao máximo tentar entender esse aluno, observar como ele vê o mundo realmente para poder falar na mesma linguagem. Isso é fundamental. Entendê-los chega a ser específico de aluno para aluno, e não é sempre que nós conseguimos nos entender com eles. De vez em quando, acertamos e muitas vezes, falhamos.

Nas aulas, procuro abordar um determinado assunto e, após, costumo deixá-los um bom tempo soltos, fazendo exercícios. Assim, eu começo a percorrer a sala de aula e tento chegar um a um. Acabo destinando boa parte do tempo da aula para atividades individuais ou em conjunto, de maneira com que eu possa fazer contato com cada um, e então, sondá-los, descobri-los.

O que constitui a vida de um professor influencia os alunos e permeia as relações. Quanto mais próxima for nossa vida, nossa história familiar do que é a vida deles, mais fácil é esse relacionamento. É muito complicado para uma pessoa que teve uma adolescência mais séria e precisou batalhar o tempo todo entender um adolescente que vive de papo para o ar. Se o professor tiver sido um adolescente que viveu dessa forma, sem dúvida ele compreenderá melhor esse adolescente. Percebo que, se gostamos das mesmas coisas que eles, não tenho dúvidas de que isso facilita as relações de sala de aula.

Questiono se a nossa estabilidade pessoal monta ou desmonta a sala de aula, pois quando eu entro nela, sinto-me num mundo à parte. Acredito que me transformo, que sou outra pessoa. É como se eu estivesse vestido com um jaleco que carrega um monte de problemas. Quando abro a porta da sala de aula, penduro ao lado o jaleco e os problemas. Aqui, eu sou 100% de vocês.

Alguns nos buscam como modelos; outros encaram a escola como um local em que eles simplesmente têm que ir. Outros vão obrigados e não conseguem enxergar nada de bom naquilo ali. Talvez seja pelas aspirações imediatas dos adolescentes, do tipo de vida que levam. Isso é bastante complicado. Também há alunos que não têm perspectiva de futuro, pois hoje, ao terminarmos o curso superior, não se tem garantia nenhuma de trabalho. Eu vi um aluno comentando com outro: Estudar para quê? Tu (professor) estudaste anos e estás aqui na sala de aula. O aluno não consegue acreditar que aquilo vai levá-lo a algum lugar realmente.

O Esfera-1 foi a primeira escola particular em que eu trabalhei. Quando eu comecei, tinha dez anos de magistério no estado, o que é completamente diferente. Para completar o quadro, eu iniciei com quase todas as turmas do Ensino Médio. No início, sentia-me mal naquelas turmas. Eu entrava naquelas turmas finais, 105 e 106, e era como se estivesse entrando numa guerra. Para mim, ao entrar na sala de aula, eu sentia que o objetivo maior dos alunos era simplesmente não me deixar trabalhar. Chegava ali, cheio de disposição e vontade, mas não tinha jeito: o objetivo deles era que eu não trabalhasse. Essa era a sensação de guerra. Certa vez, o Diretor fez uma intervenção na sala e as coisas depois foram ficando melhores. Eles queriam brigar, mas depois, acabaram se acostumando. Tudo isso porque eu era habituado a lidar com alunos da escola pública que apresentam uma humildade muito grande. Eu era muito inexperiente com aquele tipo de aluno, mas depois, eu aprendi.

Quando eu entrei na 101 e dei de cara com aqueles alunos que tinham uma fama no Esfera-1, pensei que ia ser um pavor, mas para a minha surpresa, não foi. Quando eu substituí a professora daquela turma, senti que, talvez, ela tenha sido muito autoritária. O Diretor disse: “Olha, tu vais ter que pegar pesado com essa turma. Se tiver que dar dez advertências em todas as aulas, dá”. Nos primeiros contatos foi assim, mas aquilo não era o meu jeito de ser, nem de agir. Quanto às advertências, eu dizia assim para eles: “Olha pessoal, eu não estou aqui para brigar com vocês. Eu gosto de vocês, mas o esquema aqui é como um jogo de futebol. Se o sujeito cometeu uma falta, ele vai ser advertido. Agora, raciocina comigo: Se o juiz deu cartão amarelo para o jogador, tu não vês o jogador discutindo com o juiz depois que ele levou cartão amarelo? Se acontecer, podes apostar que o jogador é expulso na mesma hora”.

Havia horas em que eu queria a atenção deles para uma explicação para todo mundo e aí, tinha uns dois ou três que não paravam. Eu olhava e dizia: Estás advertido: cartão amarelo! Foi essa brincadeira durante umas três semanas, depois, eu cansei, não queria saber mais disso. Eles até achavam estranho e diziam: Pô, o senhor não vai advertir ninguém hoje? Então eu respondia: Não, hoje eu estou cansado e não estou a fim disso. No meio do segundo bimestre, um aluno comentou: No início o professor advertia todo mundo, agora não adverte ninguém. Não precisava mais.

O ano de 2005 foi um grande orgulho, pois eu nunca pensei que fosse relacionar-me tão bem com alunos considerados “difíceis”. Foi um trabalho muito bom. É claro que muitas vezes eu tive que brigar com eles, mas nada que se compare com o que foi aquele início de atuação.

O maior problema da escola é ser heterogênea demais. Se fossem todos largados ou aplicados ia ser mais fácil estabelecer uma metodologia de trabalho. Tu encontras, em determinadas turmas, alunos excepcionalmente bons e outros terrivelmente fora dos padrões. Estabelecer essas relações não é fácil, pois se tu pendes muito para um lado, o outro reclama na mesma hora.

Movimentar-se em torno deles é uma arte. O ideal nessa escola é deixar os alunos trabalharem praticamente sozinhos. Deixá-los sentir as dificuldades para então, poder atendê-los. Saber ouvi-los não somente sobre a disciplina, mas sobre a vida deles. Aí se consegue ser mais agradável para o conjunto.

Nós aprendemos muitos com os alunos. Eu aprendi, em dois anos com os alunos do Esfera-1, muito mais do que em dez anos com os alunos da escola pública. Tu aprendes a lidar com a diversidade das pessoas, a mexer com as diferenças, a lidar com a crítica. O aluno da escola pública te dá retorno das tuas exigências sem que seja preciso fazer muito esforço. Já o aluno do Esfera-1, não. Se tu exigires dele uma determinada atitude, ele questiona até a morte porque tu queres essa atitude dele. Desta forma, aprendemos muito com isso.

Temos determinados objetivos com relação às disciplinas que ministramos, que nos dão uma direção de trabalho. Nós começamos a colocar determinados conteúdos relacionados a determinados objetivos e imediatamente, tentamos questioná-los com os alunos. Soltá-los, para ver se eles conseguem aplicar aquele conteúdo que foi dado de uma maneira mais livre em um tempo compatível com aquela tarefa, é algo que aprecio. Entendo que eles aprendem com eles mesmos. Cabe a nós ficarmos à disposição para que eles nos chamem quando desejarem. Percebo que alguns trabalham mesmo da maneira que gostamos de ver, outros, procuram mostrar que sabem para os colegas e alguns tentam driblar a atividade com outra coisa qualquer. Aí eu chego, bato um papo, nada mais que um papinho, pois não vejo muito sentido em brigar com eles. Ao longo da disciplina, eu vejo neles um progresso, mas atender a todas as minhas expectativas, nem de longe.

As regras de convivência não são originalidades do Esfera-1. Eu sei que elas existem em outras escolas, mas eu acho que de certa forma, elas nos apóiam. Não dá para reclamar. Percebo que, com o tempo, os alunos vão ficando melhores.

Em minha opinião, a falta de perspectiva é o maior problema dos alunos. Eles não conseguem ver aquilo ali como algo importante na vida deles, como algo que vá levá-los a algum lugar; e a sociedade mostra para eles que há uma ponta de razão. Então, é muito complicado enfrentar esse problema. Eu vejo isso entre eles quando estão conversando.

Certa vez, vi uma aluna na porta da nossa escola conversando com uma colega e justificando para si suas atitudes dentro da sala de aula. Ela falava sobre a faculdade. Estava saindo da escola e dizia que lá seria diferente, pois faria aquilo que escolheu. Algo que no futuro seria seu trabalho e por isso, valorizava. A aluna entendia que a faculdade era algo que daria um retorno. Eu entendi que, para a aluna, o Ensino Médio era apenas um trampolim para o Ensino Superior. Por esse motivo, muitas coisas na escola eram sem sentido e pouco ou nada serviam naquele momento.

Um outro fator interessante que se refere às perspectivas do aluno aparece quando ele sai da Escola Regular e vai para a EJA. Isso tem sido comum na realidade da nossa escola. Eles vão até uma determinada etapa e, quando completam 18 anos, migram para a EJA. Entendo que eles mudam o comportamento, passando a ser ótimos alunos porque percebem que será algo imediato finalizar o Ensino Médio.

Motivar os alunos do Ensino Médio não é fácil, pois eles têm muitas opções naquele momento, coisas que nós não tínhamos quando éramos alunos do ensino médio. Mas, de certa forma, a escola é uma escolha. Eles deixam de fazer uma série de outras coisas para estarem ali. Muitas vezes, por não ser uma escolha deles, o dia-a-dia de sala de aula fica comprometido.

Às vezes, encontramos um aluno que não quer dar abertura de maneira alguma e não sabemos quais as razões daquela postura. Isso dificulta bastante. Para alguns alunos, quando esse comportamento fosse detectado, eles deveriam ser encaminhados a um setor que investigasse os motivos e tentasse descobrir as causas que o levam a agir dessa forma.

Quanto aos recursos, falta material no mercado que seja coerente. Um aluno precisa de um visual melhor para compreender. Logo que eu comecei a atuar no magistério, eu descobri uma fita de vídeo fantástica. Eu usei durante anos, só que eu não vejo a reposição desse material no mercado. Outro ponto é que uma disciplina que envolva laboratório tem que ter gente destinada para isso. Os estagiários que temos acabam auxiliando a controlar os alunos e não têm tempo para preparar atividades de laboratório. Normalmente, ele é estagiário também de outras disciplinas. Às vezes, ele não encontra tempo para te acompanhar na sala de aula.

Disciplinas como a minha deveriam ter dois professores para cada etapa, ter alguém que ficasse envolvido só com a preparação de aulas práticas. É uma coisa dispendiosa e que ocupa tempo do professor da disciplina. Só que fica uma coisa onerosa para a escola, é complicado. Eu vejo poucas escolas que possuem um professor para a parte teórica e outro para aulas práticas. Isso acontece no Julinho, que é uma escola pública.

Existe um cronograma que deve ter coerência com a parte teórica, mas quando acontece aula do laboratório, o professor da disciplina simplesmente acompanha seus alunos.

A principal coisa que o aluno tem que ter com o professor é empatia. O aluno tem que ver seus professores com bons olhos. A escola Esfera-1 tem professores fantásticos, que todos os alunos gostam de estar com eles. São carismáticos ao extremo e, quando entram na sala de aula, é um prazer para o aluno estar na frente daquela pessoa, ou porque ela é engraçada ou porque tem empatia. O aluno não pode ter aversão de maneira nenhuma à figura do professor. A partir daí, se o professor quiser, ele faz com que o aluno avance. Não há receita, é um caminho de descobertas. Acima de tudo, o professor tem que ter o coração aberto, não entrar em atrito com eles e em momento algum, evitar isso ao máximo. Se conseguirmos fazer o jogo sem bater nos obstáculos, acabamos conquistando os alunos. É lastimável, mas há professores que têm tudo para ter empatia e às vezes falham, tropeçam.

Uma pessoa que tenha mais títulos não significa que dê melhores aulas. Se o professor faz uma coisa boa, ele faz bem antes do mestrado, do doutorado. O professor não ensina, ele tem o papel de facilitador. Ele não tem outra função que não seja facilitar ao aluno atingir determinadas metas. O aluno é que aprende e isso mostra como é importante seu querer. Se ele não quer, não vai, não tem jeito, mas é claro que nós podemos influenciar e construir esse querer.

Se compararmos um professor que se formou há 30 anos com um que se formou hoje, é evidentemente que este está muito mais preparado em lidar com os alunos. O conteúdo das ciências exatas praticamente não muda, já isso não ocorre nas ciências humanas. Leis naturais serão leis naturais até o final dos tempos. Nas licenciaturas são ministradas aulas de psicologia e didática, como se todo mundo fosse da área das humanas. Contudo, há uma coisa rica nisso tudo que é o aprender a lidar com as diferenças, e isso é uma coisa muito mais enfatizada agora do que foi nos cursos de licenciatura no passado.

Uma pessoa que se formou há muito tempo atrás pode fazer o resgate da sua graduação no mestrado e doutorado. Acredito que essa formação deva ser constante, pois precisa ser sempre discutida, principalmente no que se refere a aprimorar as relações. Nós temos um estagiário que antes de fazer determinadas disciplinas na graduação ele pensava de uma forma, hoje, ele tem um outra forma de encarar o momento. Provavelmente, antes da sua formação pedagógica, ele acharia absurda a minha aula. Eu largo um conteúdo solto e fico observando como os alunos se inter-relacionam. Ele poderia pensar que eu deveria ficar uma hora e meia dando uma aula expositiva, buscando sempre um “jeitinho” em mantê-los quietos nas suas classes. Talvez, a concepção dele seria a de que o bom professor é aquele

que consegue fazer algo totalmente diretivo. Talvez, hoje, meu estagiário não pense mais assim em virtude da formação que adquiriu. Não cabe querer olhar para o adolescente como se fosse um adulto que estivesse ali para aprender conteúdos e saber aplicá-los. Eu sei que não é assim.

Em uma escola como o Esfera-1, sou totalmente contra a reprovação. Ela deve ser evitada ao máximo. Temos que brigar muito junto com o aluno para que ele não seja reprovado. Creio que isso não leva a grande coisa. Nesse sentido, acho que não temos que mexer com a média cinco. Se começarmos a colocar obstáculos a um sujeito que já não quer muito estudar, temos uma situação complicada, e eu não acredito que surta um efeito positivo. Temos sim é que prover meios para tornar bastante viável para o aluno sua aprendizagem e seus avanços.

Fico “bestificado” com esses alunos da Educação à Distância (EAD). Eles saem, muitas vezes, mais bem preparados que os da EJA e do próprio Ensino Médio Regular. Eles têm ali uma perspectiva imediata de avanço e com isso, não há dispersão porque eles pedem para ter aula conosco. Havia pessoas que marcavam meia hora e ficavam seis horas a fio. Eu já não agüentava mais, mas o aluno queria mais e mais aulas. O resultado disso é que a base conceitual do sujeito acaba ficando muito significativa depois de um determinado tempo. É um trabalho em que eu vejo um retorno impressionante. O EAD é uma coisa muito boa. Só não sei se isso é viável economicamente.

Talvez o sistema ideal de ensino vá demorar um tempo. Uma forma possível seria de reduzir ao máximo os encontros compulsórios em sala de aula e deixar os alunos mais soltos. Um meio termo entre o que é hoje o EAD e a escola. No EAD, eu vejo um rendimento de conteúdos ideal, algo que não se consegue obter nem na escola, nem na EJA. Por outro lado, no EAD, o aluno é carente de relacionamento com os colegas, deixando de aprender pela convivência com os outros. Talvez, um dia, o sistema mude e se possa deixar o aluno totalmente liberado a ir ou não para a sala de aula. Ele teria metas para atingir e nós, professores, ficaríamos à disposição dele em outros horários, não apenas ao das aulas convencionais. Liberar totalmente o aluno é uma coisa arriscada, mas um bom motivo para pensar em como fazer.

Entrevista com o professor P12

Acredito que as relações interpessoais devam ser as mais harmoniosas possíveis, tanto com nossos colegas como com nossos alunos. Em primeiro lugar, eu exijo respeito no momento em que eu entro em sala de aula, é algo que fundamenta as relações. Eu entendo que precisamos estabelecer uma harmonia com o corpo docente e discente.

*Não tenho reclamação alguma do corpo docente da escola Esfera-1. É uma paz, e eu adoro o intervalo, as piadas, meus colegas, me sinto em casa. Temos um ambiente relaxante e tranquilo, mas já com o corpo discente, houve muitas dificuldades no início. Enfrentei alunos com comportamentos difíceis quando caí de pára-quadras na escola, substituindo uma professora num período de avaliações. Enfrentei alunos que me botavam o dedo na cara, uma relação violenta, um choque. Vinha chorando para casa. Eu pegava a advertência e dizia: *Quando tu te acalmares tu sobes. Foi um choque de imediato.**

Estava acostumada até então num ambiente de pré-vestibular; um local onde o pessoal fica “vidrado” desde o início, querendo prestar atenção. Na escola, me parece que há pessoas que estão lá para cumprir hora, serem aprovados e resgatar uma etapa. Fui concluindo que, com o corpo discente, é preciso estabelecer respeito e cumprir com que está proposto no contrato pedagógico; algo inovador para mim. Eu nunca tinha visto em outras escolas um contrato pedagógico. A escola Esfera-1 foi a primeira.

Quando mostro o contrato pedagógico, digo a eles que comigo deve haver uma relação de respeito, caso contrário encaminho para a Orientação. Deixo claro que não pretendo dar uma segunda chance. Antigamente, o professor ainda tinha o respeito dos alunos, coisa que agora está se perdendo, porque eles não têm mais o respeito com seus pais. É o meu sentimento.

No que se refere às minhas aulas, procuro trazer material contextualizado, tentando ver o que eles apresentam de experiência de vida, e levar para as discussões de sala de aula. Eu não vou trabalhar com o tema, por exemplo, “relações internacionais” mas sim, textos sobre “o ficar”, namorar, gravidez na adolescência, etc. Trago também histórias sobre questões pessoais, que chamem a atenção deles. Muitas vezes, parece uma tarefa impossível. Em alguns momentos, sinto que eles não estão nem aí para o que o professor está trazendo.

O primeiro sentimento que emerge quando o aluno faz algo que me incomoda é de raiva e frustração. Ele deveria ir para casa, assistir televisão, fazer qualquer coisa, mas não ficar aqui quando eu não quero vê-lo. Eu respiro, deixo o sentimento de ódio passar, aquela coisa passional que acontece na gente, mas não tomo nenhuma resolução, a não ser

que o aluno falte com o respeito. Hoje eu tento ser paciente com os “alunos problema”. No início, achava que esse aluno era um fracassado, mas agora eu não o vejo assim. Nós transmitimos conhecimento para o aluno e cabe a ele modificar. A sala de aula é difícil de administrar, pois temos que dar conta da matéria, da turma inteira e não é só de “alunos problema” que estão ali. Depois, fora da sala, quando estou caminhando na rua ou em casa, começo a pensar e vejo nesse aluno um grande potencial.

Muitas vezes, eu me aproximo do aluno e começo a estabelecer um diálogo. Aos poucos, toda a turma vai prestando atenção e interagindo. E aí eu coloco o conteúdo. Considero a minha aula um pouco tradicional, mas estou tentando mudar isso, torná-la mais interativa, fazer com que o aluno pense mais e eu fale menos. Penso em trazer questões para a sala de aula para que eles trabalhem mais do que eu.

Tentar se aproximar do aluno, apesar de eles terem mundos diferentes, estilos de vidas diferentes, é fundamental. Se tu entras em sala de aula desleixada, levando as coisas tudo para a sexualidade, por exemplo, como eu já vi, vamos instigar o aluno à não nos respeitar. Mostrar postura é mostrar firmeza. No meu primeiro dia, num nervosismo imediato, eu gaguejo. O professor não pode ser tímido, tem que ser boa praça e mesmo assim, irá haver alunos que não vão com a nossa cara.

Entendo que a agressividade, a dispersão e a falta de interesse nos alunos são pontos que entravam as relações. Neste momento, olho para o meu passado e lembro que também era assim no Ensino Fundamental e Médio. Eu conversava com a panelinha do fundo e não estava nem aí, achava as aulas muitas vezes uma chatice, mas hoje eu me coloco no lugar deles. No semestre passado, tive uma turma que era uma dispersão geral, coisas como esconder a pasta do colega no duto do ar condicionado, do aluno não conseguir copiar porque não tem material, enfim, mas há mentes brilhantes, tanto que eu fiz um cartaz com as melhores redações na biblioteca e eles adoraram.

Num certo ponto da minha vida eu tomei consciência de que tinha de fazer alguma coisa. Então, fiz a faculdade e quis ser professora desde o primeiro grau. O que me inspirava era que eu tinha um professor que era um ídolo. Não há professores na minha família, sou a primeira. Mas eu via o professor como um ser especial. Eu poderia ser considerada, na minha época e pelos professores, como um caso perdido, de que eu não seria nada na vida. Mas eu me tornei uma professora, eu me sinto responsável, tenho um monte de planos na minha vida, muito diferente da menina que era no Ensino Fundamental e o mesmo eu vejo nos meus alunos.

Apesar de todas as dificuldades, sou uma pessoa realizada. Eu já trabalhei em outros campos como auxiliar de escritório, mas foi na área do ensino que me encontrei. Não me vejo e também não tenho perfil de trabalhar num escritório, pois me sinto realizada ao entrar numa sala de aula.

Minha família mostrou-me que, se eu quisesse aprender alguma coisa, teria que ir à luta. Na rua, aprendi a ser profissional. A maneira pela qual fomos criados influencia como nós damos aula. Um meio responsável proporciona comprometimento. Somos responsáveis pelos nossos atos e temos que passar essa responsabilidade. Acredito que se temos uma personalidade forte, um pulso firme, se há determinação em nossos propósitos, levamos para a sala de aula.

Com relação aos alunos, eu tento captá-los o máximo possível; chegar no universo deles, quando eu falo alguma gíria do tipo: Tá ligado? Aí eu dou uma risada, porque não estou acostumada a falar assim. Tento trazer alguma coisa que chame a atenção deles em sala de aula. Nossos universos, de certa forma são diferentes, com experiências diferentes. É maçante o aluno estar numa posição passiva, somente recebendo informações e o professor num degrau acima, naquela relação de poder. É como se dissesse: “Olha, eu estou num andar acima e vou passar o conhecimento para vocês.”

No momento em que o professor sabe mais, ele está num patamar diferente e é difícil de estabelecer uma relação mais igualitária. Às vezes, a figura do professor pode ser temida, outras vezes, pode ser amigável. Eu até agora estou tentando entender a minha figura. Também há uma relação de passividade. O aluno fica sentado ali na sala de aula, recebendo, e não está interagindo. Então, isso causa uma certa monotonia no aluno.

Nós estamos numa era em que não deixa de haver uma mentalidade cartesiana. Somente o professor é o que está transmitindo conhecimento, não há reciprocidade, ou seja, não existe interação, o aluno não está como atuante. A gente aprende com o aluno, mas ainda é no esquema tradicional, seguindo com aulas como a 100, 200 anos atrás. Não houve uma evolução nesse aspecto. O aluno ainda está na relação passiva, como recebedor de informações e o professor lá na frente como detentor da verdade. Ainda não existe essa mentalidade em nosso país. Pode ser que aos poucos estejamos nos encaminhando para o interacionismo.

Mesmo com o nervosismo do primeiro dia de sala de aula, eu vejo que cada dia é uma caixinha de surpresas. Isso é algo instigante, algo que eu adoro, é a busca do desconhecido. É como se entrássemos em uma caixinha em que não sabemos o que vai

acontecer, mas sim, as possibilidades que vamos encontrar. Se a turma vai ser receptiva ou a aula maravilhosa, é uma total surpresa.

Com os colegas professores, percebo um descontentamento geral, gerados pelo descaso e a desvalorização do nosso trabalho. No que tange à situação de remuneração ao professor, muitas vezes temos que brigar por nove reais a hora-aula. É penoso e não precisaríamos passar por isso. É o aspecto frustrante.

Nós não temos um conceito na sociedade de que o ensino é algo gratificante e que a pessoa precisa aprender. Não somos um país de ensino, mas sim de samba, futebol, carnaval, big brother, de idéias prontas e enlatadas, são os modismos. Parece-me que estamos fazendo um papel coadjuvante na história. O ensino se mostra importante para o professor que está na universidade, lá ele é valorizado. No pré-vestibular sinto que até é, mas talvez porque exista nos alunos uma esperança de passar no vestibular; há o interesse aliado ao objetivo. Percebo o Ensino Médio e Fundamental como uma obrigação, o cumprimento de uma etapa.

Eu queria sentir os alunos com objetivos diferentes. Há momentos em que percebo a minha atuação um pouco problemática. Muitas vezes saio da sala arrasada e frustrada, acreditando que minha aula foi uma porcaria, pois eles não prestaram atenção e bagunçaram o tempo todo. Mas logo em seguida, já vem o otimismo e sinto que fiz a minha parte. Penso também que pode ser que o aluno não tenha captado o que eu queria dizer no momento, mas poderá lembrar mais tarde de algo que eu disse e estabelecer novos entendimentos.

Noto que aquele professor considerado “o carrasco”, que exige, que quer que os alunos estudem, é um sujeito que no futuro o aluno vai lembrar. Agora, aquele professor que é bonzinho, que passa a mão em tudo o que o aluno faz, é aquele que não deixa marcas e que não gera respeito. Muitas vezes me faço de “carrasca”, mas depois fico me punindo, passando o chicotinho nas costas, me questionando porque que eu fiz tal coisa ou tomei determinada atitude. O que eu realmente quero é mudar alguma coisa neles e, em algum momento, fazer a diferença.

Chegar no aluno não é tarefa fácil e está aliada a falta de respeito. É uma coisa que vem de casa. Eu vejo muito dos alunos com perda de valores que são fundamentais na sociedade. Hoje em dia a pessoa vai pelo modismo, não existe mais companheirismo, as relações de amizade são muito superficiais. Existe uma frivolidade em todos os sentimentos. Isso é uma característica da nossa sociedade.

Com relação às regras da escola e toda a estrutura que foi montada, sinto que me ajudam. Eu fiquei um pouco chocada no início, com tantas exigências com relação a regras. Não sei se em outras escolas particulares existe esse tipo de regras. Com o perfil de aluno que a escola tem, é a única maneira que a equipe diretiva achou para monitorar tudo e que nada passasse em branco. Estamos lidando com um perfil de aluno que é mais esperto que o professor. Ele pode muito bem não entregar nada durante o semestre e dizer que entregou. Aí, se não temos a ata, por exemplo, é um problema. Lidamos com um aluno difícil, complicado, então, temos que ter a ata e o contrato pedagógico. É uma exigência a mais para o professor Um trabalho em dobro que não é remunerado, mas tudo bem. É uma saída que a escola buscou para controlar e se isentar de certos problemas que foram ocorrendo ao longo do caminho. Para o professor que está entrando, essa é uma clara demonstração de poder.

Com relação às notas, eu acho que o aluno tem chances demais para uma média baixíssima. No início eu achei muito trabalho para poucas aulas. Eu ouço falar dos próprios alunos que a escola é para reprovados, onde entram os casos perdidos das outras escolas particulares. Como estabeleci uma relação boa com o Diretor, comecei a entender que estou aprendendo com a escola. No início eu ficava de “boca aberta” com determinadas coisas e me perguntava que atitude deveria ter, mas agora está mais tranqüilo. O professor precisa de tempo para se familiarizar com tudo.

Também percebo que para muitos alunos, se eu não disser que a atividade proposta na aula está valendo nota, eles não se mexem. Isso pode ser resultado da imagem que carregamos do ensino na própria sociedade. Eu tenho que buscar caminhos para que eles façam a atividade. Na verdade eu quero que eles produzam mais e tenham mais autonomia. Eu estou tentando buscar outros meios que não sejam através de nota.

A maneira com que o professor conduz a aula pode fazer grandes mudanças, mas a metodologia é algo que está sendo muito difícil mudar. Deveria mudar muita coisa na sociedade antes de mudar no ensino. Eu ainda ouço dos alunos: Professora, quando é que tu vais colocar alguma coisa no quadro? Parece-me que o aluno entende que está aprendendo quando escreve alguma coisa no caderno. Aprender é algo abstrato e, nesse aspecto, ainda temos que caminhar e muito. O professor é um mero informante que está passando conhecimento. Fico incomodada quando entro em sala de aula e ouço: Professora qual é a minha nota, que nota eu tirei ou quanto eu preciso para passar em média? Não vejo interesse em dizer: Ah, eu aprendi! Então, é preciso mudar as concepções na sociedade. Nós poderíamos começar isso, por que não?

Entrevista com o professor P13

A relação interpessoal na docência envolve sujeitos com papéis distintos, mas que se relacionam. Considero-me extrovertido, então, procuro brincar e falar com todos os professores, mas também procuro não extrapolar muito os limites, na medida em que eu os conheço nesse contexto profissional. Embora as pessoas, muitas vezes, se mostrem, percebo que alguns possuem um nível mais íntimo, mas tem muito do perfil da pessoa.

Quando eu estou no trabalho, fico muito envolvido e concentrado. Eu uso muito o tempo que estou na escola para fazer minhas tarefas de fora da sala de aula, dessa forma, não preciso levá-las a outras instâncias. Fico muito envolvido, penso muito sobre as minhas aulas, as turmas, o que fazer ou o que levar para uma sala ou outra. Sempre há coisas para fazer quando estou na escola.

Eu procuro ser reservado dentro do ambiente de trabalho, pois acho muitas vezes que é um terreno perigoso. É muito fácil para as pessoas se perderem nos limites e acabarem extrapolando. Isso ocorre não só com relação a professores, mas com alunos e funcionários. Eu procuro despertar em mim o dispositivo do felling e, nessa medida, vou atuando e me movendo nesse meio.

Tenho aprendido muito com os alunos da escola Esfera-1, semestre após semestre. No primeiro momento de uma turma, eu me coloco na defensiva, numa posição de expectador e com alguns pré-juízos. Isso é fato. Eu vou me movendo e tentando ver de que maneira vou me comportar. Se eu iniciar com muitas brincadeiras, poderá gerar um nível de conseqüências difícil de segurar mais adiante. Eu me reservo um pouco e procuro mostrar que em primeiro lugar é trabalho, uma coisa séria e que depois sim, dependendo de como as pessoas conseguem negociar essa relação, há o espaço para o lúdico. Isso é muito marcado na maneira em que atuo. Para mim, a docência é uma coisa séria, a minha profissão.

Eu tenho uma característica de me tornar íntimo das pessoas muito rapidamente, por isso, sou vigilante nessa questão. Eu sei que é muito fácil acabar me perdendo, não num sentido ruim, mas isso pode ser mal compreendido. Às vezes eu faço uma brincadeira e me dou conta de que ela pode ser perigosa naquele contexto. Talvez possa ser revertida contra mim e eu já vi coisas acontecerem com outros colegas por esse motivo. Ou ainda, lá pelas tantas, se perdem os limites e fica tudo complicado. Por outro lado, podemos permitir brincadeiras desde que elas vão e voltem, sem perder o sentido da aula.

Os alunos olham para mim e não dizem minha idade. Tem um conflito sério nessa questão. Eles acham que eu sou um garoto que está ali dando aula e que é igual a eles. Isso é

freqüente no Ensino Médio. Dessa forma, muitos alunos pensam que podem estabelecer uma relação muito íntima comigo e não é bem assim. Eu tenho uma posição e demarco essa posição que ocupo, nesse lugar que é a sala de aula. Muitos não aceitam minha autoridade e isso dá o embate, cria conflitos. Eu consigo entender isso e, na medida em que identifico e começo a administrar, então me recolho. A volta é que é interessante e muitas vezes leva um semestre, como aconteceu aqui na escola. Um semestre inteiro nesse conflito, nesse choque de não aceitar minha autoridade e eu não sou do tipo que sai correndo, chorando, se despedaçando e acaba recuando. Eu vou para o embate porque estou sabendo o que está acontecendo. Eu mostro a eles que eu não preciso ter cabelos brancos e rugas para exercer uma posição. Então, sigo adiante.

Nas turmas em que eu tive dois semestres, no segundo foi uma maravilha e no primeiro, foi um conflito quase que total. Às vezes, eles se mostram bem adolescentes, sentem que a força deles tem um limite e que há uma relação de poder ali. Percebem que eu, como professor, estou exercendo esse poder e não há mais espaço para ir adiante. Chegaram no limite deles. Quando há essa rendição é interessante, porque eles se mostram super afetivos, dizendo que eu “peguei pesado” que fui “grosso”; é o que eles dizem na Direção.

Na verdade, muito do que eu faço quando exerço esse momento de poder é quase como uma coisa teatral. Eu meio que “incorporo” alguém, uma autoridade, sou duro, mostro que eu não sou o que eles pensam. Tenho a intenção que, com o meu conhecimento e minha prática docente, eles percebam que eu não estou mal intencionado. O que eu quero é colocá-los dentro desse ambiente que é a sala de aula, a escola, a relação de ensino e aprendizagem, que precisa se dar de acordo com algumas prerrogativas. Daí eles baixam a guarda e eu consigo me aproximar. É impressionante como muda a relação. Eles começam a produzir e eu flexibilizo dando mostras claras de que o contrato está bem estabelecido.

Acredito que as regras contribuam e me deixam mais tranqüilo no trabalho, porque tem que haver uma referência não só para mim, mas para o próprio aluno. Eu poderia até flexibilizá-las mais. Eu não acredito no bom senso arbitrário, solto no ar. Acredito no arbítrio, não no livre arbítrio. Se eles pudessem escolher, talvez não optassem entre chegar cedo ou tarde na escola, mas em não vir à aula e/ou fazer outras coisas. Tem que haver uma referência, caso contrário, o bom senso para um sujeito é uma coisa e para outro poderá ser outra.

O horário de entrada e saída ou as demais regras podem ser flexibilizadas, mas isso não pode se tornar uma regra, pois não é toda hora que o aluno pode chegar atrasado. É importante para o professor em alguns momentos flexibilizar, muito mais do que criar

certamente uma relação afetiva, um vínculo, essa atitude abre possibilidades para mostrar que também a tua relação em sala de aula, acima ou num mesmo nível de importância, mostra compreensão e revela o humano de cada um.

Eu me permito certas atitudes, mas se eu vejo que aquele atraso, por exemplo, está se tornando uma regra, eu peço ao aluno que busque uma autorização na Supervisão para que a sua entrada possa ou não ocorrer fora do horário. Nesse momento, eu me valho da regra, porque ela é importante para que se estabeleça o limite.

A média é algo complicado, mas eu acho que a estrutura escolar não tem condições de cobrar mais desempenho de um aluno, na medida em que se estabelece uma relação comercial muito forte. O dispositivo de mercado é muito mais importante nessa relação do aluno com a escola do que a relação com o conhecimento. Em algumas escolas, em cima da relação comercial se estabelece a importância pela aquisição do conhecimento, onde o contratante está pagando para que o aluno aprenda. Sinceramente, eu acho que aqui na escola eles chegam com uma idéia muito forte de que estão pagando para serem aprovados. Isso se percebe na escola em alguns momentos, em situações que é de conveniência da escola ou do próprio professor ou de forma relacional, devido a uma relação afetiva que foi acontecendo. Muitas vezes se sabe que o aluno não conseguirá ir além, mas acaba sendo aprovado. Em outros momentos, percebo que há alunos com alta capacidade e que não vão adiante, porque são indisciplinados e displicentes. Um aluno que poderia tranquilamente ser aprovado e acaba não sendo. Há situações diversas e talvez seja porque muitos vêm para nossa escola com uma concepção que é retro alimentada, muitas vezes, aqui dentro. É algo que ocorre internamente.

Quando temos muitos alunos e estamos fechando as notas, primeiramente, vamos para um critério que estabelecemos. Na medida em que conseguimos reconhecer o aluno é possível estabelecer uma avaliação mais subjetiva, mas ressalto que eu não tenho um alcance tão profundo para esse tipo de avaliação.

Eu quero qualidade no desenvolvimento dos conteúdos. Eu conto como mais importante saber trabalhar com a linguagem. A informação está aí para todos, mas como processar a informação é que é importante. O objetivo maior é o seu uso para a comunicação. Eu não vou aprender gramática para ficar divagando em cima da gramática, vou aprendê-la para que me ajude a produzir linguagem clara e me auxilie na comunicação. Com isso, poderei fornecer ferramentas para que os alunos se tornem mais autônomos.

Algo que me desconcentra na sala de aula é a falta de respeito, quando os alunos não conseguem respeitar os limites. O deboche me tira do sério, porque eu não tenho jamais

essa atitude com o aluno. Eu posso até me exceder nas brincadeiras, mas se me dou conta, imediatamente me desculpo. Mais do que o aluno desafiar minha autoridade, quando ele argumenta bem e com classe, acaba me desconcertando de uma outra maneira. Na verdade, essa situação constrói porque me faz enxergar algo que eu não tinha olhos para ver. Não tenho problema algum com orgulho, mágoa, rancor, pois é uma característica minha não guardá-los. Para completar, me dobro muito facilmente quando o aluno diz que se equivocou.

A minha idéia de professor que permite avanços na aprendizagem se dá na diferença, não “no ser” mas “em não ser”. O que eu não quero ser como professor é que faz a minha construção. Eu não quero entrar na sala de aula e fingir que estou dando aula. Não quero perder a oportunidade de passar um pouco da minha experiência, desse conhecimento. A linguagem serve como um veículo para que eu possa trabalhar outras coisas, ela é um meio e não um fim. Eu quero que o aluno consiga através da minha disciplina chegar a algum lugar. Eu não quero ser um professor tedioso, mas isso é cruel em função do número de alunos que temos na sala de aula. Muitas vezes, a escola tem recursos, mas com um período por semana fica difícil. Passar um filme aos alunos leva três aulas, ou seja, três semanas, o que se torna muitas vezes desanimador. Não pretendo ser um professor que mascara sua prática numa extensão de outra coisa, como somente amizade com os alunos. Eu não quero ser vulgar e jamais ser taxado por exercer meu poder de uma forma interesseira, tirando proveito em função da mitificação da nossa profissão. Outra coisa é deixar a vaidade tomar conta, é entrar num nível de confusão que a minha maturidade não permite. Eu vim para a escola para trabalhar e desenvolver a minha carreira profissional.

Todas as outras coisas eu vou me aperfeiçoando, essa é chave. Nos dois anos que eu trabalho nessa escola, em nenhum semestre fiz as mesmas coisas. Sempre fui modificando na medida em que ia conhecendo o público, pois cada turma é algo diferente, mesmo que pertençam ao mesmo nível. Os alunos me fazem ser diferente, porque as coisas são relacionais.

Eu procuro ensinar sabendo o que eu vou fazer e fazendo de forma competente, mostrando o que eu penso sobre o mundo, sobre a importância da aquisição do conhecimento, e isso me faz crescer. O conhecimento nos ilumina, nos põe num outro plano e eu tento passar isso para os alunos. Por fim, quero dizer que eu sou super feliz em estar na sala de aula, por mais conflito que haja com os alunos.

Entrevista com o professor P14

Eu acredito que, de forma geral, as relações interpessoais devem ser a mais urbana possível. Com os colegas deve ser alegre e amistosa, principalmente no que se refere ao respeito e em não se intrometer no trabalho do outro sem que este tenha proporcionado abertura. Se existe na escola a Direção, Supervisão e Orientação que administram o trabalho desenvolvido na tua aula, cabe somente a eles avaliarem e discutirem contigo os acontecimentos de sala de aula.

No trabalho docente, temos que ser natural e gostar de gente. Eu gosto muito de gente, gosto do contato com as pessoas, de ganhá-las, de trazê-las para mim. Assim como em um namoro, o processo de encantamento é fundamental. É bom que o aluno pense: Que bom que agora é a aula do Gabriel!

Penso que o bom humor, o sorriso sincero, o entusiasmo são ferramentas fundamentais nesse processo de conquista. Porém, não adianta nada conquistar e depois jogar a relação pela janela, tratando mal os alunos. Procuro ser o mesmo sempre com os alunos, dentro e fora da sala de aula. Os alunos não têm a menor obrigação de aturar meu mau humor ou se estou com problemas particulares. Faço questão de sentar junto aos meus alunos, conversar com eles, saber se estão bem.

O aluno, assim como nós professores, tem suas características próprias, individuais. É preciso que o aluno saiba que não é apenas mais um e sim, único. O trato com o aluno deve ser o mais cordial e humano possível, claro que sempre estabelecendo os parâmetros de limites e respeito às questões pessoais. Mas esse vínculo é tênue. Caso seja construído a base da ordem e rispidez será calcado no medo. O vínculo afetivo é muito mais sólido quando é sustentado no respeito e na sinceridade, numa relação sadia e aberta.

Caso não se estabeleça um vínculo com os alunos, sou apenas um professor aplicado e interessado em fazer aquilo a que me propus. Nem sempre as pessoas querem um vínculo afetivo e isso deve ser respeitado. Um vínculo permite ao professor e ao aluno ter o direito de rir junto, fazendo da aula também um momento de prazer, onde podemos dizer coisas engraçadas, descontraídas e alegres. Nada mais saudável do que um ambiente onde há alegria, as pessoas produzem e pensam com mais clareza.

Acredito que conviver com as pessoas é o fato mais importante da minha carreira como professor. A relação tem que ser de sinceridade, de honestidade com o aluno, mas temos que nos policiar para não trocar os pés pelas mãos de vez em quando. Nós temos que muitas vezes “engolir sapos”. Isso acontece porque na verdade estamos prestando um

serviço para alguém que é nosso cliente, que está contratando o nosso serviço de uma forma ou de outra. Não porque é escola particular, nas escolas do estado é a mesma coisa. Os alunos contratam o teu trabalho; são pessoas que estão confiando em ti ou estão esperando alguma coisa.

Não podemos esquecer que o aluno é um ser humano exatamente como nós professores, portanto, é preciso ter empatia. Temos que estar preparados afetivamente para lidar com universos diferentes e simultâneos. Penso que, bons ou maus, somos exemplos que são seguidos. Essa influência pode construir ou destruir, mesmo construindo coisas ruins e destruindo coisas boas.

Eu sou um cara expansivo na sala de aula. Sou simpático, brincalhão, mas procuro ter zelo em relação ao ensino médio, pois ali todos são adolescentes, então, temos que ter cuidado com o que falamos. De uma forma ou de outra somos “meio paizão” deles. Temos que ser mais duros muitas vezes, mas eu acredito que as coisas sempre podem ser resolvidas no diálogo. Saliento sempre que eles não são piores do que ninguém, que estão numa escola para aprender, para crescer, para melhorar.

Eu percebo uma auto-estima baixa nos alunos. Em muitos casos se achando piores do que os outros, mas não é assim. São pessoas que estão ali e eu fico pensando no pai, na mãe. É preciso pensar nas pessoas que estão colocando os filhos na escola. O aluno não é simplesmente uma criatura que se materializou numa cadeira na tua frente. É um ser bacana, com uma família, com pessoas a quem ama e odeia. Às vezes é um filho bem vindo; às vezes, não é. Esse trabalho é muito de psicólogo que a gente faz em aula, levantar o astral da pessoa é fundamental. No momento em que tu sentes que tu vais conseguir fazer uma coisa, tu levantas e faz. A questão é acreditar naquilo que tu tens capacidade de fazer.

Como professor, trago muito de minha vida para a sala de aula e até mesmo os alunos, e é por isso que temos muitos conflitos. Eu sou um cara de 40 anos, tenho família, tenho muitas inseguranças. Imagina uma pessoa que está começando, que é adolescente e está se descobrindo.

Certa vez o diretor chamou-me a atenção dizendo que eu estava pegando muito pesado com os alunos, e eu respondi que se eu tiver trinta alunos em aula a fim e um estiver a fim de perturbar, ou ele vai ter que tomar o rumo dele ou ele não vai servir para estar junto com os outros. Eu não sou um cara de dar advertência com facilidade. Eu tento comer o mingau pelas beiradas.

A sala de aula tem que ser um ambiente saudável e ponto final. Com aluno que chega na sala de aula apenas para importunar eu compro briga mesmo e não tenho problema

nenhum com relação a isso. Existe um objetivo comum e esse, pra mim, é irrevogável: a aula saudável, produtiva, alegre, que ande para frente. Se chega alguém objetivando tumultuar esse equilíbrio, eu resolvo o problema de duas formas: ou através do diálogo (que eu prefiro) ou através da aplicação direta das regras da escola. O que eu não faço é perder o tempo dos alunos que estão interessados em estudar com pessoas que aparecem na escola somente pra tentar aparecer com palhaçadas descabidas ou falta de respeito com quem quer que seja.

O problema é que às vezes temos que fazer trabalho de psicólogo com certas pessoas, mas eu não sou psicólogo. Então, a coordenação é a instância a qual recorro nesses momentos de maior dificuldade. Na escola onde trabalho eu percebo um proximidade legal com a coordenação e isso é muito positivo. Porém, nem sempre as coisas acontecem como seria ideal, mas quem foi que disse que o ideal é o meu ideal? O apoio da direção é fundamental nesse processo do limite. Há uma aula a ser dada para aqueles que querem ter aula, e disso eu não abro mão. Temos um objetivo principal na sala de aula que é o desenvolvimento do conteúdo e das relações de respeito entre as pessoas. A partir do momento em que alguém ultrapassar o limite em termos de conversa e outras atitudes que atrapalhem aqueles que estão na sala para estudar, cabe ao professor organizar novamente o ambiente. Não há necessidade de ser ríspido, grosseiro e sim, firme e convicto de que aquela ação tem como objetivo o bem comum e o bom andamento da aula. Claro que, às vezes, tenho vontade de esgoelar uma criatura, mas é nesse momento que devemos mostrar que temos equilíbrio e lidar com a situação. O limite incontestável do bom senso, do respeito às questões pessoais e do bom ambiente em sala de aula. O afeto, o aproximar-se é fundamental, mas jamais se envolver em questões que fujam ao objetivo da aula. Temos contato com muitas pessoas e, na verdade, não sabemos muitas vezes com quem estamos lidando. Uma palavra mal colocada ou um comentário desprezioso pode surtir um efeito devastador. A interpretação é uma coisa pessoal, subjetiva, por isso temos que manter claro o discernimento e estabelecer os limites no campo do respeito, acima de tudo.

Há também a situação do aluno debochado, sarcástico e esse é o mais perigoso, pois tem em sua índole o desejo de tumultuar e testar a paciência do professor. Confesso que tenho dificuldade com esse tipo de situação, mas geralmente acabo por resolvê-la com diálogo e aproximação até fora da sala de aula se necessário.

No momento em que alguém deve retomar as questões de disciplina, atenção, ou no momento em que estamos expondo algum conteúdo, o professor deve agir como coordenador das ações na sala de aula. Mandar? Talvez não seja o termo e sim, coordenar, organizar a aula e o ambiente comum. Mas é claro que há situações mais difíceis e nessas

horas, o pulso firme e decidido fazem a diferença. Já cansei de escutar de vários colegas: não consigo dar aula naquela turma! Eu costumo dizer que quem coordena a sala de aula e a aula em si é o professor. Há sim, na minha opinião, uma hierarquia a ser respeitada porque eu estou preparado para resolver essas questões, não o aluno. Essa hierarquia não precisa ser ditatorial. Pode ser tranqüila e ser aceita sem problemas, pois depende do jeito que a abordarmos e a aplicarmos.

Teve um dia em que eu briguei com um aluno em aula. Ele me chamou de louco e mandei-o pra direção, aquelas coisas horríveis que me fazem um mal danado. Num outro dia, ele apareceu em aula atrasado e pediu pra entrar, jurando que eu não ia deixar. Eu fui até a porta e disse o seguinte: Hoje tem um trabalho importante e eu não quero que tu fiques com nota baixa. Entra que eu vou te ajudar com o trabalho. Tu tens dicionário contigo? Se tu não tens, eu empresto o meu. Trata de te puxar para ficar com uma nota “animal” nesse bimestre. Resultado: o Victor é hoje um aluno maravilhoso, e muito meu amigo.

Como toda a escola, aqui tem turmas muito agitadas. Agora, tem uma coisa que me tira do sério e me incomoda demais: é o aluno que já fez curso fora em outras escolas, querendo coordenar as coisas de sala de aula. Quem coordena a minha sala de aula sou eu e não abro mão disso. Por exemplo: ah, professor, eu já conheço esse texto da revista tal e é muito chato! Isso é um “balde de água fria” que agente toma. Isso me balança, é um toquezinho que me faz perguntar a mim se eu não estou agradando. Todo mundo tem medo de não agradar. Eu pergunto aos alunos se eles estão gostando do que nós estamos fazendo. Se eles disserem que não, eu mudo e busco coisas mais agradáveis, porém, há assuntos que fazem parte do conteúdo e não são muito agradáveis, mas nós temos que dar. Não custa nada mudar quando possível. Eu não tenho problema algum em dizer que fiz alguma coisa errada ou não está funcionando e eu vou fazer de outro jeito.

As regras são adequadas e é claro que, ao longo do semestre, algumas coisas vão afrouxando e outras apertando, uma questão de adequação. Eu confesso que se a pessoa estiver com a intenção de entrar na sala de aula e está com o lanche na mão, eu digo: termina de comer no corredor e entra. Eu quero os alunos dentro da sala de aula.

Os alunos trazem para a sala de aula um pouco da família e ainda mais adolescentes, que são emocionalmente instáveis, indo de um extremo ao outro. O aluno pode não ter a menor idéia se um dia vai conseguir pagar a sua luz, sua água, o supermercado. Quando eu entrei na faculdade, pensava como é que um dia eu iria conseguir trabalhar, ter dinheiro para sustentar uma casa. Eu não acreditava que um dia eu ia conseguir tudo isso. Eu acho que muito dessa insegurança, dessa revolta dos adolescentes, dessa inconstância é o

fato das pessoas pensarem que nunca vão ser nada. É o que eles pensam e é o que eu pensava. Eu nunca vou conseguir tomar conta de mim sozinho. Esse pode ser um dos maiores dramas dessa fase.

Eu tenho a preocupação com a sala de aula, de estar ensinando, aprendendo com eles. Eu prefiro trabalhar dois conteúdos e bem do que diversos superficialmente. Há escolas em que a média é sete e é muito simples chegar ao sete e pode corresponder ao cinco a que os nossos alunos chegam.

O entusiasmo e o preparo são ferramentas indispensáveis, juntamente com a didática para que o processo se desencadeie com qualidade. Eu não sou louco de ir para a sala de aula sem ter estudado o material que eu pretendo trabalhar com meus alunos. É claro que erramos ou cometemos equívocos, mas estudar e preparar a aula com responsabilidade evita situações embaraçosas. Podemos cometer tais falhas, mas se estivermos preparados psicologicamente e tecnicamente, esses erros podem ser bastante reduzidos.

Se eu ensinar o que há de bom em mim eu conseguirei conquistar as mentes e os corações para que recebam com mais qualidade o que eu sei. O que adquirimos em termos de conhecimento é muito importante no processo de ensino e aprendizagem. Penso que o que somos pode ser a chave dada aos nossos alunos que abrirá as mentes para nos receber ou a tranca que nos impedirá o acesso. Penso que ao ensinar o que sabemos pode ser muitas vezes o que se está aprendendo no momento da aula. Tenho convicção de que muito do que sei hoje na minha disciplina eu aprendi dando aula, estudando, traduzindo. Surpreendo-me ao conseguir ensinar a mim mesmo e aos outros simultaneamente.

Cabe ao professor oferecer um bom ensino. Falo no dueto didática-preparo. A Didática é um processo pelo qual o professor torna acessível o conhecimento de forma clara, consciente e democrática aos alunos e os meios pelos quais eles desenvolverão seu raciocínio e sua inteligência. Devemos ser facilitadores, mas não no sentido simplista e apadrinhador do termo.

Eu não estou nem aí para o aluno que reprovou diversas vezes. Eu pergunto: Como é que tu te sentes na minha disciplina: Forte? Fraco? Se ele respondeu fraco, eu digo perfeito, vou te fazer ficar bem melhor. Quando os alunos fracassam, eu costumo dar uma sacudida nessas criaturas e digo sempre: Se tu estás te achando pior do que alguém, trata de começar a acreditar em ti mesmo, pois tu és fundamental pra ti, muito mais do que para os outros. Entendo que, de tanto a gente acreditar no próprio insucesso, ele acaba vindo e envolvendo nossas vidas de forma inexorável.

Uma sala de aula é estéril com mesas, cadeiras, quadros, recursos. Isso não é o ambiente deles. Por isso é importante tentar construir um ambiente agradável dentro da sala de aula, porque onde estamos nos sentindo bem, estamos felizes. É interessante contar alguma coisa que aconteceu contigo. Às vezes, a gente abre uma gavetinha de um assunto que não tinha nada a ver com o conteúdo e o aluno também se sente à vontade, mas não é nada planejado. A sala de aula tem que ser um ambiente onde as pessoas conversam, têm diálogo, vivem, trocam experiências. É preciso ter esse momento em sala de aula.

Quando inicia o semestre, eu entro na sala e tento interagir com quem está me dando mais abertura. Algumas pessoas demoram, e isso é a confiança que aos poucos vai acontecendo. Eu acho que os nossos alunos são afetivos e carentes de afeto ao mesmo tempo. Eu percebo isso ao chegar em cada um deles, que eles permitem abertura. Raros são os alunos mais introspectivos, que são realmente adolescentes. Eu paro e fico ali observando que parecem umas crianças grandes. Há muita criança dentro dos adolescentes.

Penso que o modo de se dizer algo às vezes é tão importante quanto a própria coisa dita. Penso que com educação, urbanidade e firmeza a aplicação do poder é vista até com simpatia e demonstração de organização. Há um objetivo para o bem comum. A aula bem pensada e bem dada é que acresce o processo de aprendizagem. O poder do professor é instrumento importante, mas não fundamental no processo. Há aulas em que a única preocupação é ensinar e trocar conhecimento. A demonstração do poder do professor fica evidente por não haver necessidade de aplicá-lo. O aluno precisa nos ver vivendo a sala de aula com intensidade, aí ele também verá a escola da mesma forma.

Acho que somos o centro das atenções e temos que saber usar isso ao nosso favor sempre. Quero despertar o interesse naquilo que eu passo e se para isso precisar usar as armas que eu tenho, eu as usarei. Hoje sou mais organizado e sei lidar muito melhor com as situações que surgem. No passado, eu não sabia lidar com acontecimentos mais difíceis. como conversa em demasia na sala de aula, mas hoje trabalho essas questões mais nevrálgicas com mais tranquilidade e pensando sempre no objetivo principal que é o desenvolvimento de uma aula com qualidade.

Claro que não podemos agradar a todos, mas no momento em que estamos em um ambiente comum e não em uma aula particular, todos devem adequar-se ao que está sendo estudado. Alguns já possuem conhecimento prévio sobre determinado assunto, mas isso faz parte da heterogeneidade das turmas que temos. O aluno deve sim questionar, participar, interagir, mas quem ministra a aula e coordena as ações e o trabalho com os conteúdos somos nós, professores, que estudamos e nos preparamos para isso.

Eu sou muito mais coração do que razão, e acho isso ótimo, pois tenho cristalina em mim a idéia de que educar é, antes de tudo, conquistar a pessoa, o ser humano, a alma. Conquistada a simpatia e o afeto de alguém, o trabalho de ensinar e educar torna-se mais fácil, mais prazeroso, baseado evidentemente em conhecimento do conteúdo e didática simples e objetiva, mas ao mesmo tempo, perscrutadora e curiosa. Como tenho um humor sempre presente, uso isso a meu favor e a favor dos alunos. Brincar também é educar e ensinar. Há muito passou o tempo do professor sobre um pedestal inalcançável. Sou alguém assim, com defeitos e acertos, mas com vontade sincera de acertar mais. Minha imagem foi construída sobre meus parâmetros e nunca me inspirei em ninguém para ser quem sou e o profissional que sou, mas com certeza sou assim porque faço questão de agir com espontaneidade e veracidade em relação às coisas nas quais acredito.